



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

PEDRO DE JESUS ROSA SOUSA

**Pré-Seminário de Lisboa:
Uma Proposta de Discernimento Vocacional ao Sacerdócio**

Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor António Matos Ferreira

**Lisboa
2022**

ÍNDICE

Resumo	5
Siglário.....	6
Introdução	8
Capítulo 1: A criação do Pré-Seminário de Lisboa na problemática da formação para o sacerdócio.	12
1.1 1982 – Criação Canónica.....	12
1.2 Procura de uma Identidade Vocacional	12
1.3 Vocação ao Sacerdócio e Pré-Seminário	16
1.4 O Seminário e a Problemática do Recrutamento	21
1.5 <i>Optatam Totius</i> – Documento Basilar na Reconfiguração da Problemática da Formação ao Sacerdócio.....	24
1.6 <i>Pastores Dabo Vobis</i> – Documento Estruturante na Aplicação do Concílio	27
1.7 <i>Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis</i> – Normas Concretas à Formação ao Sacerdócio.....	31
1.8 <i>Bases para a Pastoral Vocacional</i> – Contexto Português.....	33
1.9 Normas para os Seminários Portugueses	36
1.10 Congresso Internacional de Bispos e Outros Responsáveis pelas Vocações Eclesiásticas e Sínodo sobre o Discernimento Vocacional	38
Capítulo 2: Contexto do Patriarcado de Lisboa. Antecedentes Históricos da Ereção Canónica do Pré-Seminário de Lisboa	41
2.1 Obra das Vocações e dos Seminários	41
2.2 Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações	45
2.3 Seminários Diocesanos	52
2.3.1 Do Seminário Patriarcal de Lisboa ao Seminário de Santarém	52
2.3.2 Seminário de Cristo-Rei dos Olivais	53
2.3.3 Seminário de Almada	55
2.3.4 Seminário Liceal de Penafirme.....	57
2.3.5 Seminário de São José de Caparide	59

2.3.6 Seminário Redemptoris Mater	61
2.4 Pastoral Juvenil	61
2.4.1 Centro de Animação da Pastoral Juvenil	61
2.4.2 Assembleias de Jovens	62
2.4.3 Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil	63
2.5 Antevésperas da Ereção do Pré-Seminário	63
Capítulo 3: O Pré-Seminário de Lisboa: a forma como se organizou, da fundação à atualidade	65
3.1 Fundação	65
3.2 Correspondências	66
3.2.1 Correspondência com os Rapazes	66
3.2.2 Correspondência com os Pais	71
3.2.3 Correspondência com os Padres	74
3.2.4 Correspondência com Outras Entidades	75
3.3 Organização Interna	76
3.3.1 Equipas Formadoras e de Animação	76
3.3.2 Encontro de Padres e Animadores	77
3.3.3 Processo de Admissão	78
3.3.4 «A Caminho»	79
3.3.5 Conselho de Pais	79
3.3.6 Identidade	80
3.4 Oferta Formativa	81
3.4.1 Itinerário Pessoal	81
3.4.2 Itinerário em Grupo	82
3.5 Reuniões dos Padres dos Seminários e Pré-Seminário	84
3.6 Relação com a Diocese e as suas Instituições: Secretariado Diocesano da Catequese	85
Conclusão	87

Bibliografia	91
Fontes.....	91
Magistério	93
Periódicos	94
Estudos e Ensaios	97
Anexos	100
A. Entrevista ao cônego Armando Duarte.....	100
B. Tabela com a distribuição do número de pré-seminaristas por paróquias, no início do ano letivo de 1983/1984	106
C. Tabela com a distribuição dos pré-seminaristas por grupos vocacionais, nos anos letivos de 1986/1987 e 1987/1988	107
D. Tabela com a distribuição dos pré-seminaristas por ano escolar no ano letivo de 1992/1993	107
E. Tabela provisória de pré-seminaristas para o ano letivo de 2003/2004.....	108
F. Tabela com a distribuição do número de pré-seminaristas por paróquias, no ano letivo de 2011/2012	109
G. Tabela com a distribuição dos pré-seminaristas por grupos vocacionais, nos anos letivos de 2015/2016 e 2016/2017	110

RESUMO

O Pré-Seminário de Lisboa foi erigido canonicamente em 1982 pelo Cardeal Ribeiro, no contexto histórico do pós-Concílio Vaticano II e da democratização em Portugal. Numa altura em que se punha em questão os Seminários Menores e em que a Diocese carecia de instrumentos de acompanhamento vocacional para os adolescentes, a criação do Pré-Seminário de Lisboa procurou ser uma resposta pastoral muito concreta a esta problemática. Através de encontros todos os meses e sobretudo nas férias escolares, de uma oferta formativa pessoal e em grupo, o Pré-Seminário procurou munir os rapazes que se sentiam chamados ao sacerdócio das ferramentas necessárias ao discernimento. Ao longo da dissertação, procuramos explicar os antecedentes históricos do contexto lisiponense e a reflexão realizada pelo Magistério neste âmbito. São estas as bases da fundação do Pré-Seminário no Patriarcado de Lisboa. Estudamos ainda, neste trabalho, a forma como internamente se organizou esta instituição.

PALAVRAS-CHAVE

Pré-Seminário, Acompanhamento Vocacional, Encontros Vocacionais, Sacerdócio, Seminários, Formação para o Sacerdócio, Vocação Sacerdotal, *A Caminho*, *Campanários*, Vocação na Adolescência, Discernimento, Pastoral Vocacional, Patriarcado de Lisboa.

ABSTRACT

The Pre-Seminary of Lisbon was canonically erected in 1982 by Cardinal Ribeiro, in the historical context of the post-Vatican II Council and Portugal's democratization. In a time when Minor Seminaries were in question and the diocese lacked vocational follow-up instruments for teenagers, the creation of the Pre-Seminary of Lisbon tried to be a concrete pastoral answer to this problem. Through meetings, every month, especially on school vacations and through a personal and group formation offering the Pre-Seminary attempted to equip the boys who felt called to the priesthood with the necessary tools for discernment. Over the dissertation, we attempted to explain the historical ancestors of the Lisbon context and the Magisterium's reflection on this matter. These are the foundational bases of Lisbon's Pre-Seminary. In this document, we also study how the institution was internally organized.

KEYWORDS

Pre-Seminary, Vocational Follow-up, Vocational Encounters, Priesthood, Seminaries, Formation to Priesthood, Priesthood Vocation, *A Caminho*, *Campanários*, Adolescence Vocation, Discernment, Pastoral Vocation, Patriarchy of Lisbon.

SIGLÁRIO

- AC – Ação Católica
- BDP – *Boletim Diocesano de Pastoral* (Patriarcado de Lisboa)
- BPV – *Bases para a Pastoral Vocacional* (Conferência Episcopal Portuguesa)
- CAPJ – Centro de Animação da Pastoral Juvenil (Patriarcado de Lisboa)
- CEP – Conferência Episcopal Portuguesa
- CIVMA – Centro Inter-Vicarial de Ministrantes do Altar (Patriarcado de Lisboa)
- CV – *Christus Vivit* (Papa Francisco)
- DC – *Documento Conclusivo* (II Congresso Internacional de Bispos e Outros Responsáveis pelas Vocações Eclesiásticas)
- DPVIP – *Desenvolvimento da Pastoral das Vocações nas Igrejas Particulares* (Pontifícia Obra das Vocações Eclesiásticas)
- DVP – *Dom da Vocação Presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* (Congregação para o Clero)
- EE – *Ecclesia in Europa* (Papa João Paulo II)
- EP – Encontro de Padres (Pré-Seminário de Lisboa)
- EPA – Encontro de Padres e Animadores (Pré-Seminário de Lisboa)
- GAPV – Grupo de Apoio à Pastoral das Vocações (Patriarcado de Lisboa)
- LG – *Lumen Gentium* (Concílio Ecuménico Vaticano II)
- MN – *Menti Nostrae* (Papa Pio XII)
- NFFS - *Normas Fundamentais para a Formação Sacerdotal nas Dioceses Portuguesas* (Conferência Episcopal Portuguesa, 1992)
- NFS – *Normas Fundamentais para a Formação Sacerdotal nas Dioceses Portuguesas* (Conferência Episcopal Portuguesa, 1981)
- NGSP – *Normas Gerais para os Seminários Portugueses* (Conferência Episcopal Portuguesa)
- NMI – *Novo Millenio Ineunte* (Papa João Paulo II)
- OT – *Optatum Totius* (Concílio Ecuménico Vaticano II)
- OVS – Obra das Vocações e dos Seminários; Obra das Vocações Sacerdotais
- PAP – *Plano de Ação Pastoral* (Patriarcado de Lisboa)
- PAPV – *Plano de Ação de Pastoral das Vocações* (Patriarcado de Lisboa)
- PDV – *Pastores Dabo Vobis* (Papa João Paulo II)
- PESM – Plano de Estudos para o Seminário Maior (Conferência Episcopal Portuguesa)

RFIS – *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* (Congregação para a Educação Cristã)

SDPJ – Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil (Patriarcado de Lisboa)

SDPV – Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações (Patriarcado de Lisboa)

UCP – Universidade Católica Portuguesa

INTRODUÇÃO

A vocação é um chamamento de Deus, um encontro entre um convite e uma resposta, entre um apelo e um seguimento, entre um «chamador» e um «vocado». A vocação alimenta-se, discerne-se, descobre-se, responde-se. São dimensões que levam o Homem a pôr-se à escuta da voz de Deus, a sair do seu espaço e a interrogar-se: «Serei eu, Senhor?»; «É a mim que me chamas?»

Desta forma, a vocação necessita de acompanhamento, não se descobre virado para si próprio, não se discerne na visão individualista da vida. Por isso, o caminho do discernimento requer docilidade, escuta, humildade, capacidade de ouvir outros. São aspetos que nos mostram como na vocação o Homem necessita da Igreja, da mãe que fala, que acompanha, que orienta, que ajuda cada fiel a ler os sinais. A vocação de um cristão nasce no seio da comunidade e fomenta-se na vida fraterna. Mais, a vocação projeta o ser humano para o lugar a assumir na comunidade, a descobrir aquilo a que é chamado a ser dentro do corpo que é a Igreja.

Para que tudo concorra para este discernimento, a Igreja oferece momentos fortes, lugares concretos, pessoas dedicadas a este acompanhamento. Daqui surgem os campos de férias vocacionais, os grupos vocacionais, os encontros de discernimento, os momentos de formação sobre a vocação, as catequeses vocacionais...entre tantas outras ofertas.

Escolhemos, por isso, como tema de estudo para esta dissertação o Pré-Seminário, concretamente o Pré-Seminário de Lisboa. Isto é, a instituição que existe na Igreja para acompanhar, num tempo prévio ao Seminário, o discernimento dos rapazes que se perguntam sobre a sua vocação e que põem a hipótese de Deus os chamar ao sacerdócio – daí que tenhamos escolhido para título deste trabalho: «Pré-Seminário de Lisboa: Uma Proposta de Discernimento Vocacional ao Sacerdócio». Como poderemos concluir da leitura desta tese, o discernimento é a marca de todo o trabalho desta instituição: acompanhar e ajudar a discernir os caminhos de Deus para cada rapaz.

Certos de que poderíamos estudar este tema a partir de várias perspetivas, como por exemplo, a sociológica, mas também a pastoral, a antropológica, a psicológica e até a pedagógica, optámos pela abordagem histórica. O presente trabalho estuda o Pré-Seminário de Lisboa, naqueles que são os seus quarenta anos de existência no Patriarcado de Lisboa – efeméride comemorada precisamente neste ano em que apresentamos a dissertação. Mas, tal como com outras realidades da Igreja, o Pré-Seminário tem um contexto que o explica, uma reflexão prévia que o fundamenta, e um tempo específico que o situa cronologicamente, a partir de experiências bastante concretas. Portanto, o que aqui apresentamos nesta dissertação é o cruzamento do Magistério, dos acontecimentos históricos e das experiências realizadas.

Para entender esta problemática urge ter presente que o surgimento do Pré-Seminário de Lisboa se insere no contexto do processo da democratização da sociedade portuguesa, no período do pós-Concílio Vaticano II, na época onde a identidade do padre está posta em causa e em que se verifica um corte com os paradigmas anteriores. Há, desta feita, uma nova mentalidade a surgir, uma nova forma de abordar a problemática, uma nova forma de comunicar com os adolescentes, que agora já não se apresentam como um grupo muito grande – como iremos ver já não estamos perante os mais de 100 alunos que chegaram a compor os Seminários Menores.

O presente trabalho é composto por três capítulos, que nos permitem gradativamente aprofundar a história do Pré-Seminário de Lisboa e refletir sobre a problemática da formação para o sacerdócio. O primeiro capítulo, intitulado «A criação do Pré-Seminário de Lisboa na problemática da formação para o sacerdócio», centra a nossa atenção em dois aspetos. Por um lado, procura esclarecer e definir os conceitos essenciais à problemática em estudo, concretamente o de vocação, o de discernimento, o de sacerdócio, o de Seminário, mas também a própria noção de Pré-Seminário. Por outro lado, faz-nos reconhecer o que nos ensina o Magistério da Igreja sobre o Pré-Seminário, enquanto instituição do discernimento vocacional ao sacerdócio. Tomando como ponto de partida o Concílio Ecuménico Vaticano II, analisamos aqueles documentos que, tanto para a Igreja Universal como para a Igreja Portuguesa e especificamente para a Igreja de Lisboa, aprofundam esta temática e a relacionam com a problemática do acompanhamento vocacional em ordem ao sacerdócio. Delimitando em períodos históricos esta análise, podemos concluir que estudamos desde o Concílio Ecuménico Vaticano II, ou seja de 1962-1965, ao Magistério no Pontificado do Papa Francisco (de 2013 à atualidade).

Definidos os conceitos e conhecendo os ensinamentos da Igreja, no segundo capítulo dedicamo-nos ao contexto lisiponense. Assim, num capítulo intitulado «Contexto do Patriarcado de Lisboa. Antecedentes Históricos da Ereção Canónica do Pré-Seminário de Lisboa», fazemos memória da história dos Seminários de Lisboa e das instituições que estiveram relacionadas com o Pré-Seminário de Lisboa nas antevésperas da sua ereção canónica. Deste capítulo destacamos ainda um subcapítulo dedicado ao Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, abordando de uma maneira sintética a forma como a problemática vocacional assumiu relevo na esfera diocesana. Muito concretamente, dentro deste subcapítulo, analisamos o *Plano de Ação de Pastoral das Vocações*. Trata-se de um plano que o Patriarcado de Lisboa elaborou e que resume bem toda a problemática vocacional, onde se levanta a questão dos Seminários Menores e se diz faltar uma instituição para acompanhar os jovens que se sentem chamados ao sacerdócio.

Por fim, apresentamos um terceiro capítulo, nomeado «O Pré-Seminário de Lisboa: a forma como se organizou, da fundação à atualidade». Este é o capítulo que mais especificamente analisa a concretização do Pré-Seminário de Lisboa. Indo às fontes históricas e refletindo sobre os aspetos essenciais desta ferramenta de discernimento oferecida pelo Patriarcado, apresentamos um percurso que parte da correspondência trocada por esta instituição com os rapazes, os pais, os padres e ainda outras entidades.

Não analisamos exaustivamente cada período do Pré-Seminário, nem muito menos nos centramos numa análise estatística dos números de rapazes acompanhados ou de encontros realizados. A nossa preocupação ao longo do terceiro capítulo prende-se com o facto de querer evidenciar quais foram as linhas mestras que conduziram a realização do trabalho deste organismo da Diocese Oisiponense. Além disso, quisemos ainda fazer um desenho da oferta formativa facultada aos rapazes que contactam com esta realidade.

Para a realização deste estudo consultámos as fontes diretas do Pré-Seminário de Lisboa, ou seja, toda a documentação que esta instituição possui em arquivo e que está na sua posse. Este arquivo, situado no Seminário de Penafirme em Torres Vedras, é composto por cartas, relatórios, brochuras, catequese, guiões de atividades, planos de ação, fichas de inscrição, faturas e recibos, bem como os anuários e o jornal «A Caminho». Todavia, ainda que diverso, não está completo. Infelizmente, muita da documentação a que temos acesso corresponde apenas a três décadas da existência desta instituição. O período que vai da criação até 1992 (falando em décadas) é muito parco em documentos, sendo mesmo nulo relativamente a alguns tópicos, como fichas de inscrição e relatórios.

Além desta documentação, procurámos ainda ir ao encontro de vários padres que em conversas informais nos foram contando as suas memórias sobre o trabalho realizado por esta instituição, nos seus diversos períodos históricos. Na base desta dissertação encontra-se ainda uma entrevista inédita ao cônego Armando Duarte, fundador do Pré-Seminário de Lisboa. Esta entrevista foi realizada por nós na Basílica dos Mártires durante o decorrer deste estudo e é apresentada na íntegra nos anexos deste trabalho. Constam ainda, nos anexos desta dissertação, algumas tabelas que nos permitem conhecer alguns dados estatísticos do Pré-Seminário – não sendo nosso objetivo refletir sobre os dados quantitativos do Pré, parece-nos útil apresentar números concretos que ajudam a esboçar também a história desta instituição. Estas tabelas permitiram-nos também desenvolver as conclusões que apresentamos ao longo do texto.

Procurámos ainda percorrer os jornais católicos da época, bem como pequenos folhetos informativos que não sendo da autoria desta instituição nos fazem conhecer a história do Pré-Seminário. Para isso consultámos o Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa, situado no Mosteiro de São Vicente de Fora, no qual lemos diversos números do jornal *Voz da Verdade*,

bem como do jornal *Sinal*. Dentro deste mesmo mosteiro, consultámos o Arquivo do Sector da Catequese do Patriarcado de Lisboa, que guarda a coleção completa do jornal *Raiz* e de outros pequenos jornais ou folhas informativas, como o *Sinal* e a *Voz da Catequese* – citados no corpo deste trabalho.

Em suma, com esta tese queremos fazer memória, queremos perguntar de onde vem e qual é a sua história, queremos recordar o que se fez e como se fez. Com esta tese queremos contar a história de quarenta anos da existência do Pré-Seminário, queremos fazer uma memória agradecida de quantos se entregaram pastoralmente para levar a cabo a missão desta instituição. Não se trata de recordar um mero acontecimento do passado, mas de compreender o presente a partir do contexto histórico. Estudar hoje este tema parece-nos por isso de suma importância, pois hoje – como também afirmaremos no primeiro capítulo – vivemos períodos de uma crise vocacional, onde urge deixar ecoar de novo o chamamento de Jesus: «Vem e segue-Me».

CAPÍTULO 1: A CRIAÇÃO DO PRÉ-SEMINÁRIO DE LISBOA NA PROBLEMÁTICA DA FORMAÇÃO PARA O SACERDÓCIO.

1.1 1982 – CRIAÇÃO CANÓNICA

Quis o Patriarca de Lisboa, o Cardeal António Ribeiro, criar o Pré-Seminário de Lisboa em 15 de agosto de 1982, como um serviço diocesano com o objetivo de «acompanhar a formação vocacional dos pré-adolescentes e adolescentes com sinais de vocação sacerdotal»¹.

O mesmo decreto nomeou como primeiro diretor o padre Armando Duarte e definiu como sede provisória a Capela de Nossa Senhora da Conceição da Carreira, na rua Gomes Freire, em Lisboa. Faz ainda menção este documento canónico de que se poderia usar os diferentes edifícios dos Seminários da Diocese de Lisboa, bem como do Seminário Liceal de Penafirme – que na época não funcionava como Seminário diocesano – e de outras instituições diocesanas, como o Colégio Ramalho Ortigão, nas Caldas da Rainha, para as atividades que o Pré-Seminário viesse a programar.

Pretendeu ainda o Cardeal-Patriarca D. António versar sobre três outros aspetos no decreto. Em primeiro lugar, deixou o mandato para que os párocos e outros agentes pastorais que reconhecessem sinais vocacionais nos rapazes que acompanhassem os encaminhassem para o Pré-Seminário. Outro aspeto, que quis mencionar, diz respeito ao facto de estabelecer que o diretor do Pré-Seminário tinha o dever de apresentar o candidato ao Seminário Vocacional de Almada, quando o achasse apto. Por fim, conclui a ereção canónica do Pré-Seminário, incitando a uma boa relação entre esta instituição e os Seminários diocesanos, bem como com «os secretariados diocesanos da catequese e do ensino religioso na promoção de atividades pastorais destinadas a descobrir e a cultivar germes de vocação sacerdotal e de vida consagrada, nos pré-adolescentes e adolescentes»².

1.2 PROCURA DE UMA IDENTIDADE VOCACIONAL

Para percebermos o que é o Pré-Seminário, em que contexto surgiu e como se organizou, importa antes de mais ter um conceito bem definido e bem presente no nosso pensamento, trata-se da noção do que é a ‘vocação’ e, concretamente, a vocação ao sacerdócio. Muitas definições

¹ António Ribeiro, «Decreto da Criação do Pré-Seminário», 15 de agosto de 1982, Pasta: Decretos de 1982, Arquivo Corrente da Chancelaria do Patriarcado de Lisboa.

² Ribeiro.

seriam possíveis, não só porque muito já se disse sobre este tema³, mas também porque ele tem uma grande abrangência.

Para alguns, vocação podia ser definida como aquilo que a pessoa faz e para o qual tem jeito, melhor dizendo, habilidade, ou também chamado de talento – esta é uma definição clássica e ouviu-se sobretudo no âmbito da vida profissional, da pedagogia e da psicologia.⁴ Nas palavras de um formador do Pré-Seminário, «a vocação está tantas vezes reduzida ao jeito, à capacidade e ao gosto»⁵.

Por outro lado, a vocação a nível espiritual tem um sentido mais profundo, não estando dependente de uma inclinação natural, mas sim de um chamamento de Deus.⁶ Todavia, não quer isto dizer que não haja no candidato ao sacerdócio aptidões e dons ditos naturais que conduzam ao reconhecimento da vocação dada por Deus. Por outras palavras, há também uma dimensão humana que deve ser lida em conjunto com a eleição divina.⁷

Também no âmbito da fé a vocação é um conceito lato, pois permite ser lido a partir de temáticas diferentes. Isso é testemunhado pelas diversas abordagens que dicionários de ramos diferentes da Teologia nos apresentam, vejamos por isso alguns breves exemplos.

Se consultarmos o *Dicionário de Teologia Moral* da Editora Paulus encontramos a entrada sobre a vocação lida a partir de aspetos antropológicos e sociológicos, relacionados sempre com o discernimento vocacional. Conclui este mesmo verbete que «a reflexão teológica sobre este tema tem-se aprofundado muito neste período pós-conciliar, estimulada pelo Vaticano II, pela crescente autoconsciência vocacional da Igreja e, não menos, pelas amplas problemáticas sugeridas como consequência da crise das vocações específicas»⁸ – crise esta que aconteceu de forma evidente entre o fim dos anos 60 e o início dos anos 80 do século

³ Comprova esta tese as inúmeras obras associadas à palavra-chave «vocação» existentes em catálogos online de diversas bibliotecas. Por exemplo, no Catálogo da Biblioteca Universitária João Paulo II da Universidade Católica Portuguesa podem ser consultados 203 registos para esta palavra-chave (Cf. <https://hip.lisboa.ucp.pt/>, acessado a 9 de novembro de 2020).

⁴ Leia-se a este propósito a entrada do *Dicionário de Pedagogia* de Mauro Laeng sobre *Vocação*: «O termo é usado na nossa língua sobretudo para indicar a inclinação, apoiada por adequadas aptidões, para uma atividade de particular relevo ético. [...] O vocábulo todavia tem adquirido noutras línguas um significado mais genérico; em alemão, *beruf*, literalmente “chamada”, quer dizer “profissão”; em inglês, *vocational* quer dizer “profissional”. Tem-se discutido bastante sobre o fator inato e apriorístico a que se refere a dita vocação: se ela é produto de uma intervenção transcendente [...] ou o fruto da constituição e do carácter, ou o resultado deste e das condições ambientais». Mauro Laeng, «Vocação», em *Dicionário de Pedagogia*, Informação e Cultura 3 (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978), 261.

⁵ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Pais», 20 de dezembro de 2010, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

⁶ Cf. Tullio Citrini, «Vocação (Teologia da)», em *Dicionário de Orientação Vocacional* (Prior Velho: Paulinas, 2008), 1446–57.

⁷ Para compreender a relação entre as aptidões e a vocação ao sacerdócio, recomendamos a leitura da seguinte obra: João A. Nabais, *Contribuição da Psicologia Moderna e da Pedagogia para a Seleção e Orientação das Vocações Sacerdotais: Experiência Feita na Arquidiocese de Évora* (Lisboa: União Gráfica, 1951).

⁸ Enrico Masseroni, «Vocação e Vocações», em *Dicionário de Teologia Moral*, Dicionários (São Paulo: Paulus, 1997), 1316.

passado⁹ e que terá, por exemplo, na vocação ao sacerdócio consequências no número de alunos que frequentaram os Seminários e que são ordenados padres.¹⁰

Por outro lado, consultando um dicionário de Mariologia¹¹, não encontramos uma entrada específica sobre a vocação, mas outras que abordam a temática pela via mariológica – algo que certamente não estranhemos dado que Maria é sem dúvida um paradigma de alguém que é chamado por Deus. Por seu turno, num dicionário de Espiritualidade deparamo-nos com uma entrada sobre a vocação que afirma: «as páginas que seguem falam da vocação ou chamamento no geral [... destacando] as posições encontradas de não rara relevância para a espiritualidade»¹².

Por fim, consultámos ainda um dicionário de Bíblia. Nele encontramos longas explicações sobre a vocação, não só por ser uma palavra usada inúmeras vezes, mas também porque são vários os episódios vocacionais existentes nas narrativas bíblicas. Exemplificando, este mesmo dicionário bíblico começa assim a sua entrada sobre a vocação: «o verbo hebraico qr' (chamar, clamar) pertence aos verbos mais frequentes e mais significativos do Antigo Testamento»¹³. Deste modo, percebe-se a importância de ter por base as narrativas que a Bíblia nos apresenta dos encontros entre Deus e o Homem para se realizar um estudo sistemático da teologia vocacional.¹⁴

Escolhemos escrever uma definição de vocação que pensamos sintetizar o que lemos e também o que já apresentámos como definições em várias obras e que se estrutura a partir da teologia da vocação. Assim, vocação é um chamamento de Deus, que impele o Homem a sair

⁹ Esta crise deve ser estudada a partir de diversas áreas do saber. Por exemplo, requer um aprofundamento antropológico, mas também sociológico, sobre Portugal e a Europa nestes anos para se poder compreender os diversos movimentos sociais vigentes, mas também uma reflexão eclesial e histórica para também intuir as mudanças que se fizeram sentir na Igreja nessas mesmas décadas. Logo, por ser um assunto marginal ao centro da nossa problemática apenas o mencionámos aqui e apenas a ele nos voltaremos a referir no II capítulo aquando da análise do contexto do surgimento da instituição em estudo.

¹⁰ A fim de sustentarmos o exemplo que demos, vejamos apenas três exemplos do Magistério em três décadas diferentes do século passado: «Em relação ao clero, vem a propósito uma palavra acerca dos Seminários, cuja frequência é hoje tão reduzida. Quem conhece o número de alunos que ali vivem não pode deixar de se interrogar sobre a escassez de sacerdotes para o dia de amanhã.» António Ribeiro, *Linhas de Orientação Pastoral - Discurso ao Clero em 19 de junho de 1972*, Documentos Episcopais (Lisboa: União Gráfica, 1972), § 6. «Um dos problemas mais prementes da nossa Diocese: o da escassez das vocações e ordenações sacerdotais nas últimas décadas.» António Ribeiro, «Excelência e Necessidade do Ministério Sacerdotal», *Vida Católica*, II Série, n. 10 (1989): 145. «A crise vocacional que vivemos e ainda estamos vivendo não pode deixar de fazer-nos refletir também sobre as nossas responsabilidades [em] promover, em cada irmão, a disponibilidade ao chamamento.» *Obra Pontifícia para as Vocações Eclesiásticas, Novas Vocações para uma Nova Europa: In Verbo Tuo - Documento Final do Congresso sobre Vocações para o Sacerdócio e a Vida Consagrada* (Lisboa: Paulinas, 1998), 129.

¹¹ Cf. Stefano de Fiores e Salvatore Meo, eds., *Dicionário de Mariologia*, Dicionários (São Paulo: Paulus, 1995), 1379.

¹² J. Manuel Cordobés, «Vocação», em *Dicionário de Espiritualidade*, Dicionários (Prior Velho: Edições Paulinas, 1989), 1187.

¹³ G. Molin, «Vocação», em *Dicionário de Teologia Bíblica* (São Paulo: Edições Loyola, 1973), 1162.

¹⁴ Para se compreender melhor esta temática sugerimos a leitura da seguinte obra: Carlo Maria Martini, *Bíblia e Vocação* (Lisboa: Edições Paulistas, 1991).

de si e a responder com inteira liberdade ao convite que Deus lhe faz. É, desta forma, um dom que Deus oferece ao Homem e que se expressa num convite a uma forma de vida concreta, que poderá passar pelo matrimónio, numa relação conjugal, ou numa entrega celibatária, expressa na vida consagrada ou no sacerdócio. A vocação é, portanto, um chamamento à santidade que se concretiza na entrega de vida, na descoberta da forma como a minha vida pode ser posta a render para o bem dos outros e para o anúncio do Evangelho (Cf. PDV § 37)¹⁵. Requer sempre, por isso, dois protagonistas: Deus, que chama; e o Homem, que escuta, discerne e responde. Tudo isto sempre em Igreja, com a cooperação de toda a comunidade cristã. Não existe, por isso, um discernimento individualista, *per si*. Nas palavras do Cardeal Saraiva Martins, «a comunidade torna-se, assim, lugar de partilha e de comunhão dos bens espirituais de cada um e fonte educativa principal de escolhas vocacionais e projetos pessoais»¹⁶.

Ainda que escrita por nós, esta definição de vocação é confirmada em inúmeras intervenções do Magistério da Igreja. Por exemplo, escrevia o Papa Francisco na sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal dirigida aos jovens (chamada *Cristo Vive – CV*): «a palavra “vocação” pode-se entender num sentido lato, como chamamento de Deus. Inclui o chamamento à vida, o chamamento à amizade com Ele, o chamamento à santidade, etc.» (CV § 248)¹⁷. E continua mais à frente afirmando: «a tua vocação orienta-te para extraíres o melhor de ti para glória de Deus e para bem dos outros» (CV § 257). Conclui o Santo Padre, «no discernimento de uma vocação não se deve descartar a possibilidade da consagração a Deus no sacerdócio, na vida religiosa ou noutras formas de consagração» (CV § 276).

Na entrada «vocação», do dicionário vocacional da editora *Paulus*, além desta definição que apresentamos ser corroborada, existe um termo que surge e que ajuda a compreender melhor o chamamento como um apelo que exige uma resposta que se torna uma escolha para a vida toda. Trata-se da noção de «estado de vida». Diz o dicionário, «ele [estado de vida] implica estabilidade, catalogação no sentido da divisão social e, conseqüentemente, juridicidade; aspetos que podem e devem ser todos integrados [...] numa teologia da vocação»¹⁸. Aponta ainda este dicionário para a dimensão do carisma no conceito de vocação e também para a etapa juvenil como aquela propícia a receber o apelo de Deus a uma consagração.

¹⁵ As citações da Exortação *Eu vos Darei Pastores* seguem a seguinte referência bibliográfica: João Paulo II, *Eu vos Darei Pastores: Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis* (Lisboa: Edições Paulistas, 1992).

¹⁶ José Saraiva Martins, *A Igreja nos alvares do terceiro milénio: reflexões teológico-pastorais*, Ensaios 4 (Lisboa: Paulinas, 2002), 215.

¹⁷ As citações da Exortação *Cristo Vive* seguem a seguinte referência bibliográfica: Francisco, *Cristo Vive: Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit* (Prior Velho: Paulinas, 2019).

¹⁸ Citrini, «Vocação (Teologia da)», 1452.

Porém, «a ideia geral de que a vocação é um chamamento [como foi supradita] não é clara para os jovens [de hoje] e por isso é preciso uma maior compreensão da vocação cristã [na sua especificidade...] e do chamamento universal à santidade»¹⁹. Isto porque os jovens de hoje «procuram encontrar um sentido a dar à vida e um motivo de existir no mundo, mas muitos não sabem ligar isto com a vocação entendida como dom e chamamento de Deus»²⁰.

Como síntese de tudo o que dissemos, podemos afirmar que existem duas ideias a reter.

Primeiro, há uma vocação universal de todo o batizado à santidade: a ser Filho de Deus e a caminhar para a vida eterna. Tal como disse o Concílio Ecuménico Vaticano II na sua Constituição Dogmática sobre a Igreja (*Lumen Gentium* – LG)²¹, «todos na Igreja, quer pertençam à hierarquia quer façam parte da grei, são chamados à santidade» (LG § 39). Ou ainda como disse o fundador do Opus Dei – que ficou conhecido por falar deste chamamento universal à santidade ainda antes do Concílio – «esta é a vontade de Deus, que sejamos santos. [... Deus] chama cada um à santidade, pede amor a cada um: jovens e velhos, solteiros e casados, sãos e doentes, cultos e ignorantes, trabalhem onde quer que trabalhem, estejam onde quer que estejam»²².

Segundo, existe uma vocação específica a que cada batizado é chamado e que se concretiza num estado de vida, que como dissemos pode passar por uma vida celibatária, no sacerdócio ou na vida consagrada, ou por uma vida matrimonial. Nesta dissertação, por estudarmos a problemática do Pré-Seminário, centrar-nos-emos no discernimento da vocação específica ao sacerdócio.

1.3 VOCAÇÃO AO SACERDÓCIO E PRÉ-SEMINÁRIO

Vocação é um conceito que deve ser lido em sintonia com outros. Mais ainda, se falarmos – como aqui o fazemos – da vocação específica ao sacerdócio. Assim, abeiremo-nos de mais cinco vocábulos, a saber: o chamamento; o discernimento; o discipulado; o serviço; e o sacerdócio. De forma sistemática refletimos sobre cada um deles – as primeiras quatro noções ainda que não se restringido à vocação sacerdotal serão aqui apresentadas a partir desse âmbito.

O chamamento, que se entende logo pela raiz da palavra, tem que ver com a ação de chamar. É «a ação de pronunciar oralmente, em voz alta, o nome de alguém, de convidá-lo a

¹⁹ XV Assembleia-Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, «Documento da Reunião Pré-Sinodal com os Jovens», em *Rumo à JMJ Lisboa 2022: documentos do Sínodo dos Bispos sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2020), 79.

²⁰ XV Assembleia-Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 78.

²¹ As citações da Constituição *Lumen Gentium* seguem a seguinte referência bibliográfica: Concílio Ecuménico Vaticano II, «Constituição Dogmática *Lumen Gentium*», em *Documentos do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações e mensagens conciliares* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002), 3–108.

²² Josemaría Escrivá, «Rumo à Santidade», em *Amigos de Deus*, 4ª edição, (Lisboa: Diel, 2010), 513–14.

vir, a ver, a comprometer-se numa atividade ou tarefa, a empreender um caminho, a orientar-se numa determinada direção existencial»²³. A ação da Igreja de chamar o catecúmeno pelo nome próprio quando o batiza, continua na vida de cada crente nas ações sacramentais e muito especialmente no sacramento da Ordem.²⁴ Nele, os candidatos são chamados mais uma vez pelo nome próprio e depois apresentados pela Igreja ao Bispo, a quem aquela pede que os ordene como diáconos ou padres, ou ainda como bispos.²⁵

Mas para haver resposta ao chamamento é necessário o discernimento, a capacidade de examinar uma situação e tomar uma decisão. «Quando se trata de discernir a própria vocação, é necessário fazer a si próprio várias perguntas. Não deveríamos começar por nos interrogarmos sobre onde poderíamos ganhar mais dinheiro, ou onde poderíamos alcançar maior fama e prestígio social» (CV § 285), dizia-nos o Papa Francisco na Exortação que escreveu sobre esta temática. Discernir a vocação é, desta feita, pôr-se à escuta da voz de Deus, confrontando a vida com o convite que Deus faz, reconhecendo a meta para a qual se caminha. Esta forma de viver, respondendo ao chamamento de Deus, exige pôr de lado, por isso, as questões de dinheiro, fama, prestígio e tantas outras que levariam a olhar para a questão humana de realização pessoal como principal motor da construção da pessoa. Isto só é possível com a ajuda e acompanhamento da Igreja, que sabiamente conduz à descoberta da voz de Deus e dos meios para dar uma resposta.

Caminhar na escuta da voz de Jesus tem tudo a ver com o discipulado – o terceiro conceito.²⁶ Uma leitura rápida de qualquer narrativa de chamamento nos Evangelhos faz-nos entender logo que o convite primeiro de Jesus é para que a pessoa que é chamada O siga. Com o apóstolo Mateus foi assim: «saiu, viu um publicano de seu nome Levi, sentado no posto de cobrança de impostos, e disse-lhe: “Segue-me”» (Lc 5, 27)²⁷; também com os irmãos André e Pedro: «ao passar junto ao mar da Galileia [...] disse-lhes: “Vinde atrás de mim, e farei com que vos torneis pescadores de homens”» (Mc 1, 16-17); e ainda com um discípulo que O interpelou a pedir para primeiro ir sepultar o pai antes de O seguir: «Jesus disse-lhe: “Segue-me e deixa que os mortos sepultem os seus mortos”» (Mt 8, 22).

²³ Luis Rubio Morán, «Chamar/Chamamento», em *Dicionário de Orientação Vocacional* (Prior Velho: Paulinas, 2008), 271.

²⁴ Cf. Morán, 282.

²⁵ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, ed., *Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos*, 3ª edição, Pontifical Romano (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007), 26, 68, 112.

²⁶ Cf. Santiago Guijarro Oporto, «Discipulado», em *Dicionário de Orientação Vocacional* (Prior Velho: Paulinas, 2008), 539–48.

²⁷ As citações dos Evangelhos existentes ao longo da dissertação seguem a seguinte referência bibliográfica: Conferência Episcopal Portuguesa, ed., *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2019).

O chamamento a seguir Jesus engloba também a vontade do discípulo de se pôr a servir. Podemos afirmar que o serviço leva à concretude o chamamento. Nas palavras de Giuseppe Pasini – padre e teólogo pastoralista italiano –, «na visão da fé, o serviço é a resposta a um chamamento de Deus [...], é a expressão clássica da obediência, é sinal de adesão à vontade de Deus, exprime a identificação do crente com ela»²⁸. Este serviço configura-se a partir de Cristo, pois como nos ensina o teólogo Bruno Forte, «a partir da Eucaristia, o ministério ordenado aparece verdadeiramente como sacerdócio ministerial, caracterizado pela vocação ao serviço e ao dom de si até ao fim; em que se atualiza a própria caridade do Pastor»²⁹. Logo, «presidir à Ceia do Senhor é servir»³⁰.

Por fim, uma nota sobre o sacerdócio. Todo o caminho da vocação de que aqui falamos, desde a escuta até à resposta e a consequente entrega pelo sacramento da ordem, tem o sacerdócio ministerial como sustentáculo. Dizemos sacerdócio ministerial para o distinguimos do sacerdócio comum dos fiéis, de que todos os batizados participam.³¹ Portanto, «o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico são diferentes um do outro na sua essência, e não apenas em grau; mas ordenam-se um para o outro» (LG § 10) e participam ambos do único sacerdócio de Cristo, mesmo que de modo diferente.

«Com efeito, do meio do seu Povo santo e sacerdotal, o Senhor escolhe, consagra e envia, mediante um gesto de particular predileção, alguns homens»³², os sacerdotes. Jesus chama alguns homens, por meio da Igreja, porque assim O quer, «a seguirem-no mais de perto e confere-lhes uma graça sacerdotal diferente, não apenas em grau mas também em qualidade, constitui-os seus ministros entre os demais fiéis e confia-lhes o encargo de serem pastores à imagem do Bom Pastor»³³. «Ao serem configurados com Cristo, sumo e eterno Sacerdote, [...] eles vão ser consagrados como verdadeiros sacerdotes da Nova Aliança para anunciarem o Evangelho, apascentarem o povo de Deus e celebrarem o culto divino, principalmente no sacrifício do Senhor»³⁴. Por isso, exorta o ritual da ordenação aos presbíteros: «lembrai-vos de que fostes assumidos de entre os homens e postos ao serviço dos homens nas coisas que são de

²⁸ Giuseppe Pasini, «Serviço», em *Dicionário de Orientação Vocacional* (Prior Velho: Paulinas, 2008), 1297.

²⁹ Bruno Forte, *Sobre o Sacerdócio Ministerial: Duas Meditações Teológicas* (Lisboa: Edições Paulistas, 1993), 15.

³⁰ Forte, 15.

³¹ Cf. Congregação para o Clero, *O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial*, Cartas avulsas 36 (Lisboa: Paulinas, 2002), § 6.

³² António Ribeiro, *Sacerdócio Comum e Sacerdócio Ordenado: Homilia na Missa Crismal de Quinta-Feira Santa na Sé Patriarcal* (Lisboa: Rei dos Livros, 1995), 4.

³³ Ribeiro, 4.

³⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, *Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos*, 75.

Deus»³⁵. Logo, «o ministério presbiteral não é um acréscimo que outros batizados poderiam, pouco a pouco, vir a assumir. É outra coisa»³⁶.

Mas como saber quem são estes homens que o Senhor Jesus escolhe para o ministério ordenado? Desta interrogação sobre estes homens chegamos ao Pré-Seminário e, por consequência, a mais uma pergunta: o que é então o Pré-Seminário?

Esta é sem margem de dúvida a interpelação central de todo este trabalho. Não queremos deixar já uma resposta, muito menos que seja fechada, mas urge balbuciar umas palavras que nos ajudem a entender o que ao longo destas páginas iremos expor. O Pré-Seminário definimo-lo desde já – a partir do que lemos do caso da Diocese de Lisboa – como o instrumento oferecido ao discernimento vocacional anterior à etapa do Seminário.³⁷ Não se esgotando no ser padre, procura ser o meio destinado a rapazes que se queiram questionar sobre qual a vocação que Deus tem para eles. Tem por missão encaminhar os rapazes ao Seminário que apresentem sinais de vocação ao ministério sacerdotal, para aí continuarem o discernimento rumo ao sacerdócio. Entre momentos catequéticos, espirituais e lúdicos, procura esta instituição acompanhar o discernimento que cada um é chamado a fazer, munindo cada candidato das ferramentas necessárias à escuta da voz de Deus e à leitura da sua história pessoal.³⁸

Uma outra definição possível seria aquela que apresenta o padre Nuno Santos – atualmente reitor do Seminário Maior de Coimbra, que fez um estudo sobre o Pré-Seminário. Para ele esta instituição «procura promover grupos vocacionais para adolescentes e jovens, isto é, propõe uma caminhada para todos os que apresentam inquietações vocacionais, ajudando-os com um acompanhamento pessoal e numa experiência de grupo»³⁹. Para exemplificar a definição que apresenta, este sacerdote colimbriense recorre a dois documentos da Conferência Episcopal Espanhola sobre os Seminários Menores, um de 1991 e outro de 1998. Afirma o primeiro documento: «Em algumas dioceses chama-se Pré-Seminário ao Centro ou Instituição que acompanha aquelas crianças, adolescentes e jovens que frequentam as suas respetivas escolas, vivem no seio das suas famílias e prosseguem um projeto formativo vocacional»⁴⁰. No

³⁵ Conferência Episcopal Portuguesa, 75.

³⁶ Ribeiro, *Sacerdócio Comum e Sacerdócio Ordenado: Homilia na Missa Crismal de Quinta-Feira Santa na Sé Patriarcal*, 5.

³⁷ Aquilo que aqui dizemos como instrumento, para alguns é lido como instância. Vejamos, por exemplo, o que afirma o padre Nuno Santos, da Diocese de Coimbra: «O Pré-Seminário é uma instância de reconhecimento dos vários sinais da vocação manifestados pelos adolescentes e jovens. Uma instância de reconhecimento que se vai revelando como um itinerário de discernimento pessoal e comunitário». Nuno Santos, «Pré-Seminário: novas perspectivas para novos contextos», *Estudos Teológicos*, n. 10 (2006): 364.

³⁸ Sublinhamos novamente como esta definição baseia-se na informação que recolhemos e lemos sobre a forma de funcionar e de se organizar do Pré-Seminário de Lisboa. Todavia, aprofundaremos melhor esta definição no terceiro capítulo citando correspondência que a mesma instituição trocou com os pais, os padres e outras tantas pessoas e onde se dá a conhecer.

³⁹ Santos, «Pré-Seminário: novas perspectivas para novos contextos», 395.

⁴⁰ Santos, 394.

segundo documento lê-se: «como grupos vocacionais, Pré-Seminário ou outros nomes, (...) estão a realizar-se em várias Dioceses experiências de acompanhamento vocacional específico, sem viver no internato do Seminário, para crianças e adolescentes que manifestam sinais de vocação»⁴¹. Estes dois exemplos permitem ainda concluir-nos como o Pré-Seminário foi uma instituição que surgiu noutras dioceses além das de Portugal.

Compreendemos bem esta ligação entre vocação ao sacerdócio e Pré-Seminário quando consultamos, por exemplo, um estudo monográfico do Patriarcado de Lisboa em 1986. Afirma este estudo que «em 1982 o Sr. Patriarca, com o propósito de aumentar o número de jovens que queiram escutar o apelo de Deus para o sacerdócio, criou o Pré-Seminário»⁴². Prossegue o documento monográfico referindo-se ao acompanhamento que o Pré-Seminário faz: «destina-se a acompanhar, nas suas famílias, paróquias e meios escolares próprios, os jovens que, desde o ciclo preparatório e durante o liceu, revelam interesse pela vocação sacerdotal»⁴³.

Nesta equação vocacional queremos ainda acrescentar uma outra variável, de menor relevo, mas que não nos passa ao lado: a idade. Falámos já de rapazes, de jovens, da etapa anterior ao Seminário, tudo indicadores suficientes de que o Pré-Seminário terá como destinatários a população masculina em fase escolar, na linguagem demográfica as faixas etárias dos 10-14, dos 15-19 e dos 20-24 anos, ou seja, o período compreendido entre a pré-adolescência e a juventude.

Não é um acaso, certamente, que uma obra sobre a vocação dê o seguinte nome a um capítulo: *vocação aos 12 anos: obra da graça...*⁴⁴ Distante no tempo e fruto de uma outra época – onde era comum a entrada de pré-adolescentes de 12 anos no Seminário – esta obra mostra como a vocação em idade tenra acontece sem que o rapaz consiga muitas vezes explicar o chamamento que recebeu. «A vocação do menino, mais do que a do adulto é uma prova palpável da sobrenaturalidade da mesma. [...] Ele não sabe como foi nem porquê. [...] Essa vocação frágil e pequena não se explica sem uma intervenção especial da graça»⁴⁵. Isto ganha ainda mais relevo ao já termos apontado, num subcapítulo anterior, como na entrada sobre *Vocação* do *Dicionário de Orientação Vocacional* se mencionava a etapa juvenil como propícia a receber o apelo de Deus a uma consagração. No entanto, não há qualquer limitação reconhecida da idade para frequentar o Pré-Seminário – mais adiante falaremos do caso

⁴¹ Santos, 394. Este documento da Conferência Episcopal Espanhola citado pelo padre Nuno Santos pode ser consultado em: Comisión Episcopal de Seminarios y Universidades, «*Habla, Señor*»: *valor actual del Seminario Menor* (Madrid: Edice, 1998).

⁴² Patriarcado de Lisboa, *A Igreja Diocesana de Lisboa: Estudo Monográfico - II* (Lisboa: Patriarcado de Lisboa, 1986), 35.

⁴³ Patriarcado de Lisboa, 35.

⁴⁴ Cf. Gregório Almendres, *Quando Deus chama*, 2ª edição, Coleção Marana-thá (Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1965).

⁴⁵ Almendres, 147.

olisiponense e demonstraremos como têm sido vários os tipos de acompanhamento desta instituição para as diversas faixas etárias, incluindo a dos universitários e a dos adultos.

Anteriormente, quando definimos o Pré-Seminário referimo-nos à leitura da história pessoal. Este aspeto do acompanhamento vocacional – tão importante no discernimento de uma vocação – cruza-se também com a questão da idade. Por outras palavras, tudo isto significa para o Pré-Seminário atender à vida de cada um, ir ao encontro de cada rapaz na sua história. Segundo Amedeo Cencini – sacerdote canossiano, professor na Universidade Salesiana de Roma –, o acompanhador vocacional «não pode contentar-se em propor uma e outra vez o que já se tinha dito, visto e fotocopiado, mas deve esforçar-se ao extremo por submeter-se ao indivíduo, à sua história passada e presente, porque é nela que Deus fala, fazendo nascer e crescer um projeto»⁴⁶.

A ideia que apresentamos sobre o Pré-Seminário é corroborada pelo sacerdote português Jorge Madureira que escreve a entrada sobre esta mesma instituição no *Dicionário de Orientação Vocacional*.⁴⁷ Este padre apresenta como principais tipologias e desenvolvimentos desta ferramenta no contexto português três modelos: o modelo de substituição, o modelo de transição e o modelo de integração. O primeiro modelo baseia-se numa substituição do Seminário Menor por uma nova instituição que acompanha os jovens que se preparam para o ingresso no Seminário Maior, estando muito dependente dos Secretariados da Pastoral Vocacional. Esta nova instituição, que substitui a presença de qualquer Seminário, fica conhecida por centros de rapazes, onde «os encontros têm por finalidade o cultivo da vocação, em ambiente de convívio alegre, partilhado pela oração e pela reflexão»⁴⁸. O segundo modelo, existente na década de noventa, «caracteriza-se pelo agrupamento dos jovens por grupos etários, pela intensificação dos encontros e pela definição de objetivos anuais»⁴⁹. Por fim, o terceiro modelo faz uma síntese dos anteriores e de uma forma mais ponderada apresenta uma estrutura mais coesa articulada com os Seminários.⁵⁰

1.4 O SEMINÁRIO E A PROBLEMÁTICA DO RECRUTAMENTO

Dissemos já e voltamos a afirmar que o Pré-Seminário tem por missão enviar os rapazes para o Seminário – o próprio Cardeal-Patriarca Ribeiro o mencionou aquando da criação canónica desta mesma instituição em Lisboa. Desta feita, antes de avançarmos para uma análise

⁴⁶ Amedeo Cencini, *A história pessoal, morada do mistério: indicações para o discernimento vocacional* (Prior Velho: Paulinas, 2009), 6.

⁴⁷ Cf. Jorge Madureira, «Pré-Seminário», em *Dicionário de Orientação Vocacional* (Prior Velho: Paulinas, 2008).

⁴⁸ Madureira, 1153.

⁴⁹ Madureira, 1153.

⁵⁰ Cf. Madureira, 1152–54.

de alguns textos do Magistério, detenhamo-nos a perceber o que é o Seminário e em que contexto surge, pois só assim entenderemos a problemática da formação dos futuros sacerdotes, em que o Pré-Seminário também se insere.

«O Seminário apresenta-se como um tempo e um espaço; mas configura-se sobretudo como uma comunidade educativa em caminhada» (PDV § 60), comunidade esta para a qual o Pré-Seminário encaminha aqueles que se sentem inquietados pelo Senhor a consagrarem as suas vidas como padres. Por outras palavras, «é a comunidade promovida pelo Bispo para oferecer, a quem é chamado pelo Senhor a servir como os apóstolos, a possibilidade de reviver a experiência formativa que o Senhor reservou aos Doze» (PDV § 60).

Nos primeiros tempos da Igreja, na primeira era cristã, tal formação não era institucionalizada. Ela acontecia por meio do bispo que acompanhava os seus formandos de formas bastante variadas, consoante os contextos. Mas a seu tempo, e concretamente com o aparecimento do monaquismo, novas experiências floresceram – surgiu uma certa ideia de que a vida monástica era o modelo, daí que o clero secular sentisse necessidade de imitar o clero regular.⁵¹

Percebe-se que em resposta a um clero pouco formado, pouco preparado, pouco instruído, surge uma mudança na sua caminhada de preparação. Das escolas de formação na época carolíngia passa-se para as universidades e as escolas dos conventos das ordens mendicantes na baixa Idade Média. Todavia, as soluções que foram surgindo tinham lacunas que se manifestavam primordiais. «Ficaram por resolver os problemas não só da formação dos clérigos que não estavam aptos a frequentar as Universidades, mas também da manutenção dos estudos nos clérigos pobres»⁵².

A estas apresenta-se uma solução, o surgimento de colégios que albergavam os candidatos e que lhes davam formação – aqui vemos um bom esboço do que será anos mais tarde o Seminário. «Os colégios tornaram-se os centros de formação em que [...] os professores e os alunos clérigos viviam juntos, [...] formando uma única comunidade»⁵³.

O Concílio de Trento marca, assim, o início oficial dos Seminários, como nós hoje os conhecemos. «O assim chamado decreto sobre os Seminários exigia a fundação de Seminários, por parte de todos os bispos, com a finalidade de preparar para a cura de almas um clero numericamente suficiente e bem aparelhado»⁵⁴. Digamos que, caso dúvidas houvesse, com este

⁵¹ Cf. Luigi Conti, «Seminários», em *Dicionário de Orientação Vocacional* (Prior Velho: Paulinas, 2008), 1274–90.

⁵² Conti, 1274.

⁵³ Conti, 1275.

⁵⁴ L.-J. Rogier, Roger Aubert, e M. D. Knowles, eds., *Nova História da Igreja*, vol. III: Reforma e Contra-Reforma (Petrópolis: Vozes, 1971), 153.

Concílio fica assente que os Seminários são necessários à formação dos futuros padres. Deste período destacamos duas figuras ímpares⁵⁵ que contribuíram muito para esta primeira experiência de Seminários: São Carlos Borromeu, Arcebispo de Milão e fundador dos primeiros Seminários em Milão depois deste Concílio, e São Bartolomeu dos Mártires⁵⁶, Arcebispo de Braga, fundador do primeiro Seminário conciliar em Portugal.⁵⁷

Esta viragem na história será decisiva, tal como prova o facto de que até à Revolução Francesa os Seminários eram o lugar onde também estudavam, além dos futuros sacerdotes, pessoas influentes na sociedade civil. Contribuíram ainda neste percurso histórico das mudanças nos Seminários os pontificados de Bento XV – com a criação da instituição da *Sagrada Congregação dos Seminários e das Universidades* e do «enquadramento eclesiológico-jurídico do Seminário com o Código de Direito Canónico (1917)»⁵⁸ – e o de Pio XII – com a fundação da *Pontifícia Obra das Vocações Sacerdotais* e com a Exortação Apostólica *Menti Nostrae* (MN), sobre a santidade de vida dos sacerdotes. A propósito deste último documento, sublinhe-se as palavras do Papa Pio XII: «é também necessário recrutar outros operários, com o auxílio da graça divina. [...] O próprio nosso Senhor nos indica o caminho mais seguro para termos numerosas vocações: “Rogai”» (MN § 72 e 73)⁵⁹. Depois acrescenta a propósito dos jovens, quando se refere ao exame das vocações: «carece, porém, examinar [...] quando se trata de rapazinhos, [...] se eles se acham dotados dos necessários dotes morais e físicos, e se aspiram ao sacerdócio unicamente levados pela sua sublimidade e pela utilidade espiritual própria e alheia» (MN § 77).

Reconhecendo o lugar ímpar que desde Trento os Seminários passaram a ter na formação dos candidatos ao sacerdócio, façamos agora um percurso sobre aquilo que se disse, acerca do recrutamento dos candidatos ao sacerdócio, começando no Magistério da segunda metade do século passado e culminando na da contemporaneidade.

⁵⁵ Outro nome, além destes dois, que destacamos é o de São Vicente de Paulo, que organizou em Paris exercícios espirituais para os candidatos ao presbiterado, enriquecendo ainda mais as primeiras experiências de Seminário. (Cf. Rogier, Aubert, e Knowles, III: Reforma e Contra-Reforma:216–17.)

⁵⁶ Cf. Comissão Episcopal para a Disciplina dos Seminários, *Os Seminários em Portugal: Estudo Comemorativo do Decreto Tridentino e da sua Execução em Portugal* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1964), 16.

⁵⁷ Este trabalho da formação dos Seminários depois de Trento deve ser entendido em simultâneo com a preocupação de formar um clero esclarecido, culto, bem formado. Prova do caso português podemos encontrar no *Dicionário de História em Portugal*: «começa a haver preocupações não só com a formação dos candidatos ao estado clerical, mas de igual modo com aquilo que hoje se designaria por formação contínua. [...] Realce-se ainda, sobretudo ao longo do século XVII, a publicação de várias obras que tinham como escopo contribuir para uma melhor preparação dos futuros sacerdotes. [...] Este movimento legislativo e editorial foi acompanhado pela criação de muitas instituições destinadas especificamente à formação dos futuros clérigos. Não só Seminários [...], mas também] colégios e cursos de Casos de Consciência.» Carlos Moreira Azevedo, ed., *História Religiosa de Portugal*, vol. 2: Humanismos e Reformas (Lisboa: Círculo de Leitores, 2000), 214.

⁵⁸ Conti, «Seminários», 1276.

⁵⁹ As citações da Exortação *Menti Nostrae* seguem a seguinte referência bibliográfica: Pio XII, *Exortação Apostólica Menti Nostrae* (Coimbra: s. ed., 1951).

Urge expor que quando lemos algum artigo ou estudo sobre a instituição Pré-Seminário, vemos quase sempre referências ao facto de ser considerada uma instituição conciliar. Por outras palavras, crê-se que o Pré-Seminário é um fruto do Concílio Ecuménico Vaticano II. Por exemplo, ao lermos a entrada relativa a esta instituição⁶⁰ do *Dicionário de Orientação Vocacional*, atentamos claramente como esta instituição está estritamente ligada ao II Concílio do Vaticano: «Os primeiros Pré-Seminários surgem em algumas dioceses de Portugal, em meados da década de setenta no século XX, e são resultado do Concílio Vaticano II»⁶¹.

Outro exemplo esclarecedor desse facto é o dossiê publicado na revista *Lumen* de 2001⁶² que versa exclusivamente sobre este tema e onde podemos ler «estes documentos [sobre os pré-Seminários nas dioceses de Lisboa, Portalegre-Castelo Branco e Porto] permitem avaliar o caminho percorrido por esta instituição pós-conciliar»⁶³. É por esta razão que decidimos começar a análise subsequente pelo II Concílio do Vaticano.

1.5 OPTATAM TOTIUS – DOCUMENTO BASILAR NA RECONFIGURAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DA FORMAÇÃO AO SACERDÓCIO

Do Concílio Ecuménico Vaticano II saíram vários documentos que procuraram abordar os vários temas eclesiológicos e pastorais da Igreja, entre eles três documentos ligados ao Sacramento da Ordem, a saber: o decreto sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja intitulado *Christus Dominus*; o decreto sobre o ministério e vida dos presbíteros chamado *Presbyterorum Ordinis*; e, por fim, o terceiro decreto que volve sobre a formação sacerdotal e que tem por nome *Optatam Totius* (OT)⁶⁴. É sobre este último que pretendemos debruçar a nossa reflexão, compreendendo como nele está presente uma intuição do que virá a ser anos mais tarde a experiência do Pré-Seminário.

Para entender melhor este documento será bom recuperar todo o caminho que foi percorrido.⁶⁵ Como sabemos, por detrás de um documento conciliar existe uma longa preparação, esquemas propostos para o debate, textos redigidos por comissões de especialistas,

⁶⁰ Cf. Madureira, «Pré-Seminário».

⁶¹ Madureira, 152.

⁶² Cf. José Miguel Barata Pereira, D. Augusto César Ferreira da Silva, e Jorge Manuel Madureira Soares, «Dossier: Pré-Seminários Diocesanos», *Lumen*, III, 62, n. 3/4 (2001): 15–35.

⁶³ José Miguel Barata Pereira, D. Augusto César Ferreira da Silva, e Jorge Manuel Madureira Soares, «Dossier: Pré-Seminários Diocesanos», *Lumen*, III, 62, n. 3/4 (2001): 15.

⁶⁴ As citações do Decreto *Optatum Totius* seguem a seguinte referência bibliográfica: Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, «Decreto *Optatum Totius*», em *Documentos do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações e mensagens conciliares* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002), 393–416.

⁶⁵ Para estudar o contexto da publicação do Decreto *Optatum Totius* privilegiamos a leitura da seguinte obra: *O Decreto sobre a Formação Sacerdotal*, Magistero Conciliare 9 (Torino: Elle Di Ci, 1967).

o próprio debate da aula conciliar e a aprovação de um documento que apresenta as conclusões de todo este processo.

Para o decreto sobre a formação sacerdotal o percurso começou em 1960, quando o Papa João XXIII aprovou a criação da comissão preparatória dos estudos e dos Seminários. Depois de várias sessões de trabalho, ao longo de dois anos, esta comissão apresentou dois esquemas, a saber, um esquema para o decreto *De vocationibus ecclesiasticis fovendis* e um outro esquema para a constituição *De Sacrorum alumnis formandis*. No mesmo ano em que os esquemas ficaram prontos, em 1962, a Pontifícia Comissão Central do Concílio apresentou o seu parecer. O primeiro esquema no geral parecia bem, mas alguns Padres Conciliares acharam que na redação de uma constituição sobre a vocação podia ser bom que se incluísse «tudo o que foi dito nos diversos documentos elaborados pelas comissões preparatórias sobre a vocação cristã, religiosa e sacerdotal; uma atenção especial para com as vocações tardias, a questão dos pré-Seminários, etc.»⁶⁶. Quanto ao segundo esquema, a questão da formação sacerdotal era sem dúvida importante, mas sentia-se que havia determinadas indicações que competiam ao dicastério, exortando a que este mais tarde se pronunciasse, não devendo, deste modo, constar de um documento conciliar.

Os trabalhos continuaram e em 1963 «a Comissão *De Seminariis, de Studiis et Educatione Catholica* [...] reviu por completo o esquema elaborado pela Comissão Preparatória»⁶⁷. Procurando somar os variadíssimos contributos de muitos padres e bispos que se foram pronunciando nesta matéria, o documento concluiu com o desejo de não tratar à parte a questão dos Seminários Menores e instituições equiparadas, bem como o de harmonizar a relação entre os vários pilares da formação ao sacerdócio, nomeadamente, o espiritual, o intelectual e o pastoral. Quis ainda a comissão que redigiu este texto deixar enfatizada a necessidade de adaptar a formação à realidade de cada nação, permitindo que os jovens que se formam nos Seminários conheçam a sua cultura.

Após este laborioso trabalho e com a ratificação do Cardeal Carlo Confalonieri, redator da comissão *De Concilii laboribus coordinandis*, o texto seguiu para as mãos dos Padres Conciliares em maio de 1963. Mas o árduo labor estava longe de terminar. Ainda antes de ir a plenário à discussão na aula conciliar, chegaram à comissão variadíssimas propostas de emendas e pareceres bastante distintos sobre o mesmo documento. A fim de facilitar a discussão na aula conciliar refez-se novamente o texto.

⁶⁶ *O decreto sobre a formação sacerdotal*, Magistero Conciliare 9 (Torino: Elle Di Ci, 1967), 20.

⁶⁷ *O Decreto sobre a Formação Sacerdotal*, 23.

Desta vez, as mudanças são «sobretudo para o tornar mais moderno, mais vigoroso e mais pastoral»⁶⁸. A ênfase na vocação sacerdotal é desde este momento mais clara, as alterações fizeram também compreender o desejo de se referir concretamente os Seminários Maiores. Mas com isto surgiu um problema: «alguns reconheceram que no texto a importância dos Seminários Menores foi um pouco desvalorizada, porque o Seminário Menor foi assemelhado a qualquer colégio católico»⁶⁹.

Com este processo longo e nem sempre unânime nas posições assumidas, o texto chega finalmente em 1964 à aula conciliar para a discussão. De tudo o que se disse sublinhamos um aspeto: foi notado por alguns que «os Seminários Menores não deviam direccionar os alunos expressamente para o Sacerdócio, mas apenas deveriam tender a promover aquela maturidade humana que os ajuda a tomar uma decisão pessoal sobre a própria vocação»⁷⁰. Recorde-se aqui que anos antes o Papa Pio XII defendeu a mesma ideia: «é preciso recordar antes de tudo que os alunos dos Seminários Menores são adolescentes afastados do natural ambiente da família. É necessário, portanto, que a vida que os rapazes levam nos Seminários corresponda, quanto possível, à vida normal dos outros rapazes» (MN § 80).

O decreto *Optatum Totius* sobre a formação sacerdotal foi assim aprovado em 1965, depois de duas votações na aula conciliar. Atentemos com mais detalhe como é que neste decreto se aborda a temática em estudo, pois nele apenas vemos uma indicação não direta ao Pré-Seminário. Afirmam os Padres: «com igual cuidado se favoreçam os germes da vocação dos adolescentes e jovens nos Institutos especiais que, conforme as circunstâncias dos lugares, têm também como fim servir de Seminários Menores» (OT § 3). Aqui introduz-se uma nova ideia: nalguns lugares o Pré-Seminário poderá servir como um substituto do Seminário Menor.

Num comentário a este mesmo número – que dizemos desde já importantíssimo na temática estudada – o jesuíta Luís Mendizábal explica claramente que não existe aqui uma oposição ao Seminário Menor, mas também não existe promoção, chegando mesmo a ser considerado por alguns que não é necessário existir Seminário Menor.⁷¹ Então existirá o quê, perguntar-nos-emos? A resposta temo-la no comentário do padre jesuíta: «pode ser substituído mais oportunamente por outros meios, como por exemplo, mediante alguns institutos que acompanham os alunos somente durante o dia, sem vida comum, mas que tenham uma peculiar assistência espiritual e um ambiente favorável [ao crescimento da vocação]»⁷².

⁶⁸ *O Decreto sobre a Formação Sacerdotal*, 28.

⁶⁹ *O Decreto sobre a Formação Sacerdotal*, 30.

⁷⁰ *O Decreto sobre a Formação Sacerdotal*, 40.

⁷¹ Cf. Luis Mendizábal, sj e Pedro Huizing, sj, «Decreto del Concilio Vaticano II sobre la Formacion Sacerdotal», em *Estudios sobre el Concilio Ecuménico Vaticano II* (San Sebastián: Ediciones Dinor, 1967), 65–126.

⁷² Mendizábal, sj e Huizing, sj, 72.

Por outras palavras, o que aqui está em questão é a instituição que o Concílio apresenta para o acompanhamento dos gérmenes da vocação. «O verdadeiro critério da escolha, uma vez que o Decreto conciliar não impõe uma determinada fórmula, só poderá ser a eficiência de um tipo de instituição ou organização pedagógica»⁷³. Esta eficiência deverá ir ao encontro do acompanhamento dos vocacionados nos seus vários aspetos e dimensões. Ainda que a abertura a outro tipo de instituições seja mais que evidente, no mesmo comentário aqui já mencionado a este decreto conciliar, tem-se o cuidado de afirmar que o Seminário Menor continua a ser escolhido por muitas dioceses como predileto no acompanhamento dos adolescentes e jovens que se sentem atraídos ao sacerdócio.

Não deixa de ser oportuno que nesta reflexão se critique uma visão do Seminário Menor como se de um Seminário Maior em miniatura se tratasse; não é isso que se pretende desta instituição. Podemos concluir que o Concílio, não querendo apresentar uma fórmula fechada e ser taxativo ao ponto de indicar apenas um meio para realizar este trabalho vocacional, apenas deixa como alerta que se adequa a formação à idade em questão. Pede-se, deste modo, aos Seminários Menores ou instituições equiparadas o cuidado pela formação humana, cultivando uma maturidade capaz de seguir a Cristo, e espiritual, na qual se alicercem todos os passos da caminhada (Cf. OT § 3,11).

A reflexão continua após o Concílio Vaticano II, não só à escala global através do Magistério petrino e das congregações romanas, mas também local, por meio das conferências episcopais e dioceses. Depois da *Optatam Totius* seguiram-se outros documentos também de grande relevo. O primeiro deles e que concretiza a intuição deste Sagrado Concílio é a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores Dabo Vobis* do Papa João Paulo II, que no próximo subcapítulo expomos.

1.6 PASTORES DABO VOBIS – DOCUMENTO ESTRUTURANTE NA APLICAÇÃO DO CONCÍLIO

Uma instituição que surgiu na Igreja e que partiu muito do desejo dos Padres Conciliares do Vaticano II foi o Sínodo dos Bispos.⁷⁴ Na década de 70, poucos anos depois da promulgação do documento conciliar sobre a formação sacerdotal, aconteceu em Roma a II Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, de 30 de setembro a 6 de novembro de 1971. O tema deste

⁷³ *O Decreto sobre a Formação Sacerdotal*, 178.

⁷⁴ Cf. Paulo VI, «Apostolica Sollicitudo», em *Synodus Episcoporum* (Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1971), 5–13.

encontro sinodal foi o sacerdócio, mais concretamente «o sacerdócio ministerial e a justiça no mundo». ⁷⁵

Anos mais tarde, o Sínodo dos Bispos volta a versar sobre o sacerdócio. De 30 de setembro a 28 outubro de 1990 aconteceu no Vaticano a VIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, desta vez reunida sob o tema «a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais».

O documento oferecido pelo Sínodo dos Bispos, os chamados *Lineamenta*, às Conferências Episcopais para preparar esta Assembleia traduz bem o estado da situação: «os problemas da formação dizem respeito, antes de mais, aos candidatos ao sacerdócio, a quem é preciso ajudar a responder generosamente ao apelo de Deus e a formarem-se»⁷⁶. Destaca ainda este documento o papel crucial que a família, a escola, e a comunidade eclesial têm na educação e formação dos candidatos ao sacerdócio, por serem espaços onde desabrocha a vocação nas crianças e onde se aprende, por vezes, os primeiros ensinamentos sobre Jesus, a oração, a fé, o dom de si aos outros, o serviço.⁷⁷ A última referência a este documento prende-se ao facto de mencionar que os Seminários Menores ou instituições similares não só foram mantidos nalgumas dioceses com números promissores, como se evidenciaram importantes no acompanhamento das possíveis vocações ao sacerdócio.⁷⁸

Desta Assembleia Sinodal, e seguindo as pisadas conciliares, sai um documento ainda hoje decisivo e essencial à formação sacerdotal, por isso, também para o Pré-Seminário. Trata-se da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores Dabo Vobis* (*Eu vos darei pastores* – PDV) do Papa João Paulo II. Neste documento, o Papa apresenta sistematicamente os traços essenciais da formação ao sacerdócio, a saber, a formação humana, a formação espiritual, a formação intelectual e a formação pastoral (Cf. PDV § 43-59) – decalque claro da pedagogia impressa no

⁷⁵ Acerca deste Sínodo que reflete sobre o ministério sacerdotal, temática que neste trabalho não iremos pormenorizar, interessa-nos apenas mencionar que no esboço dos temas a discutir apresentados aos Padres Sinodais se vislumbra uma possível resposta àquela problemática primeira das vocações ao sacerdócio no século XX: «Podem indicar-se várias causas desta crise [que certos padres passam], mas procuremos, em primeiro lugar, aquela que é como que a raiz das outras. Esta crise não é alheia à transformação sócio-cultural que afeta hoje a civilização humana.» Sínodo dos Bispos, *O Sacerdócio Ministerial: Esboço dos Temas a Discutir na Segunda Assembleia Sinodal* (Lisboa: União Gráfica, 1971), 6. Com isto pretendemos mostrar como a problemática da formação dos sacerdotes está muito relacionada com o contexto social e histórico, sendo, por isso, numa reflexão desta natureza necessário recorrer ao enquadramento histórico de cada contexto.

⁷⁶ Sínodo dos Bispos, *A Formação dos Sacerdotes no Mundo de Hoje: Lineamenta (para uso das Conferências Episcopais)* (Vaticano: s. ed., 1989), § 3.

⁷⁷ Contemporâneo a este documento é um outro, uma nota pastoral escrita pelo Bispo de Viseu, D. José Pedro da Silva, e que também mostra o relevo da família no crescimento das vocações: «A família, como primeiro Seminário, começara a ter, em Viseu, um significado e importância ainda mais relevante. [...] A presença dos alunos candidatos ao Seminário, na família, é prática já em algumas dioceses». José Pedro da Silva, «Vocações, Família e Seminário», em *Ser e missão dos leigos na Igreja e no mundo*, Coleção Magistra 1 (Lisboa: Rei dos Livros, 1987), § 7. Talvez aqui esteja presente uma primeira referência a um Pré-Seminário em família.

⁷⁸ Cf. Sínodo dos Bispos, *A Formação dos Sacerdotes no Mundo de Hoje: Lineamenta (para uso das Conferências Episcopais)*.

decreto conciliar. Sobre estas quatro dimensões se deve estruturar, segundo o pensamento do Papa João Paulo II, toda a formação do homem que se sente chamado por Deus ao sacerdócio. Além de sintetizar estas dimensões, apresenta-nos também de forma clara cada uma das etapas formativas, desde a pastoral vocacional à formação permanente dos sacerdotes, passando por todo o percurso nos Seminários.

O sucessor de Pedro apresenta neste documento um olhar sobre o contexto cultural e histórico dos jovens que nos ajuda muito nesta reflexão. «É muito forte sobre os jovens o fascínio da chamada "sociedade de consumo", que os torna submissos e prisioneiros de uma interpretação individualista, materialista e hedonista da existência humana» (PDV § 8). Esta cultura do consumo, uma pertença à comunidade cada vez mais sectária, repartida e condicionada, e uma visão errada do conceito de liberdade levam os jovens a pôr de parte a questão vocacional e, por consequência, a questão do sacerdócio. Com estas conclusões o documento deixa um alerta: a sociedade está em mudança e isso deve implicar também a problemática da formação dos candidatos ao sacerdócio.

A síntese que João Paulo II faz neste documento sobre a pastoral vocacional abre ao entendimento do que poderá ser a ação do Pré-Seminário. «Uma proposta precisa, feita no momento certo, pode revelar-se decisiva para provocar nos jovens uma resposta livre e autêntica» (PDV § 39). Poderíamos afirmar que o Pré-Seminário deve ajudar a isto, a abrir espaço à questão do sacerdócio na vida dos jovens. «De resto, a história da Igreja como a de tantas vocações sacerdotais, desabrochadas mesmo em tenra idade, atestam amplamente a providencial presença e palavra de um padre» (PDV § 39).⁷⁹

O Pré-Seminário jamais poderá esgotar este trabalho vocacional, não poderá ser sequer o único meio da ação da pastoral vocacional, mas sem dúvida que é chamado a exercer este serviço de chamar jovens a questionarem-se sobre o sacerdócio e dar-lhes ferramentas para que possam encetar um caminho de discernimento.

Um dos tópicos abordados neste documento magisterial é precisamente o facto de todos sermos responsáveis pelas vocações sacerdotais. Sem dúvida que o bispo é o primeiro responsável, mas não está sozinho. Também toda a comunidade cristã, a família, os sacerdotes, os consagrados, os leigos, as escolas e outros grupos ou movimentos hão de ter esta preocupação de despertarem jovens ao ministério ordenado (Cf. PDV § 41). Esta foi também a experiência em Lisboa desde os começos: «o Pré-Seminário é também as famílias e as comunidades cristãs destes rapazes, cuja missão no acompanhamento e formação vocacional é

⁷⁹ Leia-se a título de exemplo os 12 testemunhos presentes na obra que se segue e veja-se como existe sempre a presença de um padre na história vocacional, seja no despertar da questão vocacional, seja também no acompanhamento do chamamento: Manuel Clemente et al., *Sacerdotes em Cristo: 12 Testemunhos de um Chamamento* (Lisboa: Paulus, 2009).

insubstituível. O Pré-Seminário é ainda a oração, a generosidade e o interesse de muitos sacerdotes e fiéis do Patriarcado»⁸⁰.

Mas que lugar exatamente pode assumir o Pré-Seminário como lugar da formação ao sacerdócio? É verdade que não existe neste documento nenhuma menção *ipsis verbis* ao Pré-Seminário, mas no capítulo V quando o Papa aborda a formação dos candidatos ao sacerdócio refere-se ao Seminário Menor e a outras formas de acompanhamento vocacional. O Pré-Seminário assume, sem dúvida, o lugar de acompanhamento vocacional anterior à entrada no Seminário Maior. Façamos, por isso, três notas a propósito da atuação desta instituição.

A primeira nota tem que ver precisamente, como aliás temos vindo a sublinhar, com o facto de os primeiros gérmenes de vocação se fazerem sentir por alguns na idade da adolescência. «Como atesta uma larga experiência, a vocação sacerdotal tem muitas vezes o seu primeiro momento de manifestação, nos anos da pré-adolescência ou nos primeiríssimos anos da juventude» (PDV § 63). É olhando precisamente para estes rapazes que a Igreja se sente chamada a oferecer o Pré-Seminário como o lugar de discernimento.

Que espera o Papa João Paulo II dos Seminários Menores? «A Igreja toma ao seu cuidado estes gérmenes de vocação, semeados no coração dos pequenos, proporcionando-lhes, através da instituição dos Seminários Menores, um solícito, ainda que inicial, discernimento e acompanhamento» (PDV § 63). A isto se deve juntar uma «formação humana, cultural e espiritual que conduzirá o jovem a empreender o caminho para o Seminário Maior com uma base adequada e sólida» (PDV § 63) e que o ajudará a reconhecer os sinais de uma vocação ao ministério sacerdotal. Assim, a segunda nota que fazemos prende-se à formação que pautará a ação do Pré-Seminário: nele se há-de encontrar uma boa e sólida formação humana e espiritual, essencial para o caminho da procura da vocação.

Todavia, temos aqui muito falado do Seminário Menor – que como também percebemos no início desta dissertação, com o decreto apresentado, caminha a par com o Pré-Seminário – mas sabemos que nem todas as dioceses o têm. «Onde o Seminário Menor [...] não encontre possibilidades de concretização, é necessário providenciar a constituição de outras “instituições”, como poderiam ser os grupos vocacionais para adolescentes e jovens» (PDV § 64). É desta chamada de atenção deste documento que vemos aberto o espaço para a existência do Pré-Seminário como um serviço que as dioceses são chamadas a oferecer. Importa referir também que na realidade lisbonense a questão do Seminário Menor esteve em reflexão, comprovando-o a notícia presente na folha informativa das vocações de Lisboa, «uma palavra ainda sobre o andamento da Comissão encarregada de estudar a questão do Seminário

⁸⁰ Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Pré-Seminário», *Sinal*, n. 23 (1982): 2.

Menor»⁸¹. No próximo capítulo, daremos a conhecer melhor esta problemática e os Seminários que funcionaram como tal no Patriarcado de Lisboa.

A terceira nota é a forma como o Papa João Paulo II apresenta aquela que será a estrutura assumida pelos Pré-Seminários, a saber, «mesmo vivendo em família e frequentando a comunidade cristã, que os ajuda no seu itinerário formativo, estes adolescentes e jovens não deverão ser deixados sós; eles têm necessidade de um grupo particular» (PDV § 64). O Pré-Seminário será, desta feita, um serviço que, articulado com as comunidades cristãs e com as famílias, procurará acompanhar os rapazes, nos diversos contextos onde estes se inserem. Sublinha-se ainda que é este regime de externato que mais diferencia o Pré-Seminário do Seminário Menor.

1.7 *RATIO FUNDAMENTALIS INSTITUTIONIS SACERDOTALIS* – NORMAS CONCRETAS À FORMAÇÃO AO SACERDÓCIO

Continuamos esta análise apresentando agora um terceiro documento de relevo na temática e que remonta a 2016 – não quer dizer que entre estes documentos não haja textos escritos sobre esta matéria, no entanto não nos parecem ser tão fundamentais e universais como estes. Nesse ano, a Congregação do Clero publicou um novo documento sobre a formação ao sacerdócio: «O dom da vocação sacerdotal»⁸². Contextualizando este documento, compreendemos como ele não é inteiramente novo. Em 1970, a então congregação romana que tinha a seu cargo o acompanhamento dos organismos de formação ao sacerdócio, a Congregação para a Educação Católica publica o documento que serviria para «contribuir eficazmente para a obra da educação nos Seminários que se deve adaptar às novas exigências do nosso tempo» (RFIS § Introdução)⁸³. Este documento tem por nome *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* (RFIS) – *diretrizes básicas para a formação sacerdotal*.

Uma das preocupações deste documento de 1970, orientador dos Seminários após o II Concílio do Vaticano, é o cuidado pelas vocações na idade juvenil. Seguindo o esquema dos documentos anteriores, adverte para o cuidado que deve haver na formação dos seminaristas menores, não só para corresponder à idade em questão, recorrendo a uma sã pedagogia, mas também para que estejam abertos aos vários estados de vida, com boas relações familiares e afetivas. Por outras palavras, o documento procura mostrar como é importante que no

⁸¹ Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Notícia dos Seminários», *Sinal*, n. 18 (1981): 4.

⁸² As citações desta obra seguem a seguinte referência bibliográfica: Congregação para o Clero, *O Dom da Vocação Presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* (Prior Velho: Paulinas, 2017).

⁸³ As citações da *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* seguem a seguinte referência bibliográfica: Sagrada Congregação para a Educação Católica, *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis: Directrizes Básicas para a Formação Sacerdotal* (Roma: Typis Polyglottis Vaticanis, 1970).

Seminário Menor não se fechem as possibilidades de outras possíveis vocações que não o sacerdócio, sendo necessário para isso oferecer uma formação que permita aos alunos deixar o Seminário e ingressar num outro curso do ensino universitário.

Neste documento, salienta-se ainda o lugar que o Seminário Menor deverá assumir na Diocese, «à qual deve estar aberto com prudência e inserido na orgânica e vitalmente, não só para suscitar a pronta cooperação dos fiéis e do clero, mas também [...] exercer uma influência benéfica e eficaz na juventude e concorrer para o seu progresso espiritual» (RFIS § 12).

Esta instrução é revista em 1985, pela Congregação da Educação Católica, a fim de se introduzirem ou adaptarem alguns aspetos que passaram a constar no novo *Código de Direito Canónico*, publicado em 1983 (Cf. DVP § Introdução). Desde então já se tinham passado trinta anos e por isso a Congregação para o Clero, que em 2013 com a Carta Apostólica em forma de Motu Proprio *Ministorum Institutio* do Papa Bento XVI assume a pasta dos Seminários, decide juntamente com o contributo de tantas pessoas, que já tinham refletido sobre esta temática – dos Papas, das Congregações Romanas, das Conferências Episcopais –, fazer uma nova revisão do texto que serve de base à formação nos Seminários, nascendo a nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*.

Da *Ratio* de 2016 destaca-se o ponto b do II capítulo que aborda concretamente «os Seminários Menores e outras formas de acompanhamento dos adolescentes». Nela lê-se, em relação a cada Igreja particular: «tendo em conta as circunstâncias, os meios à disposição e as experiências já adquiridas, é conveniente promover instituições que se mostrem adequadas para apoiar e discernir as vocações levando em consideração a idade» (DVP § 16). É precisamente por ser necessário acompanhar os adolescentes, que sentem os gérmes da vocação, que o Patriarcado de Lisboa oferece o Pré-Seminário.

Qual o objetivo destas instituições numa idade tão tenra? A resposta encontramos-na nesta mesma *Ratio*: «ajudar a maturação humana e cristã dos adolescentes» (DVP § 18). Continuando a reflexão, afirma a Congregação do Clero: «fazendo a experiência de amizade com Jesus, os rapazes aprendem a viver e a desenvolver a fidelidade ao Senhor, sustentados pela oração e pela força do Espírito Santo» (DVP § 21).

Até aqui temos feito cruzar a existência do Pré-Seminário com o Seminário Menor, tal como os documentos magisteriais o fazem, mas será que não devíamos fazer o mesmo em relação aos centros de pastoral vocacional? Diz esta *Ratio* que «é necessário que, em cada Diocese, região e país, sejam instituídos Centros para as Vocações» (DVP § 12)⁸⁴. Sim, estes centros não aparecem desligados do Pré-Seminário. Mais, não são sequer adversários, antes

⁸⁴ Para se compreender melhor, aconselhamos a leitura da nota de rodapé deste número no documento que aqui citamos.

concorrem para o mesmo fim, isto é, capacitar os adolescentes dos meios pelos quais podem descobrir a sua vocação. O departamento da pastoral vocacional de uma diocese ou a obra diocesana para as vocações sacerdotais há-de encontrar formas de trabalhar sinodalmente com o Pré-Seminário e vice-versa.

A propósito dos centros para as vocações, em Lisboa, muitos anos antes, foi criada a *Obra das Vocações e Seminários*, como no próximo capítulo iremos aprofundar. Os estatutos desta mesma obra aprovados pelo Patriarca de Lisboa, D. Manuel Cerejeira, em 1954, afirmavam que esta obra tinha o mandato de promover o ambiente propício ao surgimento de vocações sacerdotais.⁸⁵ Recuámos uns largos anos com este exemplo, mas ele faz-nos entender que a problemática das vocações ao sacerdócio é já de longa data e foi surgindo de diferentes maneiras, com acentuações diferentes. Além disso, estes mesmos estatutos permitem perceber como já antes se sentia a necessidade de incutir nas paróquias um sentido de devoção ao sacerdócio – no sentido de cuidado – que permitisse aos rapazes perguntarem-se pela sua própria vocação.

1.8 BASES PARA A PASTORAL VOCACIONAL – CONTEXTO PORTUGUÊS

Neste percurso temos refletido a partir de textos universais, dirigidos a toda a Igreja. Dedicamos agora alguns parágrafos a olhar especificamente para o contexto português. Em 2004 a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) publica um documento chamado *Bases para a Pastoral Vocacional* (BPV), com um objetivo muito concreto: «queremos contribuir para a renovação e dinamização da Pastoral Vocacional em Portugal» (BPV § 2). O documento, sem esquecer a existência das outras vocações, debruça-se sobre duas vocações específicas, a vida consagrada e o sacerdócio.

Começando por uma caracterização do ponto da situação vocacional em Portugal no início do novo milénio, este documento procura deixar alguns princípios e orientações que na visão do episcopado português são essenciais para a renovação da pastoral vocacional. Referimo-nos ao novo milénio não por acaso, pois sem dúvida que o Grande Jubileu do ano 2000 não passou ao lado e a questão vocacional esteve também presente na reflexão. Clarifiquemos o facto de no início deste documento do episcopado português encontrarmos uma citação da Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (NMI) do Papa João Paulo II – Carta esta com a qual o Santo Padre encerra o Grande Jubileu do ano 2000. Ainda que não seja um documento sobre a problemática vocacional, à semelhança de outros documentos de autoridade pontifícia que já apresentámos, nesta carta vemos sublinhada esta preocupação pelas vocações. Afirmo o Santo

⁸⁵ Cf. *Obra das Vocações e Seminários do Patriarcado de Lisboa, Estatutos* (Lisboa: s. ed., 1954), 7–8.

Padre, que «um generoso empenho certamente há-de ser posto – sobretudo através de uma oração insistente ao Senhor da messe – na promoção das vocações ao sacerdócio e de especial consagração» (NMI § 46)⁸⁶.

Além de citar este documento petrino, os bispos de Portugal aludem ainda à Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Igreja na Europa (*Ecclesia in Europa* – EE), do Papa João Paulo II. Nela o Santo Padre mostra que «fruto desta angústia existencial, contam-se, de modo particular, a dramática diminuição da natalidade, a queda das vocações ao sacerdócio e à vida consagrada, a relutância [... em] tomar decisões definitivas na vida inclusive no matrimónio» (EE § 8)⁸⁷. Esta quebra de vocações ao sacerdócio existente no continente europeu, narradas nesta Exortação, fazem-nos questionar o tipo de discernimento vocacional que se pode oferecer, qual a oferta institucional que mais se adequa e ainda quais as prioridades da pedagogia necessárias a implementar.

A certeza de um mundo em mudança, de uma cultura em contracorrente à mensagem evangélica, de um paradigma novo de olhar o sentido da vida, de uma certa frustração face à instituição eclesial e até a eliminação de Deus na vida do Homem são tudo aspetos que não passam ao lado destas reflexões. Os bispos de Portugal sabendo de tudo isto apontam para «a promoção de uma nova cultura vocacional nos jovens e nas famílias» (BPV § 11).

Contudo, os bispos não ficam apenas por uma constatação de factos, mas apresentam linhas orientadoras para a Pastoral Vocacional. Primeiramente, é preciso lançar uma cultura do chamamento, uma cultura onde num tu a tu se lança o convite, a interpelação, não podendo apenas ficar um convite genérico a um grupo grande de rapazes, onde a conversa surja só como apelo vago. Nas palavras dos bispos, há-de ser «uma pastoral da proposta direta, do convite, do chamamento pessoal» (BPV § 21).

Seguidamente, é necessário reconhecer que «todos e cada um dos membros da Igreja devem ser mediadores da proposta vocacional» (BPV § 22). O convite vocacional não deve ser só feito pelos padres formadores dos Seminários ou dos centros das vocações, nem só pelos padres da Diocese ou os priores, mas por toda a comunidade, por todos os fiéis. Não queremos aqui descurar o papel preponderante dos bispos e dos presbíteros, pois como sabemos «grande parte das respostas vocacionais positivas surgem graças à direção espiritual, juntamente com o

⁸⁶ As citações da Carta Apostólica *No Início do Novo Milénio* seguem a seguinte referência bibliográfica: João Paulo II, *No Início do Novo Milénio: Carta Apostólica Novo Millenio Ineunte*, 3ª edição (Lisboa: Paulinas, 2001).

⁸⁷ As citações da Exortação *A Igreja na Europa* seguem a seguinte referência bibliográfica: João Paulo II, *A Igreja na Europa: Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in Europa*, 3ª edição (Prior Velho: Paulinas, 2003).

exemplo de vida dos sacerdotes, interior e exteriormente fiéis à própria identidade»⁸⁸. Mais ainda se atendermos ao apelo que a Igreja faz: «cada presbítero se preocupe de suscitar ao menos uma vocação sacerdotal que lhe possa continuar o ministério»⁸⁹. Apenas deixamos a nota de que a proposta direta não deve estar restringida ao clero, como atestam os dados biográficos dos rapazes que frequentaram o Pré-Seminário de Lisboa e que nos mostram que vários foram convidados ou por amigos, ou por catequistas, ou por familiares ou ainda por membros da respetiva comunidade cristã.⁹⁰

A orientação subsequente é que «a pastoral vocacional se entende em íntima relação com as outras dimensões da pastoral» (BPV § 23), como que até unificadora dos vários campos de ação da pastoral. Daqui se infere que os «serviços da pastoral juvenil e da pastoral vocacional devem, por tudo isto, trabalhar em estreita colaboração» (BPV § 24). Seria um erro que tais organismos diocesanos trabalhassem de forma concorrente e até se excluíssem, pois, os jovens são aqueles que também se interrogam sobre a vocação.

Por fim, os últimos dois apelos orientadores traduzem-se na oração e no acompanhamento espiritual pessoal. Rezar há-de ser o lugar do encontro íntimo com o Senhor, da escuta da Palavra de Deus, da resposta ao seu chamamento, e, por isso, a base da pastoral vocacional – melhor dizendo, a base de toda ação pastoral (Cf. BPV § 25). Mas tal oração deve ser consolidada com o acompanhamento espiritual, que ajudará a discernir os sinais (Cf. BPV § 27).

Para levar a cabo estas orientações, o episcopado português aponta para três desafios: a necessidade e urgência de uma estrutura global (para toda a pastoral vocacional); uma nova cultura vocacional; e um salto de qualidade na pastoral vocacional. Se há dúvida que os bispos não têm é que a «penúria das “vocações específicas” tem a ver com a ausência de cultura da vocação» (BPV § 31).

Relativamente ao terceiro tópico, ele é decalque de uma reflexão começada anos antes no *Congresso sobre Vocações para o Sacerdócio e a Vida Consagrada*.⁹¹ O documento final deste Congresso, já citado anteriormente nesta dissertação, apresenta-nos este salto de qualidade como necessário à pastoral vocacional. Datado de 1997, este Congresso, que ajudou a preparar o Grande Jubileu do ano 2000, teve como tema «Novas vocações para uma nova

⁸⁸ Congregação para o Clero, *O Presbítero: Mestre da Palavra, Ministro dos Sacramentos e Guia da Comunidade em Vista do Terceiro Milénio*, Cartas avulsas 21 (Lisboa: Paulinas, 1999), 38.

⁸⁹ Congregação para o Clero, 39; Cf. Congregação para o Clero, *Directório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros* (Lisboa: Rei dos Livros, 1994), § 32.

⁹⁰ Cf. Pré-Seminário de Lisboa, «Base Geral - Principal», 2020, Pasta Arquivo. Dados, Pré-Seminário de Lisboa.

⁹¹ Para aprofundar este Congresso aconselhamos a leitura do documento de trabalho disponível em: Obra Pontifícia para as Vocações Eclesiásticas, *A Pastoral das Vocações nas Igrejas Particulares da Europa: Documento de Trabalho do Congresso Europeu para as Vocações* (Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1997).

Europa» e pretendeu ser a oportunidade de pensar a problemática e lançar pistas de resposta para a questão vocacional neste continente.

Concluiu este Congresso, que a pastoral das vocações se encontra «diante da exigência de uma mudança radical, de um “sobressalto idóneo”, segundo o documento preparatório, ou de um “salto de qualidade”, como o Papa salientou na sua Mensagem, no encerramento do congresso»⁹². Dividido em quatro capítulos, este documento explana bem uma teologia da vocação assente numa cultura do chamamento, imbuída de um verdadeiro sentido eclesial. Do relato histórico existente neste texto, frisamos apenas a nota de que «a pastoral das vocações nasceu como emergência ligada a uma situação de crise e de indigência vocacional, [porém,] hoje já não pode ser mais pensada com a mesma precariedade e motivada por uma conjuntura negativa»⁹³.

1.9 NORMAS PARA OS SEMINÁRIOS PORTUGUESES

Da aplicação do Magistério universal suprarreferido ao contexto dos Seminários portugueses foram elaborados três documentos que queremos mencionar neste percurso pelo Magistério, até pela sua relação com a problemática do recrutamento e acompanhamento do surgimento das vocações ao sacerdócio em tenra idade, aqui tanto referida.

O primeiro, datado de 1968, são as *Normas Gerais para os Seminários Portugueses* (NGSP).⁹⁴ Este documento surge da recomendação do decreto conciliar *Optatum Totius* de que cada país escrevesse uma *Ratio* nacional, delineando a estrutura da formação sacerdotal. O ponto a que queremos fazer referência destas *Normas* corresponde ao capítulo IV sobre os meios da formação sacerdotal.

«Há jovens que manifestam desejo de seguir a vida eclesiástica, mas que [...] não ingressam nos Seminários Menores. Não se devem descurar tais vocações» (NGSP § 19). O facto é claro: nem todos os rapazes que se sentem chamados entram nos Seminários, incluindo o Seminário Menor. Por isso, é preciso uma ferramenta que os acompanhe. São necessários, segundo estas diretrizes, para cada Diocese, sacerdotes «encarregados de amparar a vocação a tais candidatos ao sacerdócio, mantendo com eles contactos assíduos e promovendo reuniões de formação espiritual e cursos de estudos que os habilitem a entrar mais tarde nos Seminários

⁹² Obra Pontifícia para as Vocções Eclesiásticas, *Novas Vocções para uma Nova Europa: In Verbo Tuo - Documento Final do Congresso sobre Vocções para o Sacerdócio e a Vida Consagrada*, 28.

⁹³ Obra Pontifícia para as Vocções Eclesiásticas, 29.

⁹⁴ As citações das *Normas Gerais para os Seminários Portugueses* seguem a seguinte referência bibliográfica: Conferência Episcopal Portuguesa, *Normas Gerais para os Seminários Portugueses* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1968).

Maiores» (NGSP § 19). É uma descrição que nos parece ser a idêntica àquela que hoje podemos fazer do Pré-Seminário.

Mas que esperar da formação daqueles que entram nos Seminários Menores? «Os Seminários Menores devem, antes de mais, formar o homem, procurando fazer desabrochar as qualidades e aptidões nele potencialmente existentes, e o cristão, a partir do sacramento do Baptismo» (NGSP § 22). Aqui estão as linhas orientadoras daquilo que será também o Pré-Seminário como adiante veremos. Para cultivar os gérmes de vocação, o documento recomenda uma pedagogia adaptada à idade, um contacto com a família, uma apropriada direção espiritual e o testemunho da vida dos santos (Cf. NGSP § 24-25).

Treze anos depois da promulgação destas *Normas Gerais* e depois da congregação romana publicar a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, a Igreja em Portugal teve a necessidade de apresentar novas normas, desta feita intituladas *Normas Fundamentais para a Formação Sacerdotal nas Dioceses Portuguesas* (NFS)⁹⁵ – aprovadas em assembleia plenária da CEP em 1981. Retemos deste documento o VIII capítulo, por se tratar daquele que faz conjugar o Seminário Maior com a Pastoral Vocacional. Neste capítulo, os primeiros números são dedicados aos Seminários Menores, embora o documento reconheça ser «intenção publicar um outro documento sobre os Seminários Menores» (NFS § 152) – documento este que pelo que conseguimos apurar nunca chegou a ser apresentado. Mais uma vez, o que aqui é dito sobre os Seminários Menores diz respeito também «a outros meios equivalentes de pastoral vocacional» (NFS § 152), isto porque «a designação “Seminário Menor” pode envolver instituições de diversas modalidades e diversos quadros de formação» (NFS § 158).

Antes da entrada no Seminário Maior, o candidato é acompanhado por instâncias propícias à interrogação da vocação, que lhe permitem fazer um caminho de formação e de discernimento (Cf. NFS § 152) – esta é a chave de leitura deste capítulo. Para tal, o Seminário Maior supõe uma prévia formação vocacional (Cf. NFS § 155-160) oferecida nos Seminários Menores ou instituições análogas, «desde que sejam instituições destinadas a garantir a formação aos candidatos ao sacerdócio, prévia à sua entrada no Seminário Maior» (NFS § 158).

Para que tal aconteça, estas *Normas* propõem alguns requisitos para estas instituições: uma apropriada direção espiritual, uma boa formação humana integral, um método educativo adequado, uma colaboração com a família e a paróquia, um desenvolvimento do espírito evangélico e de uma vida orante, educadores e infraestruturas aptos ao acompanhamento e ensino científico-humanístico de qualidade (Cf. NFS § 158).

⁹⁵ As citações das *Normas Fundamentais para a Formação Sacerdotal nas Dioceses Portuguesas* seguem a seguinte referência bibliográfica: Conferência Episcopal Portuguesa, *Normas Fundamentais para a Formação Sacerdotal nas Dioceses Portuguesas* (Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 1981).

Uma nota mais sobre uma ideia que está adjacente a estes requisitos: as escolas católicas, os colégios ou quais quer outros centros de formação devem também ser promotores no cultivo das vocações, da cultura vocacional. Tudo isto permite concluir que é mais do que necessário que estas instâncias anteriores ao ingresso no Seminário Maior sejam preservadas – aí incluímos o Pré-Seminário –, pois são preciosas na formação dos candidatos ao sacerdócio (Cf. NFS § 160).

Porém, passados apenas dois anos houve a necessidade de rever e adaptar estas *Normas*, dado que tinha sido promulgado o novo *Código de Direito Canónico* (1983). Por conseguinte, a CEP publica em 1992 as *Normas Fundamentais para a Formação Sacerdotal nas Dioceses Portuguesas* (NFFS), que desta vez surgem acompanhadas de um *Plano de Estudos para o Seminário Maior* (PESM).⁹⁶ Àquilo que dissemos anteriormente sobre o capítulo VIII não houve nenhum acréscimo nestas novas *Normas*.

1.10 CONGRESSO INTERNACIONAL DE BISPOS E OUTROS RESPONSÁVEIS PELAS VOCAÇÕES ECLESIASTICAS E SÍNODO SOBRE O DISCERNIMENTO VOCACIONAL

Retomando o Magistério universal, foquemos a nossa reflexão no *Documento Conclusivo* (DC) do *II Congresso Internacional de Bispos e Outros Responsáveis pelas Vocações Eclesiásticas*⁹⁷, que aconteceu em Roma em 1981. Este *Congresso* propõe como formas de acompanhamento a direção espiritual, o acompanhamento pessoal com convite direto e grupos vocacionais – grupos estes que nos remetem logo para o Pré-Seminário, tornando incontornável o número dedicado ao acompanhamento em grupo (Cf. DC § 48-53).

«O grupo desempenha um papel particularmente eficaz na aquisição da maturidade humana e cristã, na conquista do equilíbrio afetivo; na consolidação da fé» (DC § 51). Isto porque nos grupos é possível propor explicitamente a vocação para os ministérios ordenados; descobrir o valor da oração, da meditação, da direção espiritual, da vida comunitária; preservar contactos com as famílias de cada adolescente e as paróquias a quem pertencem, e ainda estabelecer relações com os Seminários e os seminaristas (Cf. DC § 51). Queremos ainda fazer notar o papel preponderante que este *Congresso* atribui às escolas como orientadores

⁹⁶ Estas *Normas Fundamentais para a Formação Sacerdotal nas Dioceses Portuguesas*, juntamente com o *Plano de Estudos para o Seminário Maior* podem ser consultados em: Conferência Episcopal Portuguesa, *Normas Fundamentais para a Formação Sacerdotal nas Dioceses Portuguesas e Plano de Estudos para o Seminário Maior* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1992).

⁹⁷ As citações do *Documento Conclusivo* seguem a seguinte referência bibliográfica: II Congresso Internacional de Bispos e Outros Responsáveis pelas Vocações Eclesiásticas, *Desenvolvimento da Pastoral das Vocações nas Igrejas Particulares - Experiência do Passado e Programas para o Futuro: Documento Conclusivo* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1983).

vocacionais dos jovens e ainda o apelo que deixa a um trabalho complementar entre a pastoral juvenil e a pastoral vocacional (Cf. § 42, 45).

A importância deste Congresso é-nos atestada pelo facto de, 10 anos após a apresentação do *Documento Conclusivo*, duas das congregações romanas que o tinham elaborado lançarem uma nova consulta, junto das dioceses e congregações, para apurar o caminho percorrido desde então no campo da pastoral vocacional. Fruto de todo este trabalho é o documento intitulado *Desenvolvimento da Pastoral das Vocações nas Igrejas Particulares* (DPVIP)⁹⁸. Este texto apresenta um número muito significativo para todo o nosso trabalho. Trata-se da primeira vez em que vemos descrito o Pré-Seminário como a resposta para uma outra forma de acompanhamento na fase do Seminário Menor. «Para além dos Seminários Menores e das instituições análogas para as diversas formas de vida consagrada [...], numerosas Conferências assinalaram outras formas de acompanhamento» (DPVIP § 87), entre elas encontramos «o Pré-Seminário para onde são enviados adolescentes e jovens em procura vocacional» (DPVIP § 87).

Por fim, os mais recentes documentos desta temática que nos foram oferecidos vieram da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos que aconteceu em Roma de 3 a 28 de outubro de 2018 e que teve como tema «os jovens, a fé e o discernimento vocacional»⁹⁹. De Portugal estiveram presentes dois Padres Sinodais, D. Joaquim Mendes, presidente da Comissão Episcopal do Laicado e da Família, e D. António Azevedo, presidente da Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios. As intervenções que fizeram ajudam-nos a compreender o *status quo* da problemática vocacional em Portugal. Deste Sínodo saiu ainda a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Cristo Vive* já supracitada.

D. António referia-se assim ao caso português: «Em Portugal, por exemplo, são crismados anualmente muitos jovens, mas uma grande parte não chega a refletir seriamente sobre a vocação e muitos deles não continuam a prática religiosa»¹⁰⁰. A intervenção prossegue mostrando o que deverá acontecer: «com uma pastoral vocacional mais ampla e ousada, dirigida a todos os jovens, a Igreja ajudará cada jovem a descobrir a sua vocação e também a entender outras escolhas e compromissos numa perspetiva cristã e vocacional»¹⁰¹.

⁹⁸ As citações do documento *Desenvolvimento da Pastoral das Vocações nas Igrejas Particulares* seguem a seguinte referência bibliográfica: Pontifícia Obra das Vocações Eclesiásticas, *Desenvolvimento da Pastoral das Vocações nas Igrejas Particulares* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1992).

⁹⁹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, ed., *Rumo à JMJ Lisboa 2022: Documentos do Sínodo dos Bispos sobre os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional* (Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2020).

¹⁰⁰ Joaquim Mendes e António Augusto Azevedo, «Representantes da CEP no Sínodo dos Bispos», em *Rumo à JMJ Lisboa 2022: documentos do Sínodo dos Bispos sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2020), 401.

¹⁰¹ Mendes e Azevedo, 401.

Mas o que dizer concretamente da vocação sacerdotal? Na sua intervenção, o Bispo D. António Azevedo conclui: «Para o despertar da vocação sacerdotal o testemunho pessoal será sempre um fator decisivo. [...] Não tenhamos medo de fazer a proposta pessoal sobre a vocação ao sacerdócio»¹⁰².

¹⁰² Mendes e Azevedo, 402.

CAPÍTULO 2: CONTEXTO DO PATRIARCADO DE LISBOA. ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA EREÇÃO CANÓNICA DO PRÉ-SEMINÁRIO DE LISBOA

2.1 OBRA DAS VOCAÇÕES E DOS SEMINÁRIOS

Muito anterior à ereção canónica do Pré-Seminário, encontramos uma outra entidade que de alguma forma contribuiu para o incremento das vocações na Diocese Orlisiponense. Por vontade do Cardeal António Mendes Belo, então Patriarca, é criada em Lisboa, em 1916, a *Obra das Vocações e dos Seminários*: «Tornando-se de dia para dia mais sensível e mais penosa a falta de sacerdotes neste nosso vastíssimo Patriarcado [...] concebemos o pensamento de uma “Obra das Vocações e dos Seminários”»¹⁰³.

Em que consistia esta *Obra*? Quais os seus fins? Através dos estatutos, que o mesmo decreto da ereção canónica da *Obra* aprova, percebemos qual o objetivo desta instituição: «O fim da “Obra das Vocações e dos Seminários” é descobrir e favorecer as vocações para o estado sacerdotal e procurar recursos para os encargos e melhoramentos dos Seminários»¹⁰⁴.

Para o incremento de tão grande *Obra* foi editada uma «revistinha, “A Messe do Senhor”, que [seria] o órgão autorizado da Obra das Vocações»¹⁰⁵. O primeiro número foi publicado em outubro de 1932, sob a bênção do Cardeal Cerejeira, sendo o diretor da publicação o primeiro reitor do Seminário dos Olivais, o monsenhor cónego José Manuel Pereira dos Reis.

Estes estatutos aprovados em 1916 são revistos e de novo apresentados em 1935 pelo então Cardeal-Patriarca, D. Manuel Cerejeira¹⁰⁶, numa Carta Pastoral que escreveu sobre *O Problema do Clero*.¹⁰⁷ Na mesma carta o prelado lisbonense dava conta da dificuldade que era a escassez do clero na sua Diocese.¹⁰⁸ Para este prelado, «a obra das vocações e Seminários é a

¹⁰³ António Mendes Belo, «Documento nº11: Obra das Vocações e dos Seminários», em *Os Seminários da Diocese de Lisboa: Notas Históricas*, Suplemento da Vida Católica, II Série (Lisboa: Patriarcado de Lisboa, 1994), 38–39.

¹⁰⁴ Belo, 39.

¹⁰⁵ Manuel Cerejeira, «Aprovação e Bênção», *A Messe do Senhor*, Ano I, n. 1 (1932): 7.

¹⁰⁶ No *Boletim de Informação Pastoral* de 1966, lê-se que a OVS nasceu no seio da Ação Católica (AC) e que as primeiras semanas dos Seminários foram promovidas também por ela. Porém, parece-nos que tal deve referir-se a esta reconstituição da OVS e não dos seus começos, dado que a AC só chega a Portugal em 1933. «Comunicação sobre a problemática pastoral no Patriarcado de Lisboa», *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VIII, n. 48–49 (1966): 16.

¹⁰⁷ Cf. Manuel Cerejeira, *Carta Pastoral sobre O Problema do Clero* (Lisboa: União Gráfica, 1935), 28.

¹⁰⁸ Notemos como uma das marcas do pontificado do Cardeal Cerejeira enquanto Patriarca de Lisboa será sem dúvida a preocupação pelo Clero. Como afirma o cónego Isaías Rosa, «O Senhor Cardeal-Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira ao iniciar o seu ministério no Patriarcado teve como preocupação fundamental a formação do clero, que queria santo e culto». Isaías da Rosa Pereira, *Os Seminários da Diocese de Lisboa: Notas Históricas*, Suplemento da Vida Católica, II Série (Lisboa: Patriarcado de Lisboa, 1994), 13. Testemunha-o também o artigo do Bispo de Lamego no jornal *Novidades* que sublinha o trabalho árduo que o Cardeal Cerejeira teve de empreender, e que pode ser consultado em: João Neves, «A Obra dos Seminários», *Novidades*, 29 de novembro de 1968, 24354 edição, 9.

primeira de todas as obras católicas; é a obra de vida ou morte do Patriarcado»¹⁰⁹. Por isso, «nos novos estatutos [desta] Obra das Vocações e Seminários [teve-se em] vista organizar uma verdadeira cruzada de oração e meios, em favor do Clero novo»¹¹⁰. Começam assim estes novos estatutos: «É reconstituída no Patriarcado de Lisboa a “Obra das Vocações e dos Seminários” e é posta sob a proteção do Coração SS. de Jesus e dos Santos Padroeiros dos Seminários Patriarcais»¹¹¹.

Mais elaborados que os estatutos anteriores, sobretudo no que diz respeito aos sócios e aos benefícios concedidos aos associados, estes estatutos apresentam o desejo de se criar uma comissão em cada paróquia do Patriarcado para zelar por esta *Obra*. Ao contrário dos anteriores, estes estatutos abordam mais a questão da sustentação dos Seminários e respetivos seminaristas, lembrando que é preciso a ajuda de todos os fiéis para levar por diante as obras que os Seminários necessitam.¹¹² Tal menção dever-se-á também ao facto de muitos seminaristas acabarem por não conseguir assegurar nenhuma parte das suas despesas.¹¹³ Destes estatutos destacamos ainda os fins da *Obra*, donde passa a constar a promoção da santificação dos candidatos ao sacerdócio e ainda a sustentação dos seminaristas pobres, para a qual se criam bolsas.¹¹⁴

Após escrever a Carta Pastoral da reconstituição da *Obra das Vocações e dos Seminários*, o mesmo prelado de Lisboa escrevia de novo à Diocese Orlisiponense em 1948 para dar conta das mudanças que desde então sentira. O apoio financeiro de que necessitava surgiu, os Seminários novos foram construídos, o número de vocações sacerdotais aumentou e, por consequência, o número de ordenações também cresceu, resultando num aumento do número do clero – tudo motivos pelos quais o Cardeal Cerejeira dá graças a Deus. Todavia, termina com um apelo evidente à Diocese: «a Obra das Vocações e dos Seminários não pode ser apenas de alguns diocesanos beneméritos e de algumas paróquias generosas; – tem de ser a obra do

¹⁰⁹ Cerejeira, *Carta Pastoral sobre O Problema do Clero*, 28.

¹¹⁰ Cerejeira, 28.

¹¹¹ Cf. Cerejeira, 31.

¹¹² Ainda que necessárias para a renovação das casas de formação ao sacerdócio, na Diocese de Lisboa, estas obras nem sempre foram compreendidas por todos. Contudo houve sempre aqueles que souberam confiar no projeto visionário do Cardeal Cerejeira e que se empenharam na ajuda monetária. Uma notícia na revista *A Messe do Senhor* exemplifica-o bem: «Não é segredo para ninguém que Sua Eminência contraiu um grande empréstimo para continuar as obras da fundação do Seminário dos Olivais. Muitos têm sido os católicos (nem todos) que compreenderam os seus deveres na hora grave que passa. Comove-nos a generosidade daqueles que, não podendo, agora, entregar as somas que desejavam, para a mais instante necessidade da Igreja em Portugal, se desfazem das suas jóias». «Jóias oferecidas aos Seminários», *A Messe do Senhor*, Ano VI, n. 15 (1938): 11.

¹¹³ Ficamos a saber através da Carta Pastoral do Cardeal Cerejeira, já mencionada, que, no ano em que é escrita, apenas 12 do universo de 304 seminarista de Lisboa é que pagavam a pensão completa, ou seja, a contribuição anual pedida aos seminaristas, e 152 não pagavam nenhum valor. Cf. Cerejeira, *Carta Pastoral sobre O Problema do Clero*, 18.

¹¹⁴ Cf. Cerejeira, 31–32.

Patriarcado todo»¹¹⁵. Isto porque, além de felicitar pelo trabalho realizado, o Patriarca também evidencia os elevados custos que todo o processo acarretou e as dificuldades que ainda tem pela frente. «Em algumas [paróquias] (22) não se chegou nunca a fundar [a Obra das Vocações e dos Seminários]; em 165 foi fundada, mas na maior parte ou vegeta ou morreu»¹¹⁶.

Alguns anos mais tarde da fundação desta *Obra* em Lisboa, o Santo Padre, o Papa Pio XII, em 1941, através do *Motu Proprio Cum Nobis* oferece a toda a Igreja a *Obra Pontifícia das Vocações Sacerdotais*, pedida pela então Congregação dos Seminários e Universidades. Afirma o Papa, no *Motu Proprio*, que lhe foi comunicado pela congregação romana que seria muito oportuno «criar a Obra primária das Vocações Sacerdotais, que se [... encarregasse...] – por todos os meios, mas principalmente pela fundação de Obras congéneres em cada uma das dioceses – [de] estimular os fiéis a favorecer, – defender – e auxiliar as Vocações Sacerdotais»¹¹⁷.

Nos novos estatutos desta *Obra*, «que continuam os anteriores, acentuando, porém, o caráter espiritual da Obra»¹¹⁸, aprovados em 1954, após este ato pontifício, renova-se o mesmo fim já presente na criação em 1916 e na reconstituição em 1935.¹¹⁹ Nestes estatutos de 1954, os fins são apresentados em três alíneas, à semelhança de 1935, mas mais desenvolvidos que na reconstituição. A saber, «criar na família e sociedade cristãs devoção ao sacerdócio e aos Seminários»¹²⁰; acompanhar os anos de formação até ao presbiterado; e dar a conhecer vivamente a missão que o bispo e os sacerdotes têm, de forma a mostrar a real importância deste cuidado.¹²¹

Em 1968, escrevendo de novo aos diocesanos o Patriarca relembra como é uma dificuldade o encargo com os Seminários, pois «o encargo com os Seminários sufoca, porém, os melhores planos pastorais»¹²². «A Obra das Vocações, que não está ainda [...] estabelecida em todas as paróquias, deveria resolver por si só o problema da frequência e da sustentação dos Seminários»¹²³, reforça ainda o mesmo prelado.

Nas palavras do cônego Manuel Falcão – que mais tarde veio a ser Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa – «a Obra das Vocações [...] foi concebida inicialmente para obter o

¹¹⁵ Manuel Cerejeira, *Ainda o Problema do Clero* (Lisboa: União Gráfica, 1948), 39.

¹¹⁶ Cerejeira, 39.

¹¹⁷ Obra das Vocações e Seminários do Patriarcado de Lisboa, *Estatutos*, 3.

¹¹⁸ Obra das Vocações e Seminários do Patriarcado de Lisboa, 23.

¹¹⁹ Curiosamente estes novos estatutos retomam, no primeiro artigo, o patronato de Maria Imaculada, Rainha dos Apóstolos, à semelhança dos primeiros estatutos. Cf. Obra das Vocações Sacerdotais, *Movimento dos Centros em 1967* (Lisboa: Patriarcado de Lisboa, 1968), 7.

¹²⁰ Obra das Vocações e Seminários do Patriarcado de Lisboa, *Estatutos*, 7.

¹²¹ Cf. Obra das Vocações e Seminários do Patriarcado de Lisboa, 7.

¹²² Manuel Cerejeira, «Seminários: Talvez o mais grave Problema Pastoral da Diocese», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano I, n. 1 (1968): 9.

¹²³ Cerejeira, 9.

apoio dos fiéis em oração e esmolas. [Mas] evoluiu no sentido de fazer também obra de mentalização»¹²⁴. Mentalização que podia também ser chamada de anúncio vocacional que o Pré-Seminário procurará anos mais tarde fazer pelas paróquias da Diocese – como no próximo capítulo aprofundaremos. A menção desta instituição fundada tantos anos antes do Pré-Seminário e que ficará conhecida pela sigla OVS faz, deste modo, todo o sentido neste contexto. De alguma forma, podemos ver nela aquilo que o Pré-Seminário também procurará fazer: cuidar das vocações ao sacerdócio, acompanhando e favorecendo o discernimento vocacional aos rapazes que se sintam chamados à vocação sacerdotal, estando em estreita ligação com os Seminários.

Um bom testemunho da atuação desta *Obra* é a realização da 3ª *Concentração da Obra das Vocações Sacerdotais do Patriarcado de Lisboa*¹²⁵, em Fátima em 1955¹²⁶ – como atesta o guião a que tivemos acesso. Este folheto expressa assim este acontecimento: «a concentração da Obra das Vocações Sacerdotais não é uma excursão. Há-de ser fervorosa manifestação de amor da Igreja Patriarcal de Lisboa ao Sacerdócio»¹²⁷.

Tudo o que aqui fomos expondo sobre a OVS fica ainda mais claro quando consultamos uma reflexão feita em 1968 especificamente sobre a *Obra das Vocações Sacerdotais* referente ao ano de 1967. Descreve esta reflexão que no momento da sua redação «há um padre encarregado da Obra das Vocações na Diocese [que,] dirige o Centro Diocesano das Vocações ou Centro Diocesano da Obra das Vocações»¹²⁸, juntando-se ainda a informação de que existiam à época 183 centros da *Obra* na Diocese.¹²⁹ Como linha de ação, aponta esta reflexão «que o primeiro passo, e urgente, para a instauração duma Pastoral das Vocações, é a

¹²⁴ «Comunicação sobre a problemática pastoral no Patriarcado de Lisboa», 16.

¹²⁵ Se prestarmos atenção, havemos de reparar que, desde o fim dos anos 50, passamos a ouvir falar da *Obra das Vocações Sacerdotais* do Patriarcado de Lisboa, ao invés da *Obra das Vocações e dos Seminários*, para cujos nomes a sigla é a mesma: OVS. Não conseguimos, porém, descobrir o que motivou tal mudança. Levantamos apenas como hipótese o facto de no pronunciamento papal haver uma referência à criação da *Obra das Vocações Sacerdotais* em cada Diocese. Talvez seja por isso que passa a constar nalgumas publicações da OVS a expressão «filial pontifícia». Claramente esta mudança está presente no órgão oficial, o boletim *A Messe do Senhor*. De abril de 1954 para dezembro de 1960 – falamos destas duas datas por serem aquelas das quais dispomos boletins, ou seja, entre o intervalo não nos foi possível consultar nenhum exemplar – o boletim deixa de se designar «Órgão da Obra das Vocações e Seminários do Patriarcado» e passa a dizer «Órgão da Obra das Vocações Sacerdotais do Patriarcado de Lisboa». Para entender melhor estas diferenças e também o trabalho da OVS, além da leitura do boletim, aconselhamos ainda: *Obra das Vocações Sacerdotais do Patriarcado de Lisboa, Temas de Estudos para as Reuniões: O Padre, Homem da Mensagem* (Lisboa: Obra das Vocações Sacerdotais, sem data); *Obra das Vocações Sacerdotais do Patriarcado de Lisboa, Temas de Estudos para as Reuniões: O Padre, Homem da Missa* (Lisboa: Obra das Vocações Sacerdotais, 1958); *Critérios duma Vocação de Criança: Notas Pastorais* (Lisboa: Obra das Vocações Sacerdotais, 1960); *Obra das Vocações Sacerdotais, O Padre Homem dos Sacramentos* (Lisboa: Centro Diocesano, 1963).

¹²⁶ A primeira peregrinação da OVS a Fátima aconteceu em 1952. Cf. «Atenção: a peregrinação da OVS», *A Messe do Senhor*, Ano XX, n. 62 (1951): 10.

¹²⁷ Maria Luiza Guerra, *Grito da Noite: ...Rosário Vivo* (Lisboa: Obra das Vocações Sacerdotais, 1955), 89.

¹²⁸ *Obra das Vocações Sacerdotais, Movimento dos Centros em 1967*, 7.

¹²⁹ Cf. *Obra das Vocações Sacerdotais*, 7.

constituição do Centro Diocesano da Obra das Vocações ou Secretariado Diocesano da Obra das Vocações»¹³⁰, segundo o Concílio – como tantas vezes repete o documento apresentado.

A par de todo o trabalho realizado na procura de dinamizar uma cultura da vocação, ficamos a saber, pela leitura do texto anteriormente referido, que a OVS dinamizava para todos os centros da Diocese o Dia Mundial de Oração pelas Vocações, que surgiu em 1964 por vontade do Papa Paulo VI¹³¹, bem como da Semana das Vocações e da Semana dos Seminários.¹³² Faz parte ainda desta instância a preocupação pela formação no âmbito da pastoral vocacional, como atesta o *Curso de Orientação Vocacional para Adolescentes*¹³³, justificado pelos organizadores como uma oportunidade, à semelhança dos *Cursos de Preparação para o Matrimónio*, dos adolescentes «estudarem antes do namoro a sua vocação»¹³⁴.

2.2 SECRETARIADO DIOCESANO DA PASTORAL DAS VOCAÇÕES

O Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações (SDPV) surgiu por decreto do Cardeal Cerejeira, em 1970, «integrando vários serviços e sectores necessários a uma conveniente orientação vocacional, tendo em conta e aproveitando a experiência e trabalho do Centro Diocesano das Vocações (OVS)»¹³⁵. No mesmo ato canónico, o Cardeal-Patriarca de Lisboa criou um *Conselho Diocesano da Pastoral das Vocações*, para que houvesse um contributo por parte de todos os diocesanos para a reflexão desta problemática. Estas duas instâncias tinham sido levadas à consideração dos padres da Diocese, meses antes, na quarta reunião, do então recentemente criado *Conselho Presbiteral*¹³⁶, que as aprovou por maioria de votos.¹³⁷

¹³⁰ Obra das Vocações Sacerdotais, 7.

¹³¹ Cf. Obra das Vocações Sacerdotais, 5.

¹³² Uma curiosidade é o facto destas semanas surgirem separadas, tal como hoje ainda acontece. Isto porque, por exemplo, em 1948 o Cardeal Cerejeira falava da Semana das Vocações e Seminários, mostrando que no início era uma só realidade. Cf. Cerejeira, *Ainda o Problema do Clero*, 3. A este propósito leia-se ainda o relatório da *IV Semana das Vocações e dos Seminários* que nos dá a conhecer que esta semana, em 1946, tinha sido realizada pela Ação Católica: Augusto Neves, «Relatório da IV Semana das Vocações e dos Seminários», *A Messe do Senhor*, Ano XV, n. 51 (1947): 3–8.

¹³³ Cf. Obra das Vocações do Patriarcado de Lisboa, *Curso de Orientação Vocacional para Adolescentes* (Lisboa: s. ed., 1967).

¹³⁴ Obra das Vocações Sacerdotais, *Movimento dos Centros em 1967*, 14.

¹³⁵ Manuel Cerejeira, «Actos do Governo Diocesano: Comunicação ao Clero e Fiéis sobre as Vocações e Seminários», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano III, n. 27–28 (1970): 9.

¹³⁶ Dizemos aqui recentemente criado, pois a ereção canónica do *Conselho Presbiteral* do Patriarcado de Lisboa aconteceu em 1967, sendo a reunião a que nos referimos ainda pertencente a estes primeiros conselheiros. Cf. Manuel Cerejeira, «Decreto de Criação do Conselho Presbiteral do Patriarcado de Lisboa», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano I, n. 1 (1968): 6.

¹³⁷ Através do BDP de maio-julho de 1970 ficamos a saber que estas duas instâncias foram propostas pelo cónego João Alves na reunião do Conselho Presbiteral, que contou com a presença também dos responsáveis dos Seminários diocesanos a pedido do Senhor Patriarca. Atestam ainda estes números do BDP que se decidiu delimitar

Antes da existência do Pré-Seminário, foi este Secretariado que organizou campos de férias e encontros vocacionais para rapazes. Sabemo-lo pelo seu *Plano de Atividades*¹³⁸ publicado no *Boletim Diocesano de Pastoral* (BDP), mas também por fazer notícias disso no jornal *Voz da Verdade*.¹³⁹ Das várias atividades podemos encontrar as *Semanas de Agosto*, retiros para jovens, coleções, encontros para os «Ministrantes de Altar»¹⁴⁰, celebrações diocesanas por ocasião do *Dia Mundial de Oração pelas Vocações*, semanas de pastoral vocacional, jornadas de oração, encontros vicariais de adolescentes, catequeses e ainda a celebração regular da missa na sede do Secretariado.¹⁴¹

Para concretizar os seus planos de ação, este Secretariado contava com o *Grupo de Apoio à Pastoral das Vocações* (GAPV), o *Centro Inter-Vicarial de Ministrantes do Altar* (CIVMA) e três publicações periódicas, a saber, um boletim chamado *Sinal*¹⁴² – folha formativa e informativa do Secretariado, distribuído pelas paróquias e residências de religiosos

a atuação de cada Seminário, concluindo-se que o dos Olivais era o pastoral, o de Almada o vocacional ou Seminário médio e os de Santarém e Penafirme os Seminários Menores, para acompanhar os primeiros germes da vocação sacerdotal. Todas estas propostas foram aprovadas com 23 votos a favor num total de 28 votantes. Cf. «A Quarta Reunião do Conselho Presbiteral», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano III, n. 25–26 (1970): 6–7.

¹³⁸ Em 1976 foi lançado o *Plano de Ação Pastoral* para o Patriarcado de Lisboa e para o concretizar foi pedido aos vários setores da pastoral que elaborassem os seus programas de ação. Por isso, o *Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações* apresenta o seu primeiro programa em 1977. Cf. Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Programa de Pastoral Vocacional», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano X, n. 95 (1977): 28. Para consultar o PAP ver a seguinte referência bibliográfica: «Documentos: Plano de Ação Pastoral para o Patriarcado de Lisboa», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano IX, n. 89 (1976): 7–19.

¹³⁹ A este propósito leia-se, por exemplo, a notícia publicada em janeiro de 1981, na qual o *Secretariado* partilhava com os leitores do jornal que iria realizar a 1 de fevereiro «mais um encontro de adolescentes que põem a hipótese de virem a ser padres». Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Pastoral Vocacional no Patriarcado», *Voz da Verdade*, 25 de janeiro de 1981, 2559 edição, 3. Ou ainda, como outro exemplo, a notícia sobre a Pastoral das Vocações, publicada em junho de 1981, que indica as várias atividades oferecidas: encontros com rapazes, fim de semana vocacional, encontro com os acólitos e ainda reunião com os dirigentes dos Centro Paróquias de Vocações. Cf. Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Pastoral das Vocações», *Voz da Verdade*, 28 de junho de 1981, 2581 edição, 3.

¹⁴⁰ Aproveitamos este rol de atividades propostas por este Secretariado para destacarmos o facto de os acólitos serem acompanhados por esta mesma instância diocesana. Como afirmaram os bispos portugueses nas BPV – refletindo a partir das palavras do Papa João Paulo II aos sacerdotes em 2004 –, «há que prestar atenção aos acólitos. Eles constituem um viveiro de vocações sacerdotais». Conferência Episcopal Portuguesa, *Bases para a Pastoral Vocacional*, Documentos 2004 2 (Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2004), § 26. Ideia semelhante é partilhada pelo sacerdote americano Leo Trese – conhecido pelas suas diversas publicações nas áreas de espiritualidade e doutrina católica –, na obra *Vaso de Argila*: «Se as vocações sacerdotais não surgem dentre os coroinhas, de onde virão? Quem melhor do que eles pode escutar a voz de apelo que vem do Sacrário?» Leo J. Trese, *Vaso de Argila*, 2ª edição (São Paulo: Quadrante, 2018), 24.

¹⁴¹ Cf. Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Programa de Pastoral Vocacional»; Cf. Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Programa de Pastoral das Vocações para 1978/79», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano XI, n. 100 (1978): 19–21. No editorial do primeiro número do *Sinal* o padre Carlos Paes relata como este jornal já tinha sido publicado em Lisboa, antes de se tornar uma publicação nacional: «O *Sinal* regressa a Lisboa. Aqui nasceu e foi depois nacionalizado e transportado para o Porto, onde o Rev. P. Valdemar o tornou adulto e ilustrado». Carlos Paes, «Editorial», *Sinal*, n. 1 (1978): 1. Assim, percebemos o porquê de existirem vários números do *Sinal* nos anos 60 com redação em Lisboa. Estes exemplares apresentam sempre no cabeçalho a designação do jornal: «mensário da obra das vocações sacerdotais». Leia-se, por exemplo, o número 57 sobre o Dia do Sacerdócio: «Dia do Sacerdócio», *Sinal*, n. 57 (1964): 2.

¹⁴² Cf. Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Programa de Pastoral das Vocações para 1978/79», 21. Através do *Noticiário* ficamos a saber que o primeiro número deste boletim foi publicado em 1978. Cf. «Seminário e Pastoral das Vocações», *Noticiário*, n. 3 (1978): 5.

–, um folheto chamado *A Caminho*¹⁴³ – apresentado assim pelo próprio Secretariado: «folheto policopiado distribuído bimestralmente aos jovens que vamos contactando, mais despertos para o serviço da Igreja»¹⁴⁴ – e ainda um boletim chamado *O Acólito* – publicado trimestralmente e distribuído aos acólitos.¹⁴⁵

Um importante documento deste Secretariado foi a publicação, no início da década de 80, apenas um ano antes de ser erigido o Pré-Seminário, do *Plano de Ação de Pastoral das Vocações do Patriarcado de Lisboa* (PAPV).¹⁴⁶ Esta publicação nasceu de um pedido que a então congregação romana responsável por estas questões, a *Congregação da Educação Católica*, tinha feito aos bispos residenciais do mundo inteiro, a fim de que não se difundisse uma cultura de indiferença relativamente à questão vocacional e ao decréscimo do número de rapazes e raparigas que queriam assumir uma vocação de especial consagração.¹⁴⁷ Como explica o Cardeal Ribeiro, na apresentação deste plano: «nomeei uma comissão [que preparasse o texto... e] dispus que o plano abrangeria a pastoral de todas as vocações de consagração [... e que deveria ser uma] ocasião propícia para mais sensibilizar a Igreja diocesana à pastoral das vocações»¹⁴⁸.

No contexto da Diocese de Lisboa, este *Plano* ganha ainda mais relevo por surgir poucos anos depois – apenas cinco – da publicação do *Plano de Ação Pastoral* (PAP) – a que já aludimos em nota de rodapé –, sendo visto até como um «complemento necessário ao PAP»¹⁴⁹. «O Senhor Patriarca poderia ter encarregado qualquer perito de, no seu gabinete, escrever um “Plano de Ação” para satisfazer o pedido de Roma. Corria-se, porém, o risco de Roma ficar

¹⁴³ Apesar de termos tentado encontrar, nos arquivos que consultámos, algum exemplar do folheto *A Caminho*, na época em que era redigido pelo GAPV, a procura foi infrutífera. Contudo, não deixamos de achar curioso que anos mais tarde o boletim informativo do Pré-Seminário de Lisboa tenha exatamente o mesmo nome. Como mostra o relatório do Pré-Seminário de 1990, existia o «A Caminho, folha mensal de ligação entre todos os prês e formadores». Pré-Seminário de Lisboa, «Pré-Seminário ao Serviço da Animação e Formação Vocacionais», Relatório de Atividades (Lisboa: Pré-Seminário de Lisboa, 30 de novembro de 1990), 38. O *A Caminho* do Pré-Seminário mais antigo que consultámos é datado de abril de 1993 e consta no Arquivo do Pré-Seminário de Lisboa.

¹⁴⁴ Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Programa de Pastoral das Vocações para 1978/79», 21. No ano seguinte, o mesmo Secretariado afirmava: «O folheto A Caminho – folha de ligação do Grupo de Apoio à Pastoral das Vocações, GAPV – passará a ser publicado mensalmente». Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Programa de Pastoral das Vocações para 1979/80», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano XII, n. 103–105 (1979): 29. Nesse mesmo ano através do *Noticiário* ficamos a saber da existência de uma «reunião com os leitores do “A Caminho”». Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações», *Noticiário*, n. 16 (1979): 7.

¹⁴⁵ Cf. Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações», *Noticiário*, n. 54–55 (1982): 8.

¹⁴⁶ Aquilo que aqui apresentamos relativamente a este documento seguirá de perto a análise que fizemos ao próprio *Plano*. Cf. Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, *Plano de Ação de Pastoral das Vocações do Patriarcado de Lisboa* (Lisboa: Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, 1981).

¹⁴⁷ Cf. António Ribeiro, «Apresentação», em *Plano de Ação de Pastoral das Vocações do Patriarcado de Lisboa* (Lisboa: Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, 1981), 3.

¹⁴⁸ Ribeiro, 3.

¹⁴⁹ Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, *Plano de Ação de Pastoral das Vocações do Patriarcado de Lisboa*, 17.

contente, mas a Diocese ficar na mesma»¹⁵⁰. Ao invés, o PAPV foi construído e maturado a partir do contributo dos vários órgãos e pessoas intervenientes na vida diocesana, como o Conselho Presbiteral, os institutos de vida consagrada, os serviços diocesanos, os fiéis da Diocese.¹⁵¹

O padre Armando Duarte, membro do Secretariado, escreveu vários artigos dirigidos à Diocese em 1979, que foram publicados no jornal *Voz da Verdade*, que explicam o surgimento do opúsculo *Pensar a Pastoral das Vocações*¹⁵² e todo o processo de preparação para a elaboração do PAPV.¹⁵³ Sem o contributo deste opúsculo, que permitiu fazer uma reflexão conjunta, teria sido muito difícil auscultar a Diocese relativamente a esta problemática, até porque o guião tinha dois objetivos: originar reuniões dos diversos grupos em torno da problemática vocacional e congregar toda a Diocese à volta de um problema que lhe diz respeito: a pastoral das vocações.¹⁵⁴

Este opúsculo distribuído a todos os fiéis do Patriarcado, além de uma larga consideração sobre o assunto¹⁵⁵, apresentava diversos questionários adequados às várias situações de cada diocesano: havia um para os padres, outro para os seminaristas, um outro para os grupos de jovens, outro ainda para os professores de *Religião e Moral*, e tantos outros que procuravam ir ao encontro de cada situação. Do questionário aos seminaristas salienta-se o facto de os questionar sobre o modo de atuar no acompanhamento às crianças e adolescentes que mostrem sinais de vocação. «Como atuar: através do acompanhamento pessoal feito pelo pároco respetivo, ou por outro padre com mandato para tal? Ou procurar inseri-las numa estrutura de formação (Seminário Menor)?»¹⁵⁶ Não nos esqueçamos que quando é feita esta pergunta estamos em 1979, sinal demonstrativo de que possivelmente estaria a faltar alguma estrutura diocesana de acompanhamento – agora que os Seminários Menores da Diocese tinham fechado.

¹⁵⁰ Armando Duarte, «Pensar a Pastoral das Vocações», *Voz da Verdade*, 25 de março de 1979, 2463 edição, 3.

¹⁵¹ Cf. Ribeiro, «Apresentação», 3.

¹⁵² Cf. Patriarcado de Lisboa, *Pensar a Pastoral das Vocações* (Lisboa: Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, 1979).

¹⁵³ Cf. Duarte, «Pensar a Pastoral das Vocações», 3; Cf. Armando Duarte, «Todos vamos pensar a Pastoral das Vocações», *Voz da Verdade*, 1 de abril de 1979, 2464 edição, 3; Cf. Armando Duarte, «Pensar a Pastoral das Vocações: Os Centros são Coisas do Passado?», *Voz da Verdade*, 8 de abril de 1979, 2465 edição, 3; Cf. Armando Duarte, «Oração Pastoral das Vocações», *Voz da Verdade*, 15 de abril de 1979, 2466 edição, 3; Cf. Armando Duarte, «Pensar a Pastoral das Vocações: Relações com os Religiosos», *Voz da Verdade*, 13 de maio de 1979, 2470 edição, 1–2; Cf. Armando Duarte, «Pensar a Pastoral das Vocações: Os Seminários Menores», *Voz da Verdade*, 27 de maio de 1979, 2472 edição, 1, 3.

¹⁵⁴ Cf. Duarte, «Pensar a Pastoral das Vocações», 3.

¹⁵⁵ Através deste opúsculo confirma-se como havia «uma colaboração orgânica entre os Seminários Diocesanos e o Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações. Assim, alguns formadores dos Seminários estão entre os responsáveis encarregados de animar a pastoral das vocações e os seminaristas, sobretudo do Seminário Vocacional, estão comprometidos nesta pastoral». Patriarcado de Lisboa, *Pensar a Pastoral das Vocações*, 18.

¹⁵⁶ Patriarcado de Lisboa, 31.

Em suma, a lógica do Secretariado era apenas uma: «já que todos temos a ver com a pastoral das vocações, todos vamos pensar a pastoral das vocações»¹⁵⁷. Deste modo, 1979 foi o ano de elaborar o PAPV – como ficamos a saber *pelo Programa Diocesano de Pastoral para 1979/80*¹⁵⁸, e concretamente pelo *Programa de Pastoral das Vocações de 1979/80*¹⁵⁹ – e de o levar à discussão no Conselho Presbiteral. «Distribuído a todos os padres do Patriarcado e por eles estudado e discutido, foi apresentado ao Conselho Presbiteral, que o apreciou»¹⁶⁰ e que, apesar de ter considerado digno de ser aprovado na globalidade, sugeriu alterações na especialidade que obrigaram a reescrever substancialmente o documento. Depois disso foi dado à apreciação do Conselho Episcopal e aprovado em 1981.

O documento além do *status quo*, apresentado através de dados estatísticos, expõe propostas concretas de dinamização da pastoral vocacional a nível diocesano.¹⁶¹ Queremos sublinhar três ideias deste *Plano*, que nos parecem ajudar na compreensão do contexto da antevéspera da criação do Pré-Seminário de Lisboa.

Em primeiro lugar, a ação do Secretariado Diocesano teve bom acolhimento por parte das comunidades cristãs; e foi recuperada a confiança do Povo de Deus, sobretudo do clero, nos Seminários diocesanos – lembramos que à data apenas existiam dois: Almada e Olivais.¹⁶²

Em contraposição, tanto para a Diocese no geral, como para os padres em particular, a questão da existência do Seminário Menor ainda não estava resolvida e tornara-se, por vezes, obstáculo à pastoral vocacional. O relatório presente neste *Plano* apresenta-nos as várias linhas de pensamento relativamente a esta matéria: havia aqueles que desejavam reabrir o Seminário Menor nos moldes até então realizados; havia outros que se opunham à existência do Seminário Menor por causa das experiências antecedentes; havia uns que achavam não ter sentido propor um Seminário a pré-adolescentes, desacreditando o chamamento em tal idade; e havia ainda outros que desejavam um Seminário Menor diferente, com uma configuração nova, de apoio às crianças que se sentissem chamadas.¹⁶³

¹⁵⁷ Duarte, «Todos vamos pensar a Pastoral das Vocações», 3.

¹⁵⁸ Cf. «Programa Diocesano de Pastoral para 1979/80», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano XII, n. 103–105 (1979): 17.

¹⁵⁹ Cf. Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Programa de Pastoral das Vocações para 1979/80», 28.

¹⁶⁰ Ribeiro, «Apresentação», 3.

¹⁶¹ Tal desejo não será novidade, antes pelo contrário, estará presente variadíssimas vezes no Magistério, na programação pastoral e em documentos similares, tal como aconteceu quase 40 anos depois da publicação do PAPV na *Constituição Sinodal de Lisboa* no seu último número – bastante programático por sinal. Este ponto da *Constituição* apresenta como 6ª opção de ação o campo da vocação, propondo novamente «dinamizar a pastoral vocacional junto dos jovens acompanhando-os no seu caminho; cultivar a vocação sacerdotal e a formação nos Seminários em resposta às necessidades da vida da Igreja e do mundo atual». Patriarcado de Lisboa, *Constituição Sinodal de Lisboa* (Lisboa: Patriarcado de Lisboa, 2016), § 70.

¹⁶² Cf. Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, *Plano de Ação de Pastoral das Vocações do Patriarcado de Lisboa*, 17.

¹⁶³ Cf. Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, 18.

A última ideia que sublinhamos da leitura do *Plano* é a certeza de que havia necessidade na Diocese de acompanhar, com uma estrutura diocesana anterior à entrada no Seminário, os jovens que se sentiam chamados ao sacerdócio. Tal acompanhamento era oferecido pelo SDPV, mas muito também pelo Seminário de Almada – que com o encerramento dos Seminários Menores se viu obrigado a reestruturar, deixando de ser um Seminário Médio para se tornar um Seminário Vocacional. Desta feita, «o Seminário Vocacional [assumiu] em colaboração orgânica com o Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações a irradiação da perspectiva vocacional, especialmente entre os jovens»¹⁶⁴. Daí que entrem também no plano de atividades – além dos encontros, retiros, formações dos acólitos, realizados ao longo do ano, e dos encontros de verão para adolescentes e jovens, organizados pelo SDPV – as Semanas Vocacionais no Seminário de Almada, que aconteciam todos os anos nas férias de verão.¹⁶⁵

A questão dos Seminários Menores que surge mencionada no PAPV e que, como pudemos ver no capítulo anterior, esteve presente também na aula conciliar, não ficou fechada nos anos 60 e sem dúvida não era unânime.¹⁶⁶ No Patriarcado a problemática esteve também em discussão, como confirma a reflexão do PAPV a que aludimos. Façamos, portanto, um breve percurso histórico, pelo período pós-conciliar, de forma a clarificar os pontos de vista que estiveram em discussão na Diocese, assim como as conclusões a que se possa ter chegado – muito úteis na nossa reflexão sobre a pertinência do Pré-Seminário.

A primeira paragem deste percurso é o ano de 1968 – acabados de sair do Concílio Vaticano II – que confirma a permanência de tais Seminários em Lisboa. Dizia-se assim no BDP: «no caso do Patriarcado [...] são de manter os Seminários Menores; é preciso assegurar a sua renovação de acordo com as novas exigências e as diretrizes conciliares; [...] devem integrar-se na pastoral da juventude»¹⁶⁷.

Passados quatro anos, continuando a reflexão, em 1972, alertava-se para uma certa mudança necessária: os Seminários Menores não podiam ser lugares onde as comunidades enviavam os candidatos ao sacerdócio, mas depois deixavam de estar envolvidas na caminhada

¹⁶⁴ Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, 29.

¹⁶⁵ Cf. Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, 36–37.

¹⁶⁶ Leia-se, por exemplo, o artigo do padre Armando Duarte no jornal *Voz da Verdade* sobre os Seminários Menores para entender o porquê de dizermos que não era unânime o pensamento sobre tal realidade: «Parece-nos que não seria correto silenciar, por ser polémica, a questão dos Seminários Menores. É uma questão importante, pois dela depende, em grande parte, uma catequese das vocações, junto das crianças. A situação, no Patriarcado, todos a conhecemos: os Seminários Menores de Santarém e Penafirme deixaram de funcionar. Para nós, como para a maioria dos cristãos da Diocese que, durante muitos anos, construíram e sustentaram aqueles Seminários, o seu encerramento é simplesmente um facto consumado.» Duarte, «Pensar a Pastoral das Vocações: Os Seminários Menores», 1. Aconselhamos ainda a leitura de um artigo no boletim *A Messe do Senhor*, que em 1963 já fala da necessidade de uma renovação dos Seminários Menores, ao mesmo tempo que nos dá a indicação de haver pessoas que acham que o melhor era fechá-los: «Seminários Menores», *A Messe do Senhor*, Ano XXXII, n. 110 (1963): 4–5.

¹⁶⁷ «Seminários», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano I, n. 7 (1968): 19.

vocacional. Talvez fosse esta forma de estar já sintoma da caducidade desta instituição, que necessitava do tal *aggiornamento* proposto pelo Concílio. Escrevia-se assim no BDP: «Já não serão necessariamente internatos fechados de meninos bonzinhos conduzidos por austeras figuras negras, mas centros de apoio específico ao trabalho vocacional»¹⁶⁸. O autor do artigo, cujo nome desconhecemos, considerava que: «assim entendidos creio que se aceitam os Seminários Menores»¹⁶⁹. Ou seja, entendidos, não como um lugar de abandono dos seminaristas que negligenciasse o acompanhamento das comunidades cristãs, mas antes que as próprias comunidades se sentissem os primeiros responsáveis da formação, para a qual contavam também com o contributo dos Seminários Menores.

Em 1979, aquando da elaboração do PAPV, o padre Armando Duarte, no conjunto de textos que publicou no jornal *Voz da Verdade*, já supramencionados, dava a conhecer aos diocesanos que «nas frequentes reuniões que [havia] com padres, catequistas e Centros da Pastoral Vocacional, onde muitas vezes os Seminários Menores são assuntos de conversa, o problema não é visto com indiferença»¹⁷⁰.

A última referência histórica, anterior à ereção canónica do Pré-Seminário, à temática dos Seminários Menores, é o facto de terem sido realizadas, em 1981, duas reuniões da comissão encarregada pelo Patriarca de estudar o problema dos Seminários Menores – contemporâneas da aprovação do PAPV – e que foram presididas pelo então Bispo Auxiliar, D. José Policarpo.¹⁷¹ A par destas reuniões, da leitura do *Sinal* ficamos a conhecer que houve um inquérito lançado à Diocese sobre esta mesma problemática.¹⁷²

De tudo isto, concluímos que o contexto vivido no Patriarcado de Lisboa no início da década de 80 era favorável ao surgimento do Pré-Seminário. Tal faz-nos logo perguntar: terá porventura o desejo de criar este serviço nascido da aplicação deste *Plano*? Será antes a criação desta instituição diocesana uma resposta direta à problemática dos Seminários Menores? Para tais perguntas, não nos é possível apresentar uma resposta comprovada documentalmente. Mas, estamos certos de que o caminho necessário ao surgimento do Pré-Seminário foi preparado pelo PAPV e que as muitas dúvidas sobre a melhor forma de acompanhar as crianças e os adolescentes com inquietações vocacionais foram oportunidade de sonhar esta instituição.

¹⁶⁸ «Pastoral Vocacional e Seminários no Patriarcado», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano V, n. 49 (1972): 6.

¹⁶⁹ «Pastoral Vocacional e Seminários no Patriarcado», 6.

¹⁷⁰ Duarte, «Pensar a Pastoral das Vocações: Os Seminários Menores», 1.

¹⁷¹ Cf. «Seminários», *Noticiário*, n. 39 (1981): 5; Cf. «Seminários», *Noticiário*, n. 40 (1981): 4.

¹⁷² «Neste momento processa-se o tratamento das respostas ao inquérito recentemente lançado à Diocese sobre o assunto. / Entretanto, o grupo de rapazes que não tendo ainda idade para entrar no Seminário de Almada, se propõem vir a ser padres, vai crescendo. O Acampamento realizado no verão, em Penafirme, deu mais força a todos». Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Notícia dos Seminários», 4.

2.3 SEMINÁRIOS DIOCESANOS

O Pré-Seminário, como tivemos oportunidade de mencionar, trabalhará numa relação direta com os Seminários da Diocese, até porque enviará os rapazes, que sentir aptos, para essas mesmas casas. Logo, pareceu-nos importante situar neste estudo as várias casas de formação diocesanas, que já existiram e as que hoje existem, contextualizando-as através de pequenas sùmulas históricas, que nos ajudem a entender a cronologia dos acontecimentos e a sua relação com o Pré-Seminário. Além dos Seminários que iremos apresentar, acresce ainda falar do Seminário de Abridada – sobre o qual não nos foi possível consultar documentação histórica.¹⁷³ Todavia, sabemos que funcionou durante três anos nos começos dos anos 50 e que foi aberto precisamente porque o Seminário de Santarém estava lotado.¹⁷⁴

2.3.1 DO SEMINÁRIO PATRIARCAL DE LISBOA AO SEMINÁRIO DE SANTARÉM

O primeiro Seminário do Patriarcado de Lisboa nasceu em 1566, depois do Concílio de Trento, mandado contruir pelo Cardeal Infante D. Henrique. «Estabelecido junto ao castelo, com a invocação de Santa Catarina, transitaria em 1780 para Santarém, onde ganhou o nome de Nossa Senhora da Conceição»¹⁷⁵. Pelo estudo que o cónego Isaías da Rosa Pereira fez sobre os Seminários de Lisboa, ficamos também a saber que este mesmo Seminário por volta de 1779 não tinha edifício próprio, dado que as suas instalações foram destruídas pelo terramoto de Lisboa em 1755 e não foram reconstruídas. É precisamente por essa razão que se muda para Santarém, depois de ter funcionado em casas alugadas e no Colégio de S. Patrício. O mesmo cónego comentava que «o Seminário de Santa Catarina viveu até cerca de 1780, mas já em decadência e sem rendimentos suficientes»¹⁷⁶.

Ainda que a informação relativa a esta instituição seja muito parca, pelos estudos do cónego Isaías, ficamos a saber que no decurso do ano de 1853 houve a intenção de refundar o

¹⁷³ Ficámos a saber que poderá haver alguma informação no Arquivo Histórico do Patriarcado, no fundo do Cardeal Cerejeira, após uma conversa com a doutora Alexandra Xisto, do Arquivo Diocesano de Santarém. Contudo, não nos foi possível consultar o referido arquivo.

¹⁷⁴ Estas informações da existência do Seminário de Abridada obtivemo-las através de uma conversa informal com o cónego Samuel Rodrigues, que nos contou ter vivido nesses anos a experiência de serem muitos seminaristas em Santarém, fazendo até que o seu número de roupa fosse na casa dos 300. Além do mais, a existência desta casa de formação é-nos assegurada também pela sùmula biográfica sobre o padre Luís Maria dos Anjos Maurício existente no site da Paróquia da Amadora. Averba assim: «Pe. Luís Maria dos Anjos Maurício: terceiro pároco que a Igreja da Amadora recebeu. Iniciou as suas tarefas paroquiais a 26 de agosto de 1974. Tendo anteriormente desempenhado a função de Pároco de Turquel em Alcobaça, de Alenquer e de Olivais-Sul e exercendo o múnus sacerdotal na Obra da Rua, como colaborador do saudoso Pe. Américo, foi prefeito e professor no pequeno Seminário de Abridada». Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Amadora, «Párcos, Vigários Paroquiais (co-adjutores) e colaboradores», acedido 1 de outubro de 2021, <http://www.paroquia-amadora.pt/parocos-vigarios-paroquiais-co-adjutores-e-colaboradores/>.

¹⁷⁵ Manuel Clemente, «Da Igreja para o Mundo: O Seminário da Diocese de Lisboa», *Novellae Olivarum*, n. Especial (75º Aniversário) (2006): 27.

¹⁷⁶ Pereira, *Os Seminários da Diocese de Lisboa: Notas Históricas*, 7.

Seminário de Santarém. Efetivando-se o desejo «em 16 de outubro [, dia em que se] celebrou com grande pompa a instalação solene do Seminário patriarcal»¹⁷⁷. Depois disso, «manteve-se o Seminário Patriarcal em Santarém, mesmo depois de 1910, [...] até 1931»¹⁷⁸, visto que com a abertura do Seminário dos Olivais em 1931, sofreu mudanças, passando a ser apenas destinado aos alunos dos primeiros anos. Além do mais, esta casa de formação estava muito necessitada de obras de restauro. O Patriarca de Lisboa, em 1935, fazia a seguinte análise deste Seminário¹⁷⁹: «casarão velho, embora de gloriosas tradições a desfazer-se, serviços sanitários deficientes, falta de lugares convenientes de recreação: ou tem de ser quase inteiramente transformado [...] ou tem de ser abandonado»¹⁸⁰.

Depois de obras de restauro feitas nos anos 30, este Seminário funcionará como Seminário Menor da Diocese até 1974, ano em que há registo dos últimos alunos.¹⁸¹ Num pequeno esboço sobre os Seminários de Lisboa, o então padre Manuel Clemente, descrevia assim as mudanças em Santarém: «O Cardeal Cerejeira inaugurou o Seminário dos Olivais, tirando de Santarém os anos de Filosofia e Teologia; em 1935, tirara de lá os últimos anos do secundário mudando-os para o Seminário de Almada»¹⁸², passando em Santarém a serem lecionados os três primeiros anos do ciclo preparatório.¹⁸³ Atualmente esta casa de formação pertence à Diocese de Santarém, criada em 1975.¹⁸⁴

2.3.2 SEMINÁRIO DE CRISTO-REI DOS OLIVAIS

Fundado pelo Cardeal Cerejeira, o Seminário de Cristo-Rei dos Olivais¹⁸⁵, recebeu os seus primeiros alunos no dia 24 de outubro de 1931, sendo inaugurado a 1 de novembro do

¹⁷⁷ Pereira, 9.

¹⁷⁸ Pereira, 13.

¹⁷⁹ Além da descrição feita pelo Cardeal Cerejeira na *Carta Pastoral sobre o Problema do Clero*, o caso agrava-se se tivermos em atenção o que nos conta o prelado sobre a apreciação vinda de Roma: «A Santa Sé acaba justamente de mo denunciar, em virtude da visita apostólica há dois anos realizada, como impróprio [o Seminário de Santarém], por falta de condições disciplinares e higiénicas». Cerejeira, *Carta Pastoral sobre O Problema do Clero*, 15.

¹⁸⁰ Cerejeira, 14–15.

¹⁸¹ Através uma troca de correspondência com a Dr^a Alexandra Xisto, do Arquivo Diocesano de Santarém, ficámos a saber que os últimos termos de matrícula do Seminário de Santarém são respeitantes ao ano letivo de 1973/1974.

¹⁸² Manuel Clemente, «Os Seminários de Lisboa», *Novellae Olivarum*, 4^a Série, n. 19 (1994): 4.

¹⁸³ Cf. Comissão Episcopal para a Disciplina dos Seminários, *Os seminários em Portugal*, 53.

¹⁸⁴ Cf. «Novas Dioceses de Setúbal e Santarém», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano VII, n. 79–80 (1975): 6.

¹⁸⁵ Nas palavras do cónego Isaías, «o atual Seminário de Cristo Rei dos Olivais é o sucessor do Seminário de Santa Catarina fundado em 1566 pelo Cardeal Infante D. Henrique. De facto, o dito Seminário nunca foi extinto. Após diversas vicissitudes foi instalar-se no Colégio que fora dos jesuítas em Santarém. Com as invasões francesas e as perturbações políticas de 1820 a 1834, os poucos seminaristas vieram para Lisboa (Palácio da Mitra em Marvila e depois o Convento de S. Vicente de Fora). No ano de 1853 o Seminário pôde reinstalar-se finalmente em Santarém. Quando em 1931 se desmembrou, passaram os alunos de teologia para o Palácio dos Olivais e para o edifício novo construído mais tarde». Pereira, *Os Seminários da Diocese de Lisboa: Notas Históricas*, 45; Cf. Clemente, «Da Igreja para o Mundo: O Seminário da Diocese de Lisboa», 27.

mesmo ano.¹⁸⁶ «Providencialmente e confiando apenas na providência [...] foi possível adquirir a antiga quinta do Cabeço no sítio dos Olivais, situado no extremo do concelho de Loures, mesmo à beira de Lisboa»¹⁸⁷. Nas palavras do Patriarca D. José Policarpo, «a opção do Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira de deslocar o Seminário Maior de Santarém para Lisboa, logo no início do seu pontificado, insere-se num projeto de renovação pastoral e espiritual da Igreja diocesana»¹⁸⁸.

Com uma história longa de formação de muitos sacerdotes, não só para Lisboa, mas para outras dioceses de Portugal e de outros países, este Seminário Maior, ainda hoje em funcionamento no Patriarcado de Lisboa, também passou por dificuldades nos anos 60.¹⁸⁹ No ano de 1968, a equipa formadora do Seminário demite-se, provocando uma grande crise que culminará num decréscimo do número de alunos, do número de ordenações e numa mudança da equipa formadora.¹⁹⁰ Apesar de terem sido períodos difíceis, acabaram por ser oportunidade para aprofundar a missão do Seminário.¹⁹¹

Como demos a conhecer em nota de rodapé anterior, no ano de 1970 esta casa de formação recebe a designação de «Seminário Pastoral», já que o tirocínio pastoral acontecia precisamente nesta casa, onde os candidatos frequentavam a parte teológica do curso da universidade e onde se preparavam para a ordenação. Assim aconteceu até 2017, quando se dá

¹⁸⁶ Cf. Pereira, *Os Seminários da Diocese de Lisboa: Notas Históricas*, 14. Este Seminário foi confiado aos Padres da Congregação dos Sagrados Corações que, juntamente com o monsenhor Pereira dos Reis, tornaram real o sonho do Patriarca de Lisboa. Estes padres permaneceram na equipa formadora até 1947. Cf. José Amaro Teixeira, «Até os vindouros declinarão os vossos nomes», *A Messe do Senhor*, n. 56 (1948): 4–6.

¹⁸⁷ Pereira, *Os Seminários da Diocese de Lisboa: Notas Históricas*, 14.

¹⁸⁸ José Policarpo, «O Seminário na Igreja Particular», *Novellae Olivarum*, n. Especial (75º Aniversário) (2006): 14.

¹⁸⁹ Para aprofundamento deste período da história do Seminário dos Olivais aconselhamos a leitura da seguinte tese de mestrado: Mendo Saraiva de Reffóios Paes de Ataíde, «A questão da formação sacerdotal no contexto das transformações paradigmáticas do século XX em Portugal: o caso do Seminário dos Olivais» (Tese de Dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Teologia - Universidade Católica Portuguesa, 2019). Pode ainda consultar-se separadamente o terceiro capítulo desta tese (que aborda especificamente o Seminário dos Olivais) na seguinte referência bibliográfica: Mendo Saraiva de Reffóios Paes de Ataíde, *O Caso do Seminário dos Olivais: da fundação à recepção conciliar* (Moscavide: Associação Monsenhor Pereira dos Reis, 2021).

¹⁹⁰ Como nos narra o sacerdote Mendo Ataíde na dissertação que escreveu: «O fim da experiência da reitoria do Cónego Abílio Cardoso deu-se na preparação do ano letivo de 1968/69, quando o Cardeal Cerejeira informou o reitor da sua decisão de enviar os seminaristas a estudar na Universidade Católica que estava para fundar. [...] Perante esta situação, a maior parte dos padres formadores apresentou a sua demissão ao prelado, a 3 de outubro de 1968». Ataíde, «A questão da formação sacerdotal no contexto das transformações paradigmáticas do século XX em Portugal: o caso do Seminário dos Olivais», 116. Sugerimos para compreender a nomeação de uma nova equipa formadora uma comunicação ao clero publicada em 1970 no BDP: Cerejeira, «Actos do Governo Diocesano: Comunicação ao Clero e Fiéis sobre as Vocações e Seminários», 9–10.

¹⁹¹ São sem dúvidas marcantes as palavras escritas pelo *Sinal* em 1981, aquando dos 50 anos da fundação deste Seminário: «O Seminário dos Olivais venceu a crise que o atingiu. [...] Ao atual Reitor, Senhor D. José da Cruz Policarpo, o homem que corajosamente fechou o parêntesis da crise e recomeçou a história de glória do Seminário de Cristo-Rei “o Sinal” dirige cordiais saudações e garante uma oração insistente». «As bodas de oiro do Seminário dos Olivais: um pouco de História», *Sinal*, n. 18 (1981): 3. Para se descobrir mais sobre o que se viveu no Seminário dos Olivais nos anos 70 recomendamos o seguinte artigo: Carlos Paes, «O Seminário Patriarcal de Lisboa: 75 anos nos Olivais - reflexões sobre a década de 70», *Novellae Olivarum*, n. Especial (75º Aniversário) (2006): 39–46.

uma nova mudança nos Seminários de Lisboa, durante o pontificado do Cardeal Clemente, após a publicação da DPV. «Com [esta] publicação, [...] tornou-se necessário reformular o itinerário formativo dos candidatos ao sacerdócio nos nossos Seminários Diocesanos, unindo, no Seminário Maior de Cristo-Rei (Olivais), todo o sexénio Filosófico-Teológico-Pastoral»¹⁹².

Por fim, de notar que o Seminário dos Olivais foi lugar de muitos encontros e retiros organizados primeiramente pelo SDPV, passando mais tarde a acolher também encontros do Pré-Seminário.¹⁹³ Por conseguinte, é evidente a relação deste Seminário com o Pré-Seminário, para a qual acresce o facto de muitos seminaristas fazerem o seu estágio pastoral no Pré-Seminário, como animadores – como atualmente ainda acontece.

2.3.3 SEMINÁRIO DE ALMADA

Em terras do distrito de Setúbal, no antigo Convento da Ordem Dominicana, instala-se em 1935 o Seminário de São Paulo de Almada, por provisão do então Cardeal-Patriarca, D. Manuel Cerejeira.¹⁹⁴ Esta casa de formação é constituída como Seminário Médio, destinando-se «aos alunos do 4º e 5º anos de preparatórios e do 1º de Filosofia»¹⁹⁵.

Nos anos 60, já depois de ter comemorado 25 anos da sua existência, efetivam-se algumas mudanças. A primeira acontece no ano de 1968 quando se inicia o curso de Teologia na Universidade Católica Portuguesa (UCP), passando os alunos deste Seminário a estudar neste estabelecimento de ensino. A segunda refere-se a 1970, «como consequência da doutrina do Concílio, o Seminário passou a designar-se “Seminário Vocacional”, cabendo-lhe a dupla tarefa da formação em ordem ao Seminário Pastoral e da promoção vocacional»¹⁹⁶. Assim, entende-se o porquê de algumas atividades de teor vocacional acontecerem em Almada, como os retiros vocacionais, as Assembleias de Jovens e as Semanas de Agosto, e de a equipa formadora colaborar de perto com o SDPV – tudo aspetos já referidos anteriormente.¹⁹⁷

¹⁹² Manuel Clemente, «Nomeações - Seminários Diocesanos», *Vida Católica*, IV Série, n. 12 (2017): 160.

¹⁹³ São muitas as vezes que vemos como local dos eventos o Seminário dos Olivais. Para ilustrar as fontes nas quais nos baseamos para fazer tal afirmação, socorremo-nos de três exemplos onde é evidente este facto: um programa do SDPV, uma notícia do SDPV no jornal *Voz da Verdade* e, por fim, uma carta do Pré-Seminário: Cf. Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Programa de Pastoral das Vocações para 1978/79»; Cf. Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Pastoral das Vocações», *Voz da Verdade*, 29 de março de 1981, 2568 edição, 3; Cf. José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Prés», 8 de março de 2009, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

¹⁹⁴ *Seminário Patriarcal de São Paulo: 1935-1985* (Almada: s. ed., 1985), 12.

¹⁹⁵ Comissão Episcopal para a Disciplina dos Seminários, *Os seminários em Portugal*, 51.

¹⁹⁶ Rodrigo Mendes, *Nos 75 anos do Seminário de Almada: um roteiro histórico-artístico* (Almada: Seminário de São Paulo de Almada, 2011), 22.

¹⁹⁷ Ainda que aprofundemos as Assembleias de Jovens num tópico posterior, sublinhamos desde já que o trabalho realizado pelo Seminário de Almada na promoção vocacional junto dos jovens da Diocese de Lisboa será decisivo. Num artigo sobre estas Assembleias no jornal *Sinal* afirma-se assim: «É neste contexto que o Seminário de Almada toma a iniciativa prática de promover actividades apostólicas para e com os jovens das comunidades

Nas palavras do folheto que comemora os 50 anos da existência desta casa, lê-se que o Seminário Vocacional «é uma Comunidade centrada numa equipa de padres, com missão de chamar, formar e discernir aqueles jovens cristãos maiores de 16-17 anos, a quem Deus já deu sérios sinais de vocação para o sacerdócio»¹⁹⁸. Em suma, «existe para preparar a entrada no Seminário Pastoral [...]. Está, portanto, ao serviço daqueles jovens ou adultos das comunidades que, tendo sentido um primeiro apelo ao sacerdócio, o querem clarificar em confronto com outros»¹⁹⁹.

Para entendermos o alcance deste acompanhamento vocacional, socorramo-nos das palavras do padre Joaquim Duarte, diretor espiritual de Almada, proferidas na festa do padroeiro em 1974: «A juntar aos 19 rapazes que com os três padres constituem o núcleo do Seminário Vocacional, há mais cerca de uns 40-50 jovens espalhados pela Diocese com quem o Seminário contacta de perto nessa ação evangelizadora»²⁰⁰. Ao dizer isto o padre Joaquim sabia que nem todos iriam entrar para o Seminário, mas estava certo de que o caminho passava por esse acompanhamento – podemos ver aqui uma antevisão do trabalho realizado mais tarde pelo Pré-Seminário.

Pelas várias notícias no *Sinal*, ficamos a saber que este Seminário juntamente com o de Caparide – a partir de 1983 – correspondiam ao Seminário Vocacional.²⁰¹ Neste Seminário, os alunos frequentavam o 11º ano e/ou o 12º ano²⁰², se assim precisassem para acabar os estudos do liceu, e depois os dois primeiros anos do Curso de Teologia na Universidade Católica.²⁰³ Estes dois anos diziam respeito à etapa filosófica. A partir de 1990, o 12º ano passa a ser lecionado no Seminário de São José, destinando-se a casa da margem sul apenas aos primeiros anos do curso de Teologia.²⁰⁴ Pode, por isso, dizer-se que desde então o «Seminário de Almada [...] é a fase inicial do Seminário Maior»²⁰⁵.

cristãs da Diocese, estabelecendo dessa maneira com eles um amplo e frutuoso diálogo – meio indispensável para uma catequese vocacional até então praticamente limitada a crianças». «Assembleias de Jovens: espaços de diálogo entre Seminário e jovens da Diocese», *Sinal*, n. 39 (1986): 2–3.

¹⁹⁸ *Seminário Patriarcal de São Paulo: 1935-1985*, 32.

¹⁹⁹ «Pastoral Vocacional e Seminários no Patriarcado», 6.

²⁰⁰ Joaquim da Conceição Duarte, «Seminário Vocacional de Almada», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano VII, n. 62–63 (1974): 20.

²⁰¹ Cf. «O Seminário de Almada atual», *Sinal*, n. 39 (1986): 3.

²⁰² Referimo-nos aqui à possibilidade da frequência do 11º ano, por assim vermos relatado, por exemplo, no *Sinal* de 1989: «Este Seminário Vocacional inicia este novo ano pastoral com 37 seminaristas: 1 no 11º Ano de escolaridade, 14 no 12º Ano, 14 no 1º Ano da Faculdade de Teologia e 8 no 2º Ano». «Seminário de Almada», *Sinal*, n. 58 (1989): 3.

²⁰³ Cf. «Seminário de Almada», *Sinal*, n. 42 (1986): 2–3.

²⁰⁴ «A outra novidade a registar [neste novo ano] é a do 12º Ano que a partir de agora é lecionado no Seminário de S. José de Caparide. Assim, do 12º Ano temos apenas um aluno que nos ficou do passado ano lectivo». «Seminário de Almada», *Sinal*, n. 64 (1990): 4.

²⁰⁵ «Seminário de Almada», *Sinal*, n. 71 (1992): 3.

Assim funcionará até 16 de julho de 1999, quando «o Patriarcado de Lisboa entrega à Diocese de Setúbal o edifício do Seminário e a respetiva quinta, conforme estava previsto na Bula [...] pela qual o Papa Paulo VI criou a nova Diocese [de Setúbal]»²⁰⁶.

2.3.4 SEMINÁRIO LICEAL DE PENAFIRME

O Seminário Liceal de Penafirme abriu portas em 1960 como o quarto Seminário do Patriarcado de Lisboa à época – contando com Santarém, Almada e Olivais. A rede de Seminários desta Diocese passou a ser constituída, desta forma, por quatro casas de formação, sendo que duas correspondiam à mesma etapa de estudos. De imediato uma pergunta nos ocorre: qual o motivo de numa mesma Diocese passarem a existir dois Seminários Menores? Será que haveria um número tão elevado de alunos que uma só casa se teria tornado pequena para as solicitações existentes?

Como veremos, não foi uma questão de números de vagas, apesar desses números serem bastante promissores – regista-se, por exemplo, no início do ano letivo de 1963 255 alunos matriculados para frequentar o Seminário de Santarém.²⁰⁷ No período homólogo no Seminário Liceal de Penafirme, estavam inscritos 83 alunos, o que perfazia um total de 316 alunos a frequentar o curso de Humanidades nos Seminários da Diocese Orlisiponense.²⁰⁸

Mas então qual foi de facto a razão para abrir este Seminário? O padre Carlos Silva mostra-a bem no seu estudo sobre este Seminário. «Este Seminário [...] nasceu da necessidade de aumentar o recrutamento das Vocações, em meios que até agora raramente no-las davam – a classe média, avara em dar filhos à Igreja»²⁰⁹. A estas palavras acresce ainda dizer: em primeiro lugar, que o Seminário de Santarém estava muito conotado como o Seminário dos pobres – com o qual a classe média não se identificava – ou também chamado por alguns como o liceu dos pobres; em segundo lugar, porque o curso realizado nesse Seminário escalabitano não tinha equivalência ao que se fazia a nível civil, quem saísse não poderia continuar os estudos no liceu.

Assim, no antigo convento dos frades agostinhos que remonta ao século XVIII funcionará de 1960 a 1977 o Seminário Liceal de Penafirme, «tendo em vista as famílias desejosas de dar filhos à Igreja, mas que costumam mandá-los estudar para os Liceus, onde quase todos perdem a vocação, ou para os colégios, onde a vocação não é cultivada»²¹⁰.

²⁰⁶ Mendes, *Nos 75 anos do Seminário de Almada: um roteiro histórico-artístico*, 25.

²⁰⁷ Cf. Comissão Episcopal para a Disciplina dos Seminários, *Os seminários em Portugal*, 53.

²⁰⁸ Cf. Comissão Episcopal para a Disciplina dos Seminários, 54.

²⁰⁹ Carlos Aleixo Silva, *O Seminário Liceal de Penafirme (1960-1977)* (Torres Vedras: s. ed., 2010), 62. Esta citação que fazemos corresponde na obra à citação das palavras da sessão de abertura proferidas pelo então Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

²¹⁰ Silva, 62–63.

No ano letivo de 1977/1978 este Seminário já não teve alunos matriculados como conta o padre do Patriarcado: «a última atividade [deste Seminário] foi uma reunião com os pais dos últimos alunos na tarde do dia doze de junho [de 1977]»²¹¹, ano em que faleceu o fundador desta mesma casa, o Cardeal Cerejeira.

Ainda que a casa continuasse a servir para encontros, como provam várias notícias do jornal *Voz da Verdade* e os programas de ação do SDPV, já não era uma casa de formação sacerdotal, ou seja, um Seminário em sentido estrito.²¹² Um exemplo de que continuava a ser usado para encontros é o facto de, no verão de 1981, ter acontecido na mata do Seminário de Penafirme um acampamento para adolescentes que mostravam sinais de vocação ao sacerdócio.²¹³

Em 1999, é reaberto o Seminário de Nossa Senhora da Graça²¹⁴, pelo Cardeal Policarpo, como «Seminário pré-universitário [da Diocese de Lisboa]»²¹⁵, devido à reestruturação realizada nas várias casas de formação ao sacerdócio existentes na Diocese. Nessa altura deixam de estar presentes no Seminário as Servas de Nossa Senhora de Fátima²¹⁶, e o Pré-Seminário pouco depois muda as suas instalações para este mesmo Seminário, concretamente para o pavilhão onde viviam anteriormente as Servas.²¹⁷

²¹¹ Silva, 109.

²¹² É por essa mesma razão que no decreto de criação do Pré-Seminário de Lisboa este Seminário vem referido fora do grupo dos Seminários da Diocese.

²¹³ Cf. Secretariado Diocesano das Vocações, «Acampamento Vocacional para Adolescentes», *Voz da Verdade*, 9 de agosto de 1981, 2587 edição, 3.

²¹⁴ «A refundação obedeceu a uma razão pragmática. Acabava de ser doado à Diocese de Setúbal o Seminário Vocacional de São Paulo em Almada e entendeu-se por bem que essa comunidade formativa se instalasse no edifício onde funcionava o Seminário de São José de Caparide. Pareceu como solução natural para a primeira fase vocacional dos jovens, candidatos a aprofundar a vida cristã em ordem ao sacerdócio, a instalação no denominado Seminário Liceal de Penafirme, a partir daí chamado Nossa Senhora da Graça [... Esta casa tinha] a intenção de oferecer os elementos humanos e cristãos indispensáveis ao discernimento vocacional dos adolescentes e jovens, numa fase tão importante do seu crescimento». Diogo Paiva Brandão, «Atentos aos “pequenos sinais”», *Voz da Verdade*, 15 de dezembro de 2019, 4375 edição, 3.

²¹⁵ José Policarpo, «Seminários do Patriarcado», *Vida Católica*, III Série, n. 2 (1999): 89.

²¹⁶ A propósito da saída das Servas de Nossa Senhora de Fátima do Seminário de Penafirme, aquando da reabertura do Seminário em 1999, salientamos uma entrevista publicada na revista *Graça de Penafirme* no seu número especial de 2013, da qual retirámos o seguinte excerto: «No final da década de 90 o Seminário lança-se em obras e reabre com o nome de “Seminário de Nossa Senhora da Graça”, com apenas seis senhoras a trabalhar. “Até agora tinham sido Irmãs a dirigir-nos, agora serão homens! Como vai ser trabalhar sob a tutela de homens?”, confidencia-me a D. Sandra que essa era a grande preocupação.» Pedro Sousa, «(Re)encontros com a história!», *Graça de Penafirme*, 8 de dezembro de 2013.

²¹⁷ A mudança da sede do Pré-Seminário não é relatada em nenhum documento oficial. No entanto, numa conversa com o cônego José Miguel Pereira, soubemos que ela aconteceu por dois motivos. Primeiro porque a Capela da Carreira, entretanto partilhada com o Serviço da Juventude deixa de ser a referência do Pré-Seminário, sendo usada pouquíssimas vezes. Segundo, porque quando este sacerdote assume a direção do Pré-Seminário, era formador do Seminário de Penafirme e já não fazia tanto sentido continuar a usar os espaços da Paróquia de São Nicolau, como acontecia até então.

Atualmente, esta casa funciona como Seminário da Diocese de Lisboa, acolhendo os rapazes que frequentam o Ensino Secundário, no Externato de Penafirme.²¹⁸ Sublinhamos ainda como este Seminário trabalha de perto com o Pré-Seminário, não só por ambas as instituições usarem as mesmas instalações (mesmo que com alguma distinção de espaços), mas também porque os rapazes chamados a entrarem nesta casa provêm do Pré-Seminário. Tem sido também hábito que os seminaristas desta casa colaborem na preparação de algumas atividades do Pré-Seminário, chamados a ser, por isso, nalgumas ocasiões, animadores.²¹⁹

2.3.5 SEMINÁRIO DE SÃO JOSÉ DE CAPARIDE

«Verificando que o Seminário de São Paulo de Almada já não comportará, no próximo ano letivo, todas as admissões que se prevê lhe vão ser requeridas: havemos por bem erigir e declarar canonicamente ereto o novo Seminário Patriarcal de São José de Caparide»²²⁰. O Patriarca D. António «inaugurou [, deste modo,] em 1983 o [Seminário] de Caparide, para alunos do secundário»²²¹.

Em articulação com o Seminário de Almada este Seminário recebeu alunos da Diocese de Lisboa e da Diocese de Santarém que frequentavam o 9º, o 10º, o 11º e o 12º ano.²²² Desta forma, na tipologia dos Seminários era considerado um Seminário Menor. Assim funcionou até 1999, quando se dá a reestruturação nos Seminários da Diocese – a que aludimos no subcapítulo anterior.

Com a passagem do Seminário de Almada para a Diocese de Setúbal, o Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo, refaz a rede dos Seminários. No decreto que institui essas mudanças, determina-se «que o Seminário Vocacional se instale no Seminário de São José de Caparide»²²³, tornando-se – juntamente com o Seminário dos Olivais – Seminário Maior do Patriarcado de

²¹⁸ «Neste ano pastoral 2019/2020, o Seminário Menor acolhe sete seminaristas do Patriarcado de Lisboa. “Os rapazes, para aqui estarem, têm de estar a frequentar o Ensino Secundário. Estamos a falar de uma altura entre os 15 e os 17 anos, e o ingresso no Seminário deve ser feito através do Pré-Seminário, que funciona no mesmo espaço, como forma de preparação e de ambientação. Por outro lado, falamos sempre com o pároco de cada rapaz, bem como com a família”, explica o atual vice-reitor [, padre Fernando Escola], referindo “não haver a obrigatoriedade de um rapaz ficar três anos neste Seminário”. “Se o rapaz chegar cá no 12.º ano, fica somente um ano connosco”, frisa. No final do Ensino Secundário, é feita “uma avaliação e o confronto com o próprio”, para o seminarista “ser, ou não”, encaminhado para o Ano Propedêutico no Seminário de São José de Caparide». Brandão, «Atentos aos “pequenos sinais”», 2.

²¹⁹ Por exemplo, se lermos a folha que acompanhou o Encontro de Padres e Animadores, de 22 e 23 de setembro de 2018, vemos como os seminaristas menores, ou seja, os de Penafirme, vêm mencionados no ponto 1 como animadores. Mais, se consultarmos o ponto 1.3, da mesma folha, sobre a distribuição dos grupos, ficamos a saber que os seminaristas menores estavam alocados ao grupo dos mais novos, isto é, dos Zaqueus. Cf. Pré-Seminário de Lisboa, «Encontro de Padres e Animadores, 22 e 23 de setembro de 2018», 22 de setembro de 2018, Pré 2018-19. Pasta 80: Documentação, Pré-Seminário de Lisboa.

²²⁰ António Ribeiro, «Decreto», *Sinal*, n. 32 (1984): 1.

²²¹ Clemente, «Os Seminários de Lisboa», 4.

²²² Cf. «Seminário de S. José», *Sinal*, n. 47 (1987): 3.

²²³ Policarpo, «Seminários do Patriarcado», 89.

Lisboa. Nele passam a acontecer os estudos filosóficos, correspondentes aos dois primeiros anos do curso na Faculdade de Teologia da UCP.

Este Seminário continuará a ser um dinamizador da pastoral vocacional, tal como já acontecia com o de Almada, por isso se ouve falar nas Semanas de Agosto²²⁴, que mais tarde se converterão nas Semanas de Verão.²²⁵

Um aspeto importante na organização deste Seminário foi a introdução do chamado «Tempo Propedêutico». No ano letivo 2001/2002, inicia-se como primeiro ano da formação deste Seminário o Ano Propedêutico. «O Tempo Propedêutico é o primeiro dos três anos da etapa “mais vocacional” do Seminário Maior. Tempo de amadurecimento e de busca de uma primeira síntese da vida cristã»²²⁶. Este tempo, traduzido habitualmente num ano, assume como linhas orientadoras: «a vida comunitária com o serviço, relação pessoal e avaliação; a vida litúrgica; a catequese; e a vida apostólica/caridade»²²⁷. Por outras palavras, é continuador da formação humana e cristã que também irá pautar a ação do Pré-Seminário de Lisboa.

Atualmente, o Seminário de São José destina-se exclusivamente à etapa propedêutica da formação ao sacerdócio. Algo que se deveu à reformulação do itinerário formativo levada a cabo pelo Cardeal Clemente, em 2017, após a publicação, pela Congregação do Clero, da *Ratio Fundamentalís Institutionis Sacerdotalis*.²²⁸

Este Seminário na sua história apresenta duas configurações – como explicámos – e por isso destinou-se a dois grupos etários diferentes. Num primeiro momento da sua história, enquanto Seminário universitário, recebeu alunos com idades compreendidas entre os catorze e os dezoito anos. Num segundo momento, já como Seminário Maior, tem recebido como alunos rapazes que já tenham terminado os estudos do ensino secundário ou que até já possam ter tido uma experiência universitária ou mesmo profissional. Muitos destes alunos, nos dois momentos de existência deste Seminário, foram apresentados pelo Pré-Seminário de Lisboa.

Além do mais, neste Seminário realizaram-se ao longo dos vários anos encontros do Pré-Seminário, sendo usado sobretudo nos últimos anos para encontros de pré-seminaristas universitários. Por exemplo, entre os dias 22 e 24 de novembro de 2013 aconteceu um Retiro Vocacional do Pré-Seminário no Seminário de São José de Caparide, para rapazes do décimo segundo ano e universitários.²²⁹

²²⁴ «O Seminário [de] S. José promove um encontro de aprofundamento de fé, actividade conhecida como “Semana de Agosto”. Esta semana é um tempo propício para se conhecer mais de perto o Seminário como casa e como comunidade, e também como espaço de crescimento vocacional e eclesial. Decorrerá entre os dias 24 e 31 de julho, para rapazes no 12º ano e universitários». «Avisos», *Sinal*, n. 105 (2003): 4.

²²⁵ Cf. «Agenda Junho/Julho de 2009», *Sinal*, n. 6 (2009): 4.

²²⁶ Francisco Inocêncio, «O Tempo Propedêutico», *Sinal*, n. 101 (2002): 3.

²²⁷ Inocêncio, 3.

²²⁸ Cf. Clemente, «Nomeações - Seminários Diocesanos», 160–61.

²²⁹ Cf. «Agenda», *Sinal*, n. 30 (2013): 5.

2.3.6 SEMINÁRIO REDEMPTORIS MATER

No pontificado do Patriarca D. José Policarpo, em 2001, é erigido mais um Seminário, «o Seminário “Redemptoris Mater – Nossa Senhora de Fátima” especialmente dedicado à formação para o presbiterado, em ordem à nova evangelização»²³⁰.

Ao cuidado da formação por sacerdotes do *Caminho Neocatecumenal*, este Seminário procura formar padres que desejam abraçar projetos de missão, sendo enviados até para outras dioceses. Como apresenta o decreto, «uma vez ordenados Presbíteros, ficarão, pelo menos 3 anos, ao serviço da Diocese de Lisboa, onde se incardinam. A partir de então, tendo em conta as solicitações de outras Igrejas, poderão ser enviados em Missão»²³¹. Este Seminário, dada a sua especificidade, não trabalha diretamente com o Pré-Seminário de Lisboa.

2.4 PASTORAL JUVENIL

2.4.1 CENTRO DE ANIMAÇÃO DA PASTORAL JUVENIL

«O Centro de Animação Pastoral Juvenil [CAPJ] foi uma tentativa de coordenação e desenvolvimento da Pastoral Juvenil na Diocese de Lisboa. [...] O centro precede o Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil»²³². «O CAPJ não nasceu por acaso: fundamentalmente, ele surge no desenrolar de um processo iniciado em 1972 pela nomeação, por parte do Senhor Patriarca [...] de uma equipa²³³ encarregada de elaborar um relatório»²³⁴ sobre a situação da juventude em Lisboa. Existente entre 1973 e 1979 foi a primeira instituição organizada da pastoral juvenil. Urge lembrar que, nos princípios dos anos 70, a Pastoral Vocacional e a Pastoral da Juventude estavam bastante ligadas, chegando até a confundirem-se. Recordá-lo bem o cónego Armando Duarte ao dizer que «nesta altura [nos anos 70] a pastoral juvenil ainda estava bastante incipiente [...] e, por isso,] a pastoral juvenil confundia-se um bocado com a pastoral vocacional»²³⁵.

²³⁰ José Policarpo, «Ereção Canónica do Seminário Diocesano “Redemptoris Mater - Nossa Senhora de Fátima”», *Vida Católica*, III Série, n. 8 (2001): 246.

²³¹ Policarpo, 246.

²³² Ricardo Alexandre de Oliveira Neves, «Pastoral juvenil e consciência eclesial nos anos 70: o Centro de Animação da Pastoral Juvenil (CAPJ)» (Tese de Dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Teologia - Universidade Católica Portuguesa, 2000), 7.

²³³ Constituíam essa equipa: o padre Janela, o padre Armindo Garcia, António Matos Ferreira e Elisa Teles. Cf. Vítor Vargas, «Experiências: Centro de Animação da Pastoral Juvenil», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano IX, n. 87 (1976): 13.

²³⁴ Vargas, 13.

²³⁵ Armando Duarte, A história do Pré-Seminário de Lisboa, entrevistado por Pedro Sousa, 22 de setembro de 2021.

Na sua génese, o CAPJ procurou criar equipas de trabalho para incidir em setores específicos dos serviços juvenis, entre eles o setor vocacional. Prova-o bem o facto de, no primeiro ano, o CAPJ apresentar como um dos três setores onde incidir o vocacional, com a colaboração do padre Carlos Paes e Madalena Santos.²³⁶

Das várias atividades propostas pelo CAPJ, destacamos uma, que exemplifica bem a dimensão vocacional. Em 1975 «realizou-se um novo encontro importante para a Pastoral Juvenil: no Seminário dos Olivais, com cerca de 200 jovens [...] e com a presença do Cardeal Ribeiro, procurou-se refletir sobre a vocação na Igreja e na vida de cada um»²³⁷.

2.4.2 ASSEMBLEIAS DE JOVENS

Um outro meio da Pastoral Vocacional foram as Assembleias de Jovens Cristãos, como eram designadas, iniciadas «a 1 de dezembro de 1974»²³⁸. Como nos relata o artigo publicado no *Sinal* de 1986, as Assembleias surgiram como uma iniciativa do Seminário de Almada. Verificando a existência de desconfiança relativamente aos Seminários e às vocações, sabendo que o Seminário Menor deixou de ser procurado e que dentro Seminários os próprios seminaristas estão desmotivados, o Seminário de Almada reconheceu a necessidade de oferecer as Assembleias.²³⁹ «Uma coisa é certa: “Seminário Vocacional” (agora em Almada e Caparide) não pode jamais existir desligado dos jovens cristãos da Diocese»²⁴⁰.

Estas Assembleias começaram por se destinar à zona pastoral do Oeste, mas foram alargadas mais tarde à zona do Termo e à zona da Cidade. Orientadas pelo padre Joaquim Duarte, destas Assembleias saíram vários rapazes para o Seminário, que mais tarde foram ordenados padres.²⁴¹

Destas Assembleias destacamos o testemunho de Maria José Rebelo, que nos faz entender bem esta relação entre Seminário e jovens. Num artigo do jornal *Raiz*, conta Maria José como a Assembleia em Alcobaça, que aconteceu no dia 27 de fevereiro de 1988, «foi um importante dia de reflexão individual e coletiva, onde não faltou a alegria e a convivência»²⁴²,

²³⁶ Cf. Neves, «Pastoral juvenil e consciência eclesial nos anos 70: o Centro de Animação da Pastoral Juvenil (CAPJ)», 22.

²³⁷ Neves, 28.

²³⁸ «Assembleias de Jovens: espaços de diálogo entre Seminário e jovens da Diocese», 3.

²³⁹ Cf. «Assembleias de Jovens: espaços de diálogo entre Seminário e jovens da Diocese», 2–3.

²⁴⁰ «Assembleias de Jovens: espaços de diálogo entre Seminário e jovens da Diocese», 3.

²⁴¹ Esta informação obtivemo-la por meio de uma conversa com o padre Pedro Lourenço (sacerdote do Patriarcado de Lisboa), participante destas Assembleias. Nesse mesmo diálogo, ficámos a saber que era hábito a presença de seminaristas nas Assembleias e que estes recebiam como missão do padre Joaquim estar atentos à procura de rapazes que pudessem ser convidados a fazer algum encontro vocacional.

²⁴² Maria José Rebelo, «Noticiário: Assembleia em Alcobaça», *Raiz*, n. 81 (1988): 14.

contando com a dinamização do padre José Augusto Traquina – que pertencerá também à equipa formadora do Pré-Seminário – e «os jovens seminaristas de Almada»²⁴³.

2.4.3 SECRETARIADO DIOCESANO DA PASTORAL JUVENIL

O Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil (SDPJ) é criado em Lisboa no ano pastoral de 1979-80, tal como consta no programa diocesano para esse ano.²⁴⁴ No ano de 1979, são aprovados pelo então Bispo Auxiliar de Lisboa, D. José Policarpo, os estatutos deste Secretariado, a 12 de dezembro.²⁴⁵ Todavia, a equipa central do Secretariado só é apresentada publicamente em fevereiro.²⁴⁶ No ano pastoral seguinte, este Secretariado lança uma folha informativa chamada *Raiz*.

A fim de escrutinar a sua relação com o SDPV, consultámos a folha *Raiz* do SDPJ – com uma periodicidade mensal – precisamente de outubro de 1982, quase dois meses depois de ter sido criado o Pré-Seminário de Lisboa.²⁴⁷ Nele encontramos um artigo do padre Armando Duarte que expressa bem o ponto da situação, destacando-se o facto de o SDPJ já não estar inserido dentro do SDPV e a existência de dois grupos de apoio ao SDPV o GAPV e o CIVMA, já antes referidos.

Tal relação estabelecida entre o SDPV e o SDPJ, ajudará a desenhar o enquadramento do Pré-Seminário de Lisboa com estes serviços diocesanos, como adiante veremos. Uma curiosidade deste boletim é o anúncio em abril-maio de 1982 de uma atividade de férias chamada «Pré-Seminário [para] (rapazes de 11 a 15 anos), [de] 7 a 12 de setembro, [na] Praia da Consolação»²⁴⁸, promovido pelo SDPV.

2.5 ANTEVÉSPERAS DA EREÇÃO DO PRÉ-SEMINÁRIO

Ainda antes de ser criado canonicamente o Pré-Seminário, vemos uma primeira atividade com esse mesmo nome. Assim, a primeira referência ao Pré-Seminário que encontrámos num documento, anterior a agosto de 1982, foi numa atividade do SDPV em abril de 1982. Conta assim a notícia: «O Secretariado diocesano da Pastoral das Vocações, na linha que se propôs e no campo de atividade que lhe é próprio promoveu reuniões de pré-Seminário

²⁴³ Rebelo, 14.

²⁴⁴ Cf. «Programa Diocesano de Pastoral para 1979/80», 20.

²⁴⁵ Cf. «Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil: Estatutos», *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano XII, n. 106–108 (1979): 35–36.

²⁴⁶ Cf. «Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil», *Voz da Verdade*, 16 de março de 1980, 2514 edição, 3.

²⁴⁷ Cf. Armando Duarte, «Pastoral das Vocações», *Raiz*, n. 12 (1982): 3–4.

²⁴⁸ Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Actividades de Férias do SDPV», *Raiz*, n. 18–19 (1982): 14.

nos dias 29 e 30 de março no Seminário de Penafirme»²⁴⁹. Tal como também atesta o cónego Armando Duarte, o nome da instituição é anterior à sua ereção canónica.²⁵⁰

²⁴⁹ Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, «Pastoral das Vocações», *Voz da Verdade*, 4 de abril de 1982, 2621 edição, 3.

²⁵⁰ Cf. Duarte, A história do Pré-Seminário de Lisboa.

CAPÍTULO 3: O PRÉ-SEMINÁRIO DE LISBOA: A FORMA COMO SE ORGANIZOU, DA FUNDAÇÃO À ATUALIDADE

3.1 FUNDAÇÃO

Após refletirmos sobre a necessidade do Pré-Seminário a partir do Magistério – como resposta de acompanhamento aos que se sentem chamados ao sacerdócio antes de ingressarem no Seminário – e de perscrutar a história da Diocese de Lisboa – na qual se verifica a necessidade de uma instituição de acompanhamento –, vejamos agora a forma como o Pré-Seminário se organizou e trabalhou ao longo destas quase quatro décadas da sua existência.

Para tal, tenhamos presente quatro ideias. A primeira ideia a reter é que o Pré-Seminário de Lisboa surge da necessidade de uma instituição que acompanhasse os adolescentes que se sentiam chamados ao sacerdócio. Como nos contava o cónego Armando Duarte, «não havendo Seminário Menor na Diocese de Lisboa, percebeu-se que era preciso acompanhar as crianças e os pré-adolescentes, sobretudo aqueles que já diziam que queriam ser padres, mas para os quais não havia uma resposta institucional»²⁵¹.

A segunda ideia que salientamos é que «o Pré-Seminário era uma resposta excelente para os miúdos que, em primeiro lugar, tinham acessibilidade para vir aos encontros»²⁵². Não esquecendo, que «o Pré-Seminário supõe uma família cristã onde as crianças podem ser educadas e [...] escolas decentes»²⁵³ onde podem crescer sadiamente.

A terceira ideia é que o Pré-Seminário foi influenciado, na sua fundação, pela experiência que o diretor tinha tido nos campos de férias dos jesuítas: «de facto, a experiência dos campos de férias dos jesuítas talvez estivesse mais presente do que propriamente a dinâmica escutista»²⁵⁴. O cunho escutista que marca hoje o Pré-Seminário de Lisboa – sobretudo pelas semelhanças com o sistema de patrulhas – adveio, por isso, da experiência ulterior do padre Mário Rui e não do padre Armando Duarte.²⁵⁵

A última ideia que sublinhamos é o nome da instituição que, como pudemos esclarecer junto do padre fundador, é anterior à ereção canónica – como até já o comprovámos pela documentação anterior. Ficámos também a saber, junto do então diretor, que o nome da

²⁵¹ Duarte.

²⁵² Duarte.

²⁵³ Duarte.

²⁵⁴ Duarte.

²⁵⁵ Conversando com o cónego José Miguel Pereira sobre este cunho escutista ficámos a saber que tal resultava da experiência do padre Mário Rui, que esteve, por exemplo, na origem dos agrupamentos das Caldas e de Óbidos.

instituição surgiu a partir da ideia de um padre dehoniano que criou uma instituição similar para a Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus.²⁵⁶

Para refletir ainda melhor sobre a fundação do Pré-Seminário de Lisboa urge ter presente o testemunho desta instituição que está presente em diversos números do jornal *Sinal*. Aquando do primeiro ano escrevia-se assim: «O tempo passa num instante...Já fez um ano, o Pré-Seminário! Desse ano vale a pena recordar [...]: o extraordinário acolhimento que mereceu de todos os sectores do Patriarcado, a reconstrução da sede [...], o entusiasmo dos rapazes que congregou»²⁵⁷.

3.2 CORRESPONDÊNCIAS

Uma das melhores formas de conhecer o Pré-Seminário de Lisboa é, sem dúvida, ouvir o que a própria instituição foi dizendo de si própria ao longo destas quase quatro décadas. Nas próximas linhas iremos apresentar a correspondência a que tivemos acesso entre esta instituição diocesana e algumas pessoas: os próprios pré-seminaristas, os pais, os priores, outros padres da Diocese, outros organismos diocesanos e ainda outras entidades externas à Igreja. Por meio desta correspondência ficamos a conhecer, a partir da raiz, o que é o Pré-Seminário, como se estrutura e organiza, qual a pedagogia, e até que atividades foi promovendo junto dos adolescentes.

Por estarmos a falar de conteúdos muito vastos e variados, ou seja, de um número significativo de cartas que queremos analisar, agrupá-las-emos por destinatários, sublinhando as mais significativas para o estudo em curso. Dos primeiros anos da existência desta instituição tivemos acesso a pouquíssimas cartas, sobretudo às que se sucedem imediatamente à fundação.

3.2.1 CORRESPONDÊNCIA COM OS RAPAZES

As primeiras cartas que analisamos são as que o Pré-Seminário de Lisboa trocou com os próprios rapazes que acompanhou.²⁵⁸ Estas cartas são essenciais para conhecer toda a atividade levada a cabo por esta instituição. Podemos de forma simples organizá-las em dois grupos. O primeiro corresponde ao tempo do padre Mário Rui como diretor e o segundo grupo, de 2001 até aos dias de hoje, do padre José Miguel e posteriormente do padre Rui de Jesus

²⁵⁶ Cf. Duarte, A história do Pré-Seminário de Lisboa.

²⁵⁷ Pré-Seminário de Lisboa, «Pré-Seminário», *Sinal*, n. 27 (1983): 3.

²⁵⁸ Desta correspondência apenas tivemos acesso a cartas de 1991 até aos dias de hoje, com muitas lacunas até 2007. Estas cartas até 2010 estão disponíveis no arquivo em papel da própria instituição. As restantes cartas encontram-se disponíveis em formato digital num arquivo *online*. Em ambos os casos, foi-nos concedido o acesso aos arquivos pela própria instituição.

como diretores. Dividimo-las assim por corresponderem a duas épocas diferentes na estrutura, com atividades e ritmos diferentes, como iremos explorar.

Nos primeiros anos, as cartas falam-nos de campos vocacionais nas férias e de vários encontros ao longo do ano. Segundo a «carta circular dirigida aos rapazes que se inscreveram no Campo Vocacional da Páscoa»²⁵⁹ em 1991, estes campos destinavam-se: «a rapazes [...] que colocam a hipótese de serem padres e queiram entrar para o Pré-Seminário para aprofundar a sua vocação»²⁶⁰. A ideia do ser padre está presente desde logo nas cartas. Isto acontece durante os anos 90, sendo posteriormente dada mais ênfase à questão do discernimento vocacional no sentido mais lato, ao invés da vocação ao sacerdócio.

Estas cartas de convite para os campos vocacionais estão separadas habitualmente em sete tópicos: datas e horários; morada e contactos; transportes; material a não esquecer; participação económica; dúvidas; e dificuldades de última hora. Na secção da morada e contactos, existe um cuidado por dar a conhecer aos pais que «as horas mais indicadas para telefonarem [aos filhos quando estão nas atividades] são as das refeições (13h-14h; 20h-21h)»²⁶¹. Em 1997, existia ainda a menção nas cartas de que os pais que quisessem poderiam visitar os seus filhos nos estágios.²⁶²

Pela leitura destas cartas, é-nos possível identificar os grupos nos quais estavam divididos os rapazes: pré-juvenis, juvenis, pré-juniores, juniores, seniores e mais velhos.²⁶³ Por exemplo, em 1999 escrevia assim o padre Mário Rui: «o nosso encontro de Pré-Juvenis e Juvenis está marcado para os dias 9 e 10 de janeiro [...] não esqueças de levar roupa para o fim de semana [e] material desportivo»²⁶⁴. Com esta carta queremos também sublinhar como o desporto aparece ao longo dos encontros. Mesmo que pudesse por algum motivo não acontecer, a roupa para o fazer era pedida em todas as cartas.

Da leitura deste grupo de cartas, podemos ainda concluir como os encontros não se realizaram sempre nos mesmos moldes. Por exemplo, em 1995 encontramos uma carta onde o padre Mário Rui convida os juvenis para um encontro de oração de apenas um dia: «venho

²⁵⁹ Mário Rui Pedras, «Carta aos Prés», 19 de março de 1991, Pasta Correspondência II, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁶⁰ Pedras.

²⁶¹ Mário Rui Pedras, «Carta aos Prés», 30 de junho de 1993, Pasta Correspondência II, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁶² Cf. Mário Rui Pedras, «Convite Estágio Vocacional», 28 de junho de 1997, Pasta Correspondência II, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁶³ Esta divisão é confirmada pelas cartas existentes das primeiras duas décadas do Pré-Seminário.

²⁶⁴ Mário Rui Pedras, «Carta aos Pré-Juvenis e Juvenis», 4 de janeiro de 1999, Pasta Correspondência II, Pré-Seminário de Lisboa.

convidar-te para o nosso encontro de oração e reflexão, a realizar no Santuário de Fátima, no próximo domingo, dia 5 de março»²⁶⁵.

Das cartas do segundo grupo²⁶⁶, distinguimo-las também entre aquelas que têm que ver com os campanários e estágios, daquelas que dizem respeito aos encontros de formação. Mas, o que são os campanários e para que servem?

A resposta temo-la nas próprias cartas: «são momentos de encontro e convívio com outros [rapazes] da mesma idade, para partilhar aquelas coisas que na escola e grupos normais de amigos normalmente não têm lugar»²⁶⁷. Que coisas são essas, perguntar-nos-emos? «A nossa vida, os nossos sonhos, o nosso futuro, a nossa vocação, a nossa fé, a nossa amizade com Jesus»²⁶⁸.

Os campanários aconteciam habitualmente nas férias do Verão, do Natal e da Páscoa como nos mostram as cartas. Porém, também chegaram a acontecer no início do ano pastoral. Por exemplo, em setembro de 2008 escrevia assim o diretor do Pré-Seminário, «vamos oferecer novos Campanários (Campos Vocacionais do Pré-Seminário) àqueles que mostraram interesse em vir antes, mas por diversas razões não puderam vir»²⁶⁹. Nestes encontros, estavam presentes os «prés»²⁷⁰, mas também novos rapazes que queiram vir experimentar estas atividades pela primeira vez. Continuava assim a carta supracitada, «convido-te a participares neste encontro, juntamente com os prés que vão iniciar a sua caminhada deste ano»²⁷¹. Por causa da possibilidade de serem enviadas para rapazes novos, seguiam habitualmente duas cartas, uma endereçada ao «Amigo pré»²⁷² e outra simplesmente ao «Caro amigo»²⁷³.

O segundo subgrupo a que aludimos são os encontros de formação. De que se tratam estes encontros de formação?

As cartas apresentam-nos como encontros mensais de um fim de semana que se situam cronologicamente entre os campanários e que procuram aprofundar o caminho feito até então.

²⁶⁵ Mário Rui Pedras, «Carta aos Juvenis», 24 de fevereiro de 1995, Pasta Correspondência II, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁶⁶ Esta distinção, feita por nós, apenas procura ajudar a definir melhor a metodologia de cada encontro, em cada período do Pré-Seminário de Lisboa. Na verdade, os nomes usados para os encontros entre o primeiro e o segundo grupo de cartas são idênticos e a oferta muito semelhante. O que separa verdadeiramente estes grupos é apenas o remetente da carta e o ano em que são enviadas.

²⁶⁷ José Miguel Barata Pereira, «Convite Campanários de Natal», 23 de novembro de 2007, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁶⁸ Pereira.

²⁶⁹ José Miguel Barata Pereira, «Convite Campanário Início do Ano», 8 de setembro de 2008, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁷⁰ Usaremos algumas vezes a expressão ‘prés’ para designar os pré-seminaristas. Expressão esta que é usada variadíssimas vezes nos documentos da própria instituição.

²⁷¹ Pereira, «Convite Campanário Início do Ano», 8 de setembro de 2008.

²⁷² José Miguel Barata Pereira, «Convite Campanários de Natal», 13 de dezembro de 2009, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁷³ José Miguel Barata Pereira, «Convite Campanários de Natal», 4 de dezembro de 2009, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

Por exemplo, em outubro de 2008 a carta a convocar para o encontro de formação desse mês dizia: «Está na hora do nosso encontro de formação. [...] Não é uma nova atividade. É antes momento de ganhar consciência mais clara dos passos que demos desde a abertura do ano»²⁷⁴. Semelhante ideia encontramos na carta para o encontro de dezembro de 2008, que expressava assim: «o nosso encontro será um momento para renovar as forças e para juntar todos os sinais que Jesus te tem dado»²⁷⁵.

Dentro deste grupo de cartas encontramos ainda algumas que convidam para encontros de formação com a presença dos pais – que no tópico seguinte iremos analisar – e ainda para encontros extra ou diferentes. Entre eles encontramos três: o encontro de Carnaval, o retiro e o *Préstai* – este último abordaremos num subcapítulo posterior.

Em relação ao encontro de Carnaval, as próprias cartas explicam a singularidade deste encontro. Em 2020 escrevia assim o diretor-adjunto do Pré-Seminário, o padre Rodrigo Alves, «um dos momentos altos do nosso ano do Pré é o Encontro de Carnaval. Neste, continuando a aprofundar a nossa caminhada de fé, procuramos também marcá-lo com um tempo de maior descontração e convívio»²⁷⁶. Por causa desta peculiaridade, o encontro acaba por ter mais dias – «porque é o Encontro de Carnaval este terá uma maior duração»²⁷⁷ – e habitualmente acontece fora do espaço habitual – «estaremos fora de Penafirme nesses dias para celebrarmos o Carnaval marcando esta etapa sempre especial do ano do Pré-Seminário que é a caminhada até à Páscoa e o rezar dos desafios para o próximo ano»²⁷⁸. Estes desafios aqui referidos correspondem aos convites que os padres formadores fazem para a caminhada de cada pré, no final deste encontro, através de uma conversa pessoal. Podem ser eles o chamamento a entrar no Seminário, a permanecer no Pré-Seminário durante mais um ano, a deixar o Pré-Seminário para abraçar uma caminhada mais comprometida na comunidade cristã de origem.

Relativamente ao retiro, ele surge no tempo da Quaresma e como uma atividade anual: «venho por isso lembrar-te [amigo pré] do nosso retiro anual de silêncio. Será no Seminário dos Olivais»²⁷⁹. Ocorrendo, por vezes, fora do Seminário de Penafirme, o retiro procura depois do encontro de Carnaval ajudar cada rapaz a rezar a sua vocação e os passos que é chamado a dar, como tão bem mostram as cartas: «será tempo para rezarmos pelo caminho uns dos outros

²⁷⁴ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Prés», 1 de outubro de 2008, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁷⁵ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Prés», 23 de novembro de 2008, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁷⁶ Rodrigo Alves, «Carta aos Prés», 13 de fevereiro de 2020, Pasta Pré 2019-20. Pasta 93: Secretaria-Documentação, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁷⁷ Alves.

²⁷⁸ Alves.

²⁷⁹ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Prés», 15 de março de 2010, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

e pelos passos que Deus propôs a cada um. Não sei se sabes que cerca de metade dos que vamos estar juntos foi chamado a entrar no Seminário»²⁸⁰. Acontecendo sempre na Quaresma – «estamos a meio da nossa caminhada quaresmal, com o Senhor, rumo à Páscoa» –, o retiro contava, muitas vezes, com a pregação de antigos animadores. Em 2011, por exemplo, existiram dois retiros consoante as etapas: para a primeira etapa, «os companheiros de São Tiago e os seis companheiros de São João terão o seu retiro na Casa de Retiros do Linhó, das Irmãs Doroteias e o pregador será o Diác. Ivo Santos»²⁸¹; e para a segunda etapa, «os companheiros de São Pedro e os companheiros de São Paulo terão o seu retiro no Seminário os Olivais e o pregador será o Diác. Fernando Escola»²⁸². Ambos foram antigos alunos e animadores desta instituição diocesana.²⁸³

Há medida que lemos as cartas dirigidas pelos formadores aos rapazes vamos percebendo como esta instituição diocesana organizou as suas atividades de acordo com as faixas etárias. Como antes sublinhámos existiam grupos de acordo com a idade, não interessando tanto o ano da escola. Se numa primeira fase falava-se de pré-juvenis, juvenis, pré-juniores, juniores, seniores e mais velhos, num segundo momento ouvimos falar, ao longo das cartas, de grupos de companheiros. A saber, os companheiros de São João, os companheiros de São Tiago, os companheiros de São Pedro e os companheiros de São Paulo, associados à idade deles, seguindo respetivamente esta ordem – atualmente no lugar dos Companheiros de São João encontramos os Zaqueus. Num próximo subcapítulo analisaremos melhor de que grupos se tratam, mas não queríamos deixar de notar aqui esta forma organizativa.

Três ideias finais queremos ainda reter deste conjunto de cartas trocadas com os rapazes. Em primeiro lugar, habitualmente delas constam uma lista de material que cada adolescente é convidado a trazer: «bíblia; caderno e caneta; livro, projeto pessoal de vida e itinerário de oração; [...] pijama e material de higiene [...]; casaco ou camisola para a noite; saco-cama; roupa e calçado desportivo»²⁸⁴. Claro que consoante os encontros, os dias de encontro e a época do ano, os materiais variavam um pouco, mas a matriz corresponde à lista que apresentámos.

A segunda nota tem que ver com a questão monetária. Em cada carta que convida para um encontro ou para um campanário ou estágio, existe sempre um convite a que cada um faça uma contribuição segundo as suas possibilidades. «Para ajudar nas despesas, mantemos o que é habitual: darás só o que puderes até 20,00€. Se só puderes dar menos, darás menos... Se não

²⁸⁰ Pereira.

²⁸¹ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Prés», 28 de março de 2011, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁸² Pereira.

²⁸³ Esta informação é corroborada através da consulta dos anuários do Pré-Seminário de Lisboa.

²⁸⁴ Filipe Santos, «Carta aos Prés», 17 de fevereiro de 2009, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

puderes dar nada, não darás nada»²⁸⁵. Um apelo surge constantemente nas cartas: «Ninguém deixe de vir mesmo que não possa dar nada»²⁸⁶. O valor varia também de acordo com o tipo de encontro, ou seja, para encontros de formação surgem os tais 20€ como apresentámos, e para os campanários ou estágios «até 25€»²⁸⁷. Se atendermos às primeiras cartas de que falámos, surge por exemplo que «as despesas, de estadia e a alimentação, são de «10.000\$00»²⁸⁸ ou ainda que «apesar de ser insuficiente para pagar todas as despesas, [é pedido] a todos 7.000\$00»²⁸⁹, mas sempre apelando a que a dificuldade em pagar não seja impedimento à participação.

A terceira conclusão que retiramos destas cartas é a questão dos transportes. Para cada encontro, como é fácil de imaginar, é preciso transportar os rapazes para o local do encontro. Por hábito, a própria instituição oferecia esse transporte: «por último, não te esqueças de consultar os transportes que seguem no final da carta. Conto com a tua presença»²⁹⁰. Havia um pedido que ficava sempre no fim da carta: «se não puderes mesmo vir, peço-te que nos liguês para não te irmos buscar em vão»²⁹¹.

3.2.2 CORRESPONDÊNCIA COM OS PAIS

A correspondência trocada com os pais, desde o final do século passado até hoje, permite-nos reconhecer o cuidado que o Pré-Seminário tem no acompanhamento também das famílias dos pré-seminaristas. Tornou-se hábito que as famílias se encontrassem umas com as outras e com as respetivas equipas de formadores e animadores. Ressalta por isso a existência habitual de pelo menos três encontros anuais, um para o início do ano, um outro a meio do ano e outro já no fim do ano. Por exemplo, em 2002 fazia o padre José Miguel este convite: «Venho escrever-vos [caros pais] a convocar-vos para nos encontrarmos de novo»²⁹².

Estes encontros que aqui referimos aparecem descritos como sendo habitualmente ao Domingo e com um programa onde consta regularmente uma oração da manhã, a Missa, um almoço partilhado, algum tempo de partilha entre os formadores e as famílias, e um tempo

²⁸⁵ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Prés», 5 de setembro de 2010, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁸⁶ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Prés», 24 de outubro de 2007, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁸⁷ Filipe Santos, «Convite Campanários de Natal», 10 de dezembro de 2007, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁸⁸ Pedras, «Convite Estágio Vocacional», 28 de junho de 1997.

²⁸⁹ Mário Rui Pedras, «Convite Estágio Vocacional», 14 de julho de 1994, Pasta Correspondência II, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁹⁰ Rodrigo Alves, «Carta aos Prés», 13 de novembro de 2019, Pasta Pré 2019-20. Pasta 93: Secretaria-Documentação, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁹¹ Rui de Jesus, «Carta aos Prés», 5 de julho de 2012, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁹² José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Pais», novembro de 2002, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

catequético ou lúdico.²⁹³ Outra informação que decorre da leitura destas cartas é que habitualmente o espaço do encontro é o Seminário de Penafirme. Todavia houve exceções, como aconteceu, por exemplo, em dezembro de 2006, em que foi no Seminário de Caparide, «por causa das ordenações»²⁹⁴.

Tal como mencionámos em relação aos rapazes, para estes encontros há também o hábito de pedir uma ajuda monetária, «[o Seminário] confeccionará o almoço, para o qual peço a ajuda nas despesas que puderdes oferecer, até 5€ por pessoa (no final da refeição, cada família deixará se e o que puder; os prés não entram nestas contas)»²⁹⁵. Geralmente ficava também em cada carta de convite aos pais a sugestão: «quem quiser, poderá trazer alguma sobremesa e bebida»²⁹⁶.

Destas cartas dirigidas aos pais, sobressai uma por ser a mais antiga a que tivemos acesso, que foi escrita pelo então diretor, padre José Miguel, no início do exercício das suas funções em 2001. Nela é nos apresentada uma boa definição desta estrutura diocesana: «o Pré-Seminário [procura] acompanhar o vosso filho, em colaboração convosco, na ajuda a um seguimento mais entusiasmado de Jesus Cristo, a uma leitura dos sinais de vocação [...], a um discernimento dos possíveis apelos de Deus a uma consagração de vida no sacerdócio»²⁹⁷.

Em 2003, o mesmo sacerdote do Patriarcado escreve novamente aos pais, a propósito do início do ano, apresentando de novo o Pré-Seminário, sendo que desta vez se compreende mais o funcionamento da estrutura, concretamente a existência de grupos etários para a realização das atividades. «O Pré-Seminário oferece a cada rapaz um acompanhamento anual, individual e em grupo, de acordo com as diferentes idades»²⁹⁸. Este acompanhamento concretiza-se com um «ritmo para todos [...] de um fim de semana por mês, a que se juntam os campanários nos períodos das férias. No intervalo do mês, para os mais velhos, [existe ainda] um sábado para confrontar a vida com o Evangelho»²⁹⁹ – sábado este que corresponde ao *Préstai*, que falaremos adiante.

Depois dos campanários, por haver a possibilidade de nele terem participado rapazes novos, também encontrámos cartas dirigidas aos pais desses rapazes, dando conta do que era esta instituição. Exemplificando, em 2010 depois do Campanário de Natal, o padre José Miguel

²⁹³ Cf. José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Pais», 2 de fevereiro de 2005, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁹⁴ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Pais», 24 de novembro de 2006, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁹⁵ Pereira.

²⁹⁶ Pereira.

²⁹⁷ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Pais no Início do Ano», 2001, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁹⁸ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Pais no Início do Ano», 2003, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

²⁹⁹ Pereira.

escrevia: «antes de mais, o Pré-Seminário é uma instituição da Diocese que oferece ao vosso filho uma caminhada [...] de descoberta de si e da sua vocação. Não se trata de mais uma atividade [...] a preencher o tempo livre»³⁰⁰. Esta insistência deste sacerdote vemos-no-la no decorrer da carta: «o Pré-Seminário é outra coisa, está noutra plano»³⁰¹, quase que até surge em jeito de tomada de consciência: «Infelizmente, são poucas as realidades onde se educa para a descoberta vocacional. [...] Muitas vezes, a própria catequese apenas fala disto muito levemente»³⁰². Esta carta mostra muito bem o tipo de acompanhamento oferecido por esta realidade diocesana, a saber, «um grupo vocacional, com companheiros da mesma idade»³⁰³ – como já temos vindo a mencionar – e «um acompanhamento pessoal, pelo diálogo formativo com um dos três padres do Pré-Seminário, que a partir do 9º ano tem um ritmo mensal: a direção espiritual»³⁰⁴. A própria carta explica em que consiste a direção espiritual, «um dos padres desloca-se a casa ou à paróquia do vosso filho e oferece-lhe um espaço de procura de iluminação da sua vida concreta, com as alegrias e dúvidas ou dificuldades, a partir da fé»³⁰⁵.

Uma das preocupações contantes é a de estar perto das famílias, algo muito patente no discurso das várias cartas. Por exemplo, dizia o padre José Miguel aos pais no convite para um segundo encontro no ano letivo 2002/2003: «há famílias que ainda não conhecemos [...] dos cerca de setenta rapazes que acompanhamos estiveram presentes [no último encontro] apenas nove famílias»³⁰⁶. Ou, por outras palavras, já no ano letivo seguinte: «O Pré-Seminário é um complemento e uma ajuda na educação dos vossos filhos. [...] Para uma melhor colaboração, o Pré-Seminário costuma organizar encontros de pais»³⁰⁷.

Dos encontros com os pais destacamos ainda o facto de ter surgido nalguns anos um campanário para pais. «Trata-se de um fim-de-semana para os pais, onde eles poderão experimentar ao vivo a forma como o Pré-Seminário costuma oferecer a formação cristã, espiritual e vocacional aos vossos filhos»³⁰⁸. Um outro meio de participação dos pais na vida do Pré-Seminário foi o Conselho dos Pais – mas pela sua especificidade trataremos do assunto num tópico posterior.

³⁰⁰ Pereira, «Carta aos Pais», 20 de dezembro de 2010.

³⁰¹ Pereira.

³⁰² Pereira.

³⁰³ Pereira.

³⁰⁴ Pereira.

³⁰⁵ Pereira.

³⁰⁶ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Pais», abril de 2003, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

³⁰⁷ Pereira, «Carta aos Pais no Início do Ano», 2003.

³⁰⁸ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Pais», 10 de janeiro de 2011, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

3.2.3 CORRESPONDÊNCIA COM OS PADRES

Um outro separador da correspondência são as cartas trocadas com os sacerdotes. Através dessas cartas percebemos a relação que esta instituição procura ter com os priores dos rapazes que acompanha, mas também com o restante clero da Diocese, incentivando à divulgação das atividades. «Dirijo-me a si [, reverendo padre, ...] para manifestar o desejo de estreitar uma relação de colaboração no que toca ao despertar e acompanhar de novas e futuras vocações ao sacerdócio»³⁰⁹.

Se antes dizíamos que havia um cuidado por estar perto das famílias dos pré-seminaristas, o mesmo acontece junto dos priores. «Com o intuito de aproximar os priores da vida do Pré-Seminário, segue junto a edição de janeiro do nosso Jornal “A Caminho”. Com essa mesma intenção, envio-lhe a lista atualizada dos rapazes que acompanhamos»³¹⁰.

Desta proximidade com os priores destacamos o facto de algumas cartas serem dirigidas especificamente a cada um dos priores dos pré-seminaristas, com informações detalhadas e particularizadas sobre os rapazes acompanhados. Isso está ilustrado num conjunto de cartas em 2007 e em 2008, onde o desejo de proximidade está evidentiíssimo: «[Padre Daniel] para que possa haver proximidade da tua parte com a vida do Pré-Seminário, enviar-te-ei por correio o nosso anuário com o calendário das atividades para o ano inteiro, bem como tentarei que recebas o nosso boletim mensal “A Caminho”»³¹¹ – novamente surge a menção ao jornal desta instituição, que apresentaremos melhor mais à frente.

Uma das formas de aprofundar essa proximidade é a proposta de encontros com os párocos dos pré-seminaristas: «na continuidade de outros anos, convidámos todos os párocos dos rapazes acompanhados pelo Pré-Seminário para um encontro no qual apresentámos o nosso projeto educativo, o anuário das atividades e trocámos várias impressões»³¹².

Há ainda um apelo constante nas diversas cartas, diríamos até que está presente transversalmente nos diversos períodos de existência do Pré-Seminário. Por exemplo, escrevia assim em 2003 o diretor: «renovando a urgência de uma particular atenção à necessidade de provocar e chamar rapazes em idades correspondentes ao ensino secundário e universitário, de forma mais atenta na Cidade e no Termo de Lisboa, saúdo-o fraternalmente»³¹³.

³⁰⁹ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Padres», 5 de março de 2002, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

³¹⁰ Filipe Santos, «Carta aos Padres», 24 de janeiro de 2008, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

³¹¹ José Miguel Barata Pereira, «Carta ao Padre Daniel», 6 de janeiro de 2008, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

³¹² Pereira, «Carta aos Padres», 5 de março de 2002.

³¹³ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Priores», setembro de 2003, Pasta Arquivo, Pré-Seminário de Lisboa.

O apelo existente é para que os padres convidem rapazes para as atividades do Pré-Seminário, mais concretamente que sejam instrumentos para o despertar da vocação. Ao contrário do que alguns podiam alvitrar, os padres formadores desta instituição não se sentem os únicos «olheiros» do Pré-Seminário. Eles querem antes poder contar com todos os agentes da pastoral nesta missão.

Os números, que variadíssimas vezes estão presentes em cartas dirigidas aos sacerdotes, não são tudo, mas espelham o envolvimento do clero nesta missão de ser instrumento para o chamamento. Como disse o padre José Miguel: «diz o povo que “não se fazem omeletes sem ovos” e nós acreditamos que Deus se serve de mediadores humanos para continuar a chamar jovens para o sacerdócio»³¹⁴. Por isso, continua o diretor do Pré-Seminário: «se Deus não cessou de chamar, então somos nós que não estamos a fazer ressoar a voz de Deus. Precisamos sempre de renovar a atenção e o empenho para pressentir, despertar, orientar e encaminhar uma possível semente de vocação»³¹⁵.

Se dúvidas houvesse, reparemos na carta que é dirigida aos seminaristas maiores, onde o ponto é precisamente o mesmo. O despertar da vocação não é para especialistas, mas para todos os agentes da pastoral, onde se incluem de forma muito viva os sacerdotes e os seminaristas. «Se a boca fala da abundância do coração, os candidatos ao sacerdócio são agentes importantíssimos na interpelação vocacional a outros possíveis candidatos»³¹⁶; mais, «se é Deus quem chama e fá-lo através da Igreja, não podemos estar à espera de que apareçam candidatos que se ofereçam»³¹⁷.

3.2.4 CORRESPONDÊNCIA COM OUTRAS ENTIDADES

Algo muito interessante, para desenhar a rede de relações do Pré-Seminário, é analisar que outra correspondência mais estabelecia e quais eram essas instituições com quem dialogava.

Uma dessas entidades era a Academia Militar de Lisboa. «Muito deve o Pré-Seminário [...] à Academia Militar de Lisboa, pelas facilidades concedidas, no decurso do passado ano letivo, na utilização das suas instalações desportivas»³¹⁸. Trata-se de uma colaboração que permitiu aos rapazes acompanhados pelo Pré-Seminário – durante alguns anos da história desta

³¹⁴ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Padres», 1 de setembro de 2006, Pasta Arquivo, Pré-Seminário de Lisboa.

³¹⁵ Pereira.

³¹⁶ José Miguel Barata Pereira, «Carta aos Seminaristas Maiores», 6 de fevereiro de 2002, Pasta Correspondência I, Pré-Seminário de Lisboa.

³¹⁷ Pereira.

³¹⁸ Mário Rui Pedras, «Carta ao General Almeida Bruno, Comandante da Academia Militar de Lisboa», 3 de agosto de 1993, Pasta Correspondência II, Pré-Seminário de Lisboa.

instituição, já que nos últimos quinze anos, pelo menos, não há qualquer registo que tenha acontecido novamente – fazerem desporto, entre outros a natação e o futebol. Muitas foram as cartas trocadas a pedir autorização e a combinar as formas de empréstimo ou de aluguer dos espaços, onde se incluíam os balneários.

Outras entidades são contactadas: algumas a pedir ajuda financeira, como é o caso da Santa Casa da Misericórdia; ou autorizações, como é o exemplo do Museu Grão Vasco; ou ainda a tratar de pagamento de serviços como é o caso da empresa à qual se compraram os beliches anda atualmente existentes nas camaratas do Pré-Seminário de Lisboa. Acresce ainda um conjunto de cartas trocadas com instituições católicas a pedir cedências de espaços para os encontros do Pré-Seminário ou alguma ajuda ou intervenção nalguma atividade, por exemplo, ao diretor do colégio de São João de Brito, ao Seminário Missionário do Verbo Divino, às Irmãs do Carmelo de Fátima, à Congregação do Espírito Santo, entre outros.³¹⁹

3.3 ORGANIZAÇÃO INTERNA

Sistematizamos agora os aspetos relacionados com a organização interna desta instituição. Nas cartas pudemos ver aspetos formais, como as muitas atividades propostas, os agentes que acompanham e que intervêm neste percurso, os lugares e grupos que constituem a instituição, as dinâmicas apresentadas e o método pedagógico empregado, mas falta refletir na forma como tudo isto está organizado. Além da pedagogia usada, a que aqui chamaremos de oferta formativa, existe uma estrutura montada para que o acompanhamento a cada rapaz seja possível. Por outras palavras, o acompanhamento de que falámos no primeiro capítulo em ordem à descoberta da vocação é levado a cabo por alguns agentes que queremos agora apresentar, assim como aspetos práticos da organização.

3.3.1 EQUIPAS FORMADORAS E DE ANIMAÇÃO

A primeira equipa formadora do Pré-Seminário de Lisboa, aquando da sua fundação, contava, além do padre diretor, o padre Armando Duarte, com os padres Joaquim Pedro e João Seabra e a psicóloga doutora Adosinda Figueiredo.³²⁰ Desde então muitos padres, seminaristas e leigos passaram pela equipa. Depois do padre Armando Duarte, seguiram-se como diretores do Pré-Seminário de Lisboa os padres Mário Rui Pedras (de 1985 a 2001), José Miguel Pereira

³¹⁹ Cf. Pré-Seminário de Lisboa, «Correspondência com Outras Entidades», sem data, Pasta Correspondência II, Pré-Seminário de Lisboa.

³²⁰ Cf. Duarte, A história do Pré-Seminário de Lisboa; Cf. Pré-Seminário de Lisboa, «Pré-Seminário», 1983, 3.

(de 2001 a 2012)³²¹ e Rui de Jesus (de 2012 até à atualidade)³²². Na equipa dos formadores encontramos ainda os padres João de Sousa³²³, José Traquina, João Valente, José Parente, Carlos Gomes, Arsénio Isidoro, Filipe Santos, Carlos Silva, Fernando Escola e Rodrigo Alves.³²⁴

Os padres formadores apresentam um papel preponderante, não só no acompanhamento pessoal de cada um dos rapazes que frequentam as atividades do Pré-Seminário, mas também na dinamização da pastoral vocacional que esta instituição desenvolve.

Neste ponto destacamos ainda o papel do animador, habitualmente seminarista³²⁵, que é chamado a «favorecer o ambiente formativo para o encontro com Cristo e zelar pelos espaços; [a] testemunhar a alegria de se entregar a Jesus, como irmão mais velho; [a] atender a cada rapaz e [a] acompanhá-lo pessoalmente»³²⁶. Bem como, «encontrar formas de propor e iniciar à relação com Cristo; sonhar, planear, preparar, coordenar e conduzir as ações vocacionais (com prés e/ou paróquias); [e] favorecer a interrogação vocacional nas realidades eclesiais a visitar»³²⁷.

3.3.2 ENCONTRO DE PADRES E ANIMADORES

Para que as atividades do Pré-Seminário sejam estruturadas e se possa ir avaliando o crescimento de cada rapaz, os padres e os animadores costumam juntar-se em reunião uma vez por mês (chamam-se a estes encontros os EPA).³²⁸ Qual o objetivo destes encontros? «Potenciar o Pré-Seminário; afinar a qualidade das atividades; fomentar o diálogo e a partilha de informações sobre a animação, os animadores e os animandos»³²⁹. Habitualmente, os EPA's

³²¹ Cf. «Nomeações», *Vida Católica*, III Série, n. 8 (2001): 256. Ainda que a referência que citamos não diga, por lapso, pensamos nós, o nome do padre que assume a direção, sabemos que se trata do cônego José Miguel Pereira – como a Chancelaria do Patriarcado nos confirmou.

³²² Cf. «Nomeações», *Vida Católica*, III Série, n. 41 (2012): 215.

³²³ Ainda que tenha sido mencionado por alguns padres, com quem conversámos, como diretor, na informação que nos chegou da Chancelaria do Patriarcado sobre os diretores do Pré-Seminário de Lisboa o seu nome não constava. Talvez, pensamos nós, por não ter chegado a receber a nomeação enquanto tal.

³²⁴ Esta informação tem por base a análise aos documentos do Pré-Seminário de Lisboa e uma conversa informal com o cônego José Miguel Pereira.

³²⁵ Além dos seminaristas assumirem o papel de animadores do Pré-Seminário, encontramos também alguns jovens universitários e ainda, nalguns momentos da história do Pré-Seminário, alguns casais.

³²⁶ Pré-Seminário de Lisboa, «Encontro de Padres e Animadores: 11 e 12 de setembro de 2010», 11 de setembro de 2010, 9, Pasta 2010-2011: EPA e EP, Pré-Seminário de Lisboa.

³²⁷ Pré-Seminário de Lisboa, 9.

³²⁸ Ainda que não nos seja possível confirmar, por falta de documentação, a existência destes encontros desde o começo do Pré-Seminário, sabemos que aconteceram desde cedo na história desta instituição. Por exemplo, na primeira reunião de animadores do Pré-Seminário de 1992, escrevia-se assim: «Proposta para os encontros de animadores (ritmo mensal): local: S. Nicolau; horário: 19h15 Missa, 20h00 jantar, 21h00 reunião geral, 21h15 por centros de acolhimento, 22h00 reunião geral». Pré-Seminário de Lisboa, «1ª Reunião de Animadores do Pré-Seminário: S. Nicolau, 22 de outubro de 1992», 22 de outubro de 1992, 1, Pasta Correspondência II, Pré-Seminário de Lisboa.

³²⁹ Pré-Seminário de Lisboa, «Encontro de Padres e Animadores», 22 de setembro de 2018, 8.

acontecem uma vez por mês, numa terça-feira, no Seminário dos Olivais. Às vezes, quando é necessário, realizam-se também aos fins de semana, nesse caso no Seminário de Penafirme – este esquema é o que tem sido usado nos últimos anos, tendo havido outros modelos de encontro ao longo da história

Além destes encontros, também existem alguns exclusivamente para os padres formadores, designados de *EP*. Dos *EP*'s sabemos sobretudo, por alguma documentação consultada, que são momentos propícios para os padres poderem falar sobre cada um dos rapazes, o seu caminho e crescimento, perscrutando os sinais de Deus. Com ritmo semanal, estes encontros permitem meditar sobre os rapazes a serem chamados ao Seminário.³³⁰

3.3.3 PROCESSO DE ADMISSÃO

A ficha de inscrição no Pré-Seminário, ainda que seja sumamente administrativa, ganhou modulações diferentes ao longo dos anos. Podemos falar de uma ficha que se insere num processo de admissão ao Pré-Seminário. Recuando a 1990, encontramos 6 fichas que constam no processo de admissão. A saber, ficha de inscrição, pedido de admissão, informação do pároco, informação do psicólogo, ficha psicopedagógica e ficha do médico.

De todos estes documentos destacamos o pedido de admissão, que é dirigido ao Patriarca de Lisboa. A seguir aos dados pessoais afirma o texto: «julgando que Deus o chama a ser padre e desejando aprofundar a sua vocação, pretende livremente participar na vida do Pré-Seminário»³³¹. Reparemos como se menciona o desejo de ser padre, algo que à semelhança das cartas se vai substituindo pelo discernimento da vocação. Nesta ficha consta ainda a autorização dos pais, apresentada com o seguinte texto: «autorizamos o nosso filho a pertencer ao Pré-Seminário. Rezamos por ele e ajudá-lo-emos a cumprir os seus deveres»³³².

Com o passar dos anos, esta ficha foi-se alterando. Por exemplo, em 2010 a ficha de inscrição, na parte referente ao pré-seminarista continha a autorização dos pais com o seguinte texto: «autorizo o meu filho a ser acompanhado pelo Pré-Seminário no presente ano letivo e a participar com regularidade nas atividades propostas»³³³. O importante a refletir não é a mudança formal do texto, mas a intuição que acompanha essa mudança. De um primeiro momento centrado no falar muito no ser padre, passa-se progressivamente para uma noção de um fazer parte de uma instituição de discernimento vocacional. Com tudo isto, a formalidade

³³⁰ Cf. Pré-Seminário de Lisboa, «EP Geral de Início de Ano», 2017, Pasta Arquivo, Pré-Seminário de Lisboa.

³³¹ Pré-Seminário de Lisboa, «Pré-Seminário ao Serviço da Animação e Formação Vocacionais», 57.

³³² Pré-Seminário de Lisboa, 57.

³³³ Pré-Seminário de Lisboa, «Ficha de Inscrição», 2010, Inscrições, Pré-Seminário de Lisboa.

também se altera. Já não é um pedido ao Cardeal-Patriarca, mas ao diretor, para mais tarde ser um compromisso, mais que um pedido.

Nos últimos anos a ficha de inscrição passou a ser acompanhada por esse tal compromisso da parte dos rapazes: «Eu, abaixo-assinado, desejo ser acompanhado pelo Pré-Seminário durante este ano letivo, e comprometo-me a participar com regularidade nas atividades»³³⁴. Da parte dos pais, o texto também ganha novos contornos: «Autorizo o meu educando a ser acompanhado pelo Pré-Seminário no presente ano letivo e a participar com regularidade nas atividades propostas»³³⁵. Reforçando ainda a proposta formativa, que os pais dizem conhecer: «declaro que as informações que preenchi nesta Ficha de Inscrição são verdadeiras, que conheço a proposta formativa do Pré-Seminário de Lisboa e que tomei conhecimento das condições constantes na presente ficha»³³⁶.

3.3.4 «A CAMINHO»

Uma das ferramentas que o Pré-Seminário de Lisboa dispõe para fazer a sua comunicação interna é o jornal *A Caminho*, classificado como «jornal mensal de ligação entre todo o Pré-Seminário»³³⁷. Como já dissemos, não podemos afirmar como uma novidade desta instituição, por sabermos ter nascido no GAPV – porém, não sabemos explicar a passagem do GAPV para o Pré-Seminário.

Contudo, o *A caminho* será o marco da comunicação interna do Pré-Seminário, onde ao longo destas quatro décadas podemos conhecer toda a atividade do Pré, os temas dos encontros, as partilhas que os próprios pré-seminaristas faziam³³⁸, as datas importantes, os transportes para os encontros, os conteúdos da formação cristã e os editoriais – escritos por um dos padres formadores e que ajudam a compreender a linha orientadora da formação.

3.3.5 CONSELHO DE PAIS

Uma ferramenta de que o Pré-Seminário dispôs no acompanhamento das famílias foi o Conselho de Pais. O Pré-Seminário procurou estar perto das famílias e acompanhá-las, ao

³³⁴ Pré-Seminário de Lisboa, «Ficha de Inscrição», 2020, Pré 2020-21, Pré-Seminário de Lisboa.

³³⁵ Pré-Seminário de Lisboa.

³³⁶ Pré-Seminário de Lisboa.

³³⁷ Pré-Seminário de Lisboa, «Apresentar o Pré-Seminário», 1998, 4, Pasta Arquivo, Pré-Seminário de Lisboa.

³³⁸ É curioso perceber o impacto que tinha esta partilha, a forma como alguns contavam o que tinham feito e vivido nos encontros. Não esqueçamos quem nem todos estavam em tudo, dadas as diferenças etárias, sendo por isso bom acompanhar o que outros companheiros, mais velhos ou mais novos, faziam. Exemplifica bem o peso desta partilha, o testemunho de Francisco Moutinho (pré-seminarista): «Após quatro anos e meio de pré-seminarista, finalmente calhou-me a vez de vos falar de um encontro». Francisco Moutinho, «Pré Notícias: Encontro dos Prés», *A Caminho*, n. 33 (2016): 3.

mesmo tempo que ofereceu aos rapazes um itinerário de vida cristã e, por isso, vocacional – tal como a correspondência exposta anteriormente denuncia.

Através de um documento intitulado «Apresentar o Pré-Seminário», do ano letivo de 1998/1999, ficamos a saber o papel deste conselho. «O conselho de Pais do Pré-Seminário, constituído por 4 famílias dos rapazes, [tem como missão colaborar...] com a equipa formadora»³³⁹. Na verdade, além de acompanhar os próprios rapazes, a equipa formadora oferece os encontros de pais, recolções no Advento e na Quaresma e ainda disponibilidade para visitar os lares dos rapazes.³⁴⁰

3.3.6 IDENTIDADE

No caminhar dos anos surgiu também um logótipo e um hino, hoje marcas da identidade do Pré-Seminário de Lisboa. O logótipo terá surgido no ano de 2002, a partir de quando passa a constar nas cartas, pelas mãos dos padres José Miguel e Arsénio. O logótipo representa um caminho para o céu, da terra para o céu, o caminho da santidade, o caminho vocacional. Esta relação da humanidade para a glória está simbolizada pelo degradê, ficando mais claro na parte superior. As cores são alusivas a Nossa Senhora, bem como a estrela que surge no topo, dado que a fundação acontece precisamente no dia da Assunção de Nossa Senhora ao Céu. Ao mesmo tempo, representa também o Homem Novo, de braços abertos, que se dirige para o céu.³⁴¹

O hino tem como título: «Sonho ser quem sou». Da autoria do padre Arsénio Isidoro, do padre José Miguel Pereira, e de Carlos Cordeiro, o hino surgiu num encontro do Pré-Seminário, possivelmente entre 2002 e 2003. Conta o padre José que o Carlos estava com a guitarra na mão e que o padre Arsénio lhe pediu para tocar qualquer coisa. O Carlos tocou uns acordes usando como letra: «canta qualquer coisa, uma coisa qualquer». Assim surgiu a melodia do refrão que agradou a todos e que rapidamente levou a que se escrevesse uma letra.³⁴²

³³⁹ Pré-Seminário de Lisboa, «Apresentar o Pré-Seminário», 5.

³⁴⁰ Importa ter presente de que algumas destas propostas que aqui apresentamos não se verificaram sempre ao longo destas quatro décadas. Por outras palavras, de acordo com o plano formativo e as necessidades de cada tempo foram sendo adaptadas e algumas até suprimidas. Exemplificando, atualmente não encontramos menção ao Conselho de Pais na documentação do Pré-Seminário.

³⁴¹ A análise ao logótipo baseia-se numa conversa informal que tivemos com o cónego José Miguel Pereira.

³⁴² O hino tem a seguinte letra: «[1ª Estrofe] Sonho ser quem sou, / sonho de quando embarquei / vivo a vida, sou feliz / e sei para onde vou. / Navego no alto mar / nesta barca que me leva / que me guia, que me conduz / neste mar que é Jesus. [Refrão] Sonha, sonha sempre / voa sempre mais alto / vive, serve sempre / canta sempre o amor (2x) / [2ª Estrofe] Canto o teu amor / no silêncio da manhã / escuto a promessa / que se alteia agora em mim. / Sou do Pré e quero andar / à procura de um segredo / quero ir na tua luz / encontrar-me só na cruz.» Pré-Seminário de Lisboa, «Anuário 2019-2020», 2019, 39, Pasta Pré 2019-20, Pré-Seminário de Lisboa.

3.4 OFERTA FORMATIVA

Por tudo quanto já refletimos, torna-se fácil intuir a oferta formativa do Pré-Seminário. Todavia, pensámos ser útil apresentá-la agora de forma metódica, ajudando a esquematizar os pontos essenciais do plano formativo. Urge ter presente que todo este percurso formativo assenta em objetivos educativos, organizados de acordo com três planos: o plano humano, o plano cristão e o plano vocacional.

Em relação ao plano humano, procura-se que cada rapaz «se desenvolva harmoniosamente na sua identidade psíquica, afetivo-sexual e social e nas suas capacidades físicas, intelectuais e morais»³⁴³.

No plano cristão, «o Pré-Seminário procura cuidar da formação cristã – doutrinal e espiritual – que permita o amadurecimento da fé e eduque o rapaz para viver a vocação à santidade como verdadeiro discípulo de Jesus Cristo»³⁴⁴.

Por fim, no plano vocacional, o Pré-Seminário, procura «cuidar do crescimento progressivo na vocação para o sacerdócio ministerial pelo conhecimento e interiorização das qualidades e virtudes que mais identifique o rapaz com Jesus Cristo mestre e pastor e o leve a uma maior generosidade apostólica»³⁴⁵.

3.4.1 ITINERÁRIO PESSOAL

A cada rapaz o Pré-Seminário propõe um itinerário pessoal que o ajude a crescer humana e cristãmente. Trata-se de oferecer um percurso que o faça desenvolver-se progressivamente em cada uma das dimensões que o constitui como pessoa, desenvolvendo-se em cada um dos planos anteriormente referidos.

Para que tal aconteça, existem algumas ferramentas de acompanhamento de que o Pré-Seminário dispõe. A primeira é a direção espiritual que é oferecida a partir do 9º ano de escolaridade³⁴⁶, através de um padre da equipa formadora ou de um outro padre – por exemplo, houve uma altura em que alguns padres da Diocese colaboravam com o Pré-Seminário como diretores espirituais.³⁴⁷ A direção espiritual «tem um papel fundamental na concretização

³⁴³ Pré-Seminário de Lisboa, «Apresentar o Pré-Seminário», 2.

³⁴⁴ Pré-Seminário de Lisboa, «Pré-Seminário ao Serviço da Animação e Formação Vocacionais», 28.

³⁴⁵ Mário Rui Pedras, «Conhecer o Pré-Seminário», 2000, 2, Pasta Arquivo, Pré-Seminário de Lisboa.

³⁴⁶ Nalguns documentos, há referência de que a direção espiritual se inicia no 8º ano, mas pelo que pudemos perceber terá acontecido assim só nalguns momentos. Cf. Pré-Seminário de Lisboa, «Apresentar o Pré-Seminário», 2; Cf. Pré-Seminário de Lisboa, «Encontro de Padres e Animadores», 22 de setembro de 2018, 3–5.

³⁴⁷ «Alguns sacerdotes (párocos e outros) colaboram com o Pré-Seminário enquanto diretores espirituais dos rapazes». Pereira, «Carta aos Padres», 5 de março de 2002. Encontramos outro exemplo num email que o padre Rui de Jesus escreve e que foi transcrito para um documento no Arquivo do Pré-Seminário: «Bom dia, venho dar-te novidades!! [...] O teu director espiritual é o Pe Jorge Sobreiro (um dos padres colaboradores do Pré-

pessoal dos desafios que são lançados em cada encontro e no desabrochar de uma possível vocação sacerdotal»³⁴⁸.

Outra ferramenta é a elaboração de um Plano Pessoal de Vida (PPV), inserido no Guia Pessoal de Santidade (GPS). Com formatos diferentes ao longo dos anos, apresenta-se como um guião de leitura de vida, oferecendo interrogações no âmbito de cada uma das dimensões formativas. Em 2018, por exemplo, escreviam assim os padres: «embora com necessidade de adaptação em forma e conteúdo, torna-se uma ferramenta útil para desbloquear e aprofundar a vida de cada um, com particulares frutos no acompanhamento da direcção espiritual»³⁴⁹.

Constam ainda deste itinerário conversas formativas, que habitualmente acontecem ao fim de cada encontro maior, os chamados campanários ou estágios, e ainda sempre que um rapaz peça para que tal aconteça. Estas conversas, além de ajudarem a consolidar aprendizagens, ajudam os rapazes na resolução dos seus pequenos-grandes problemas, estimulando-os nas suas descobertas e animando-os nos seus desânimos.³⁵⁰

3.4.2 ITINERÁRIO EM GRUPO

Além de todo o percurso que cada um é chamado a fazer pessoalmente, o Pré-Seminário propõe a cada rapaz um percurso a realizar em grupo, que ajude a aprofundar a vocação num contexto de comunidade. Assim, distribui os rapazes por vários grupos de acordo com as idades, usando para tal a correspondência direta com os anos escolares.³⁵¹ Atualmente, existem quatro grupos: os Zaqueus (que correspondem ao 7º e 8º ano), os Companheiros de São Tiago (que correspondem ao 9º ano), os Companheiros de São Pedro (que correspondem ao 10º e ao 11º ano) e os Companheiros de São Paulo (que correspondem ao 12º ano e aos universitários). Nem sempre foi assim, como vimos pela correspondência apresentada, ainda que desde cedo se procurou separar os rapazes por grupos de acordo com as idades.³⁵²

No grupo dos Companheiros de São Paulo atualmente estão também inseridos aqueles homens que já não sendo universitários, desejam fazer um itinerário de discernimento

Seminário, como expliquei no encontro de abertura). Podes contactar com ele para marcar direcção espiritual. [...] Um abraço, Pela Fé! Pe Rui de Jesus». Rui de Jesus, «Préstaís divididos pelos directores espirituais», 2012, Pré-Seminário de Lisboa.

³⁴⁸ Pré-Seminário de Lisboa, «Encontro de Padres e Animadores», 22 de setembro de 2018, 4.

³⁴⁹ Pré-Seminário de Lisboa, 8.

³⁵⁰ Cf. Pré-Seminário de Lisboa, «Apresentar o Pré-Seminário», 3.

³⁵¹ Todavia, se um aluno do 8º ano reprovar, muito provavelmente no ano seguinte, ainda que na escola se mantenha no 8º ano, passará para os Companheiros de São Tiago.

³⁵² Esta última esquematização remonta ao ano letivo 2013/2014, quando se criou o grupo dos Zaqueus e se passou a chamar Estágios aos campanários desta faixa etária e Miniestágios aos encontros mensais deste grupo. Porém, outros nomes antecederam os atuais, pois, como vimos, no início o nome tinha que ver com a idade: os juniores, os juvenis, os seniores.... Assim, para cada tempo procurou-se a melhor forma de construir um grupo vocacional capaz de responder aos desafios dos rapazes.

vocacional – alguns deles trazendo até uma experiência profissional consolidada. Uma das formas que o Pré-Seminário encontrou de acompanhar os universitários foi oferecer-lhes outro tipo de encontros. Entre eles, destacamos o Campo Apostólico³⁵³ e os Retiros Vocacionais – que, como referimos, ainda hoje acontecem no Seminário de Caparide.

Deste percurso em grupo vocacional, destacam-se atualmente os encontros mensais – chamados de encontros de formação ou miniestágios –, os campos vocacionais nas férias – os estágios e os campanários –, os retiros e os encontros nas paróquias. Estes últimos assumiram vários modelos e nomes. Houve um tempo em que se falava destes encontros como os *Préstais*, ou seja, encontros entre os prés e os animadores, fora das instalações do Pré-Seminário, habitualmente em paróquias às quais se queria dar a conhecer o Pré-Seminário e com a duração de um fim-de-semana.

Conta assim, por exemplo, Pedro Martins – que foi pré-seminarista – em 2010: «Acompanhámos as paróquias do Sobral e da Sapataria e convivemos de perto com cada uma delas e com o seu padre. Demos a conhecer o Pré-Seminário e falámos um pouco sobre nós e a nossa experiência de vida»³⁵⁴. O mesmo confirma Tiago Roque – atualmente padre do Patriarcado de Lisboa – em 2010: «neste encontro senti-me um verdadeiro enviado de Deus, não só enquanto estive a conversar com os jovens nas catequeses, mas também quando me apresentei a mim e ao Pré-Seminário, em plena eucaristia»³⁵⁵. Depois destes anos, passou a haver um *Préstai* fixo, sempre na mesma paróquia, onde o objetivo era mais o crescimento em pequeno grupo, de construção de relações fraternas entre os rapazes do Pré.³⁵⁶ Todavia, nem sempre aconteceu, acabando mesmo por deixar de se realizar. Em 2018, o *Préstai* regressou ao Pré-Seminário com uma oportunidade cultural e formativa, apenas de um dia, entre os prés e os animadores. Lê-se por exemplo no *A Caminho* de outubro de 2018: «o *Préstai* está de volta ao Pré e já se estreou no dia 14 com dois grupos de pré-seminaristas [...]. A atividade foi um misto de lazer e visita cultural: visitou-se uma paróquia onde se foi à Missa e depois seguiu-se almoço e bowling»³⁵⁷.

³⁵³ Afirma o documento da preparação do ano letivo de 1992/1993 que a pastoral convocatória acontecerá pelos Campos Vocacionais nas férias da Páscoa e de Natal, para os alunos do 6º ao 9º ano; pela constituição de Grupos Vocacionais com os rapazes provenientes desses campos; dos Estágios Vocacionais, a acontecer no mês de julho para alunos do 7º ao 12º ano; e ainda pelo Campo Apostólico: «será a actividade final para um grupo de universitários a constituir ao longo do ano pelo Pré-Seminário». Pré-Seminário de Lisboa, «Reflexão e Preparação do Ano Pastoral de 1992/93», 1992, 2, Pasta Correspondência II, Pré-Seminário de Lisboa.

³⁵⁴ Pedro Martins, «Préstais», *A Caminho*, n. 2 (2010): 4.

³⁵⁵ Tiago Roque, «Préstais», *A Caminho*, n. 2 (2010): 5.

³⁵⁶ O email citado anteriormente, entre o padre Rui e os rapazes do pré, mostra bem esta nova fase dos *Préstais*: «O teu *Préstai* será no dia 28, na paróquia da Azueira. Nós iremos buscar-te no Domingo, pela manhã, e levar-te-emos a casa a meio da tarde. Durante o ano, esta será a paróquia onde irão acontecer os teus *Préstais*. Preciso que me confirmes a tua disponibilidade para participares e no início da semana enviar-te-ei o horário [com a hora] a que te vamos buscar». Jesus, «Préstais divididos pelos diretores espirituais».

³⁵⁷ «Pré-Notícias: *Préstais*», *A Caminho*, n. 47 (2018): 5.

3.5 REUNIÕES DOS PADRES DOS SEMINÁRIOS E PRÉ-SEMINÁRIO

Nos anos oitenta, sabemos da existência de reuniões entre os formadores dos Seminários diocesanos e o Pré-Seminário. De uma dessas reuniões foi escrito um documento que seria assinado conjuntamente pelos vice-reitores dos Seminários (os cônegos Manuel Clemente e Pires de Campos e o padre Álvaro) e pelo então diretor do Pré-Seminário, o padre Mário Rui, sob a presidência do Bispo Auxiliar de Lisboa, D. José Policarpo (então reitor do Seminário dos Olivais).

Trata-se de um texto que foi redigido a 30 de novembro de 1989, ainda que seja referente à «primeira reunião, [...do...] ano pastoral de 1989/90, dos padres dos Seminários e Pré-Seminário [...que se realizou...] no Seminário de Almada a 11 de novembro»³⁵⁸. O referido documento que saiu dessa reunião foi aprovado numa outra «reunião realizada para esse [mesmo] efeito, sob a presidência do Senhor D. José Policarpo, no dia 7 de fevereiro de 1990, no Seminário dos Olivais»³⁵⁹. Acresce ainda o facto de a 14 de março de 1990, o Cardeal-Patriarca Ribeiro, aprovar as conclusões desse documento e determinar «que entrem em vigor no início do próximo ano escolar»³⁶⁰.

Para compreender o destaque que aqui damos a este documento, urge ter presente qual o único ponto da agenda da referida reunião, a saber, «retomar a reflexão iniciada em reuniões anteriores sobre a unidade formativa dos Seminários e Pré-Seminário, nomeadamente na redefinição dos anos escolares que devem funcionar em cada instituição»³⁶¹. Partindo desta premissa, a que conclusões se chegaram – e que até foram aprovadas pelo Patriarca D. António?

Em primeiro lugar, conclui-se que «o Pré-Seminário acompanha os rapazes nos seguintes anos escolares: do 5º ao 9º ano de escolaridade do ensino básico; do 10º ao 12º ano (inclusive) de escolaridade do ensino secundário»³⁶². Em segundo, que «o Pré-Seminário admite os rapazes, em ordem a um acompanhamento, formação, discernimento e orientação vocacionais», para depois, quando julgar adequado fazê-lo, apresentá-los «ao Seminário de S. José a partir do 10º ano (podendo apresentá-los mais cedo, se for considerado conveniente) até ao 12º ano; [e] ao Seminário de S. Paulo no final do 12º ano»³⁶³.

Na segunda parte, após redefinir os anos escolares de cada instituição e os critérios da admissão dos novos alunos, o documento debruça-se sobre a denominação de cada uma destas instituições e os temas das futuras reuniões similares. Assim, a partir deste texto é claro que o

³⁵⁸ José Policarpo et al., «Reunião dos Padres dos Seminários e Pré-Seminário» (Lisboa, 30 de novembro de 1989), 1, Pasta Correspondência II, Pré-Seminário de Lisboa.

³⁵⁹ Policarpo et al., 4.

³⁶⁰ Policarpo et al., 1.

³⁶¹ Policarpo et al., 1.

³⁶² Policarpo et al., 1.

³⁶³ Policarpo et al., 1.

Seminário Menor fica restringido ao Seminário de S. José e que o Seminário Maior coexiste em duas casas: Olivais e Almada. Uma nota que fica desta reunião é o desejo de favorecer reuniões habituais entre todas as instituições envolvidas, onde se inclui o Pré-Seminário.

Por fim, duas questões que ficam em aberto: a possibilidade de um aumento do número de anos de formação passados em Almada – ainda que, segundo o mesmo documento, se tenha abandonado a hipótese de criar um ano propedêutico ou intercalar –; a dúvida de quem deve realizar «o trabalho de promoção, acompanhamento e discernimento vocacionais dos estudantes universitários»³⁶⁴. Para esta última interrogação, as hipóteses levantadas foram três, a saber, o Seminário de Almada, a Pastoral Universitária ou um Pré-Seminário para universitários.³⁶⁵

3.6 RELAÇÃO COM A DIOCESE E AS SUAS INSTITUIÇÕES: SECRETARIADO DIOCESANO DA CATEQUESE

O decreto da ereção canónica do Pré-Seminário de Lisboa recomendava, no seu último ponto, que esta instituição colaborasse com «os secretariados diocesanos da catequese e do ensino religioso na promoção de atividades pastorais destinadas a descobrir e a cultivar germes de vocação sacerdotal e de vida consagrada, nos pré-adolescentes e adolescentes»³⁶⁶, tornando-se, desta feita, «fundamental [...] a relação deste serviço com a Igreja diocesana»³⁶⁷.

Um dos serviços diocesanos com que o Pré-Seminário de Lisboa muito trabalhou ao longo destas quatro décadas foi o das Vocações. Deste trabalho próximo muitos são os documentos que falam. Por exemplo, num encontro de animadores de 1994, escrevia-se assim num tópico: «jornadas e encontros vocacionais em colaboração com o SDPV»³⁶⁸.

Todavia, não foi o único serviço diocesano com que o Pré-Seminário trabalhou. Levando à prática o desejo do decreto suprarreferido, o Pré procurou estabelecer relação com o Secretariado Diocesano da Catequese. Para entender a forma como tal aconteceu, recuamos a 1983 – pouquíssimos meses depois da ereção canónica do Pré-Seminário –, àquela que era a revista deste Secretariado, a *Voz da Catequese*. Nela destaca-se um artigo sobre o Pré-Seminário e a Catequese, escrito pelo então diretor do Pré-Seminário, padre Armando Duarte.³⁶⁹

³⁶⁴ Policarpo et al., 4.

³⁶⁵ Sabemos pelas cartas e pelos relatórios e planos de atividades do Pré-Seminário que esta última hipótese é a que se mantém em funcionamento no Pré-Seminário de Lisboa. Todavia, as duas outras também foram acontecendo na década de 90.

³⁶⁶ Ribeiro, «Decreto da Criação do Pré-Seminário», 2.

³⁶⁷ Armando Duarte, «Pré-Seminário e Catequese», *Voz da Catequese*, n. 285 (1983): 10.

³⁶⁸ Pré-Seminário de Lisboa, «Encontro de Animadores», 12 de setembro de 1994, Pasta Correspondência II, Pré-Seminário de Lisboa.

³⁶⁹ Cf. Duarte, «Pré-Seminário e Catequese».

O que se pretende sublinhar com este artigo é «a ligação estreita que deve existir entre o Pré-Seminário e o catequista»³⁷⁰. Por outras palavras, «o Pré-Seminário conta com o catequista, enquanto agente da pastoral das vocações»³⁷¹. Isto porque, «ao Pré-Seminário, como serviço preparatório para os Seminários diocesanos, compete-lhe o acolhimento, o discernimento e o acompanhamento das vocações»³⁷².

Ao refletir sobre o papel do catequista na pastoral vocacional, este artigo conclui que o catequista – ao testemunhar a vivência da sua vocação, ao mostrar que a vida cristã é resposta ao chamamento de Deus, e ao ajudar a entender o que é o sacerdócio ministerial e a forma como ele é importante para a vida das comunidades cristãs – poderá contribuir muito para que haja rapazes a questionarem-se sobre o chamamento ao sacerdócio. Nesses casos, caberá ao catequista encaminhá-los, com a ajuda do pároco, para o Pré-Seminário, onde poderão aprofundar esse chamamento.³⁷³

Termina este artigo sublinhando como ambos devem contar um com o outro: «o Pré-Seminário conta com os catequistas. Os catequistas – e essa rapaziada que anda por aí à procura de ideias grandes – podem contar com o Pré-Seminário»³⁷⁴.

Desde então procurou-se alimentar esta relação através de alguns trabalhos em conjunto. Entre eles, por exemplo a participação do Pré-Seminário nalgumas Assembleias Diocesanas de Catequistas, como aconteceu em 2019.³⁷⁵

³⁷⁰ Duarte, 11.

³⁷¹ Duarte, 11.

³⁷² Duarte, 10.

³⁷³ Note-se que não se fala de uma imposição de uma vocação ao sacerdócio, mas de um acompanhamento, de uma catequética que permita ao adolescente descobrir-se chamado por Deus. Aquilo que o cónego António Molho de Faria – professor do Seminário Conciliar de Braga – escreveu aos pais aplica-se inteiramente aos catequistas: «Bons pais, lembrai-vos que nunca vos será permitido impor a vocação ou escolha. Esta pertence aos novos. E neste trabalho de alcance supremo não poderão ser substituídos por ninguém». António Molho de Faria, *Os Pais e a Vocação* (Braga: Oficinas Gráficas Augusto Costa, 1952), 26.

³⁷⁴ Duarte, «Pré-Seminário e Catequese», 11.

³⁷⁵ Cf. Pré-Seminário de Lisboa, «Encontro de Padres e Animadores», 22 de setembro de 2018, 9.

CONCLUSÃO

Nesta dissertação estudámos o modo como surgiu o Pré-Seminário de Lisboa. Sublinhámos a forma como o contexto histórico do Patriarcado de Lisboa e o enquadramento do Magistério, tanto universal como local, favoreceram a ereção canónica desta instituição, acontecida a 15 de agosto de 1982, por decreto do Cardeal Ribeiro, com o padre Armando Duarte como primeiro diretor. Detalhemos, por isso, as conclusões que retiramos deste trabalho.

A primeira conclusão a que chegámos foi que o Magistério da Igreja não apresenta formalmente o Pré-Seminário. Por outras palavras, como vimos ao longo deste trabalho, não encontramos, nos documentos magisteriais basilares sobre a temática do discernimento vocacional ao sacerdócio, a utilização da expressão «Pré-Seminário». O único texto oficial da Igreja universal no qual surgiu este vocábulo foi o documento intitulado *Desenvolvimento da Pastoral das Vocações nas Igrejas Particulares*, publicado pela Pontifícia Obra das Vocações Eclesiásticas – tendo o texto sido preparado pelas Congregações da Educação Católica e dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica – precisamente 10 anos após a criação canónica do Pré-Seminário de Lisboa. Como decerto percebemos, trata-se de um documento magisterial de menor relevo, decorrente de uma consulta realizada às Igrejas Particulares a propósito da aplicação de um outro documento, publicado dez anos antes, que apresentou as conclusões de um congresso com Bispos e outros responsáveis pelas vocações eclesiais.

Embora não tenha surgido a expressão Pré-Seminário nos outros documentos magisteriais que referimos, eles são importantíssimos para o nosso estudo. Nesses mesmos documentos encontramos os matizes daquilo que é a proposta do Pré-Seminário, as indicações claras do que esperar de uma instituição que acompanha rapazes com inquietações vocacionais antes de uma possível entrada no Seminário.

Ainda a propósito do Magistério da Igreja, concluímos também que a questão dos Seminários Menores influenciou o surgimento do Pré-Seminário. Sem dúvida, que o Concílio Vaticano II, não apresentando um documento sistemático sobre os Seminários Menores, iniciou uma reflexão sobre o seu lugar e razão de ser no contexto social que se vivia na década de 1960. Esta reflexão, não promovendo o encerramento dos Seminários Menores, mas também não lhes dando o lugar que anteriormente detinham, permitiu que se pensasse numa nova forma de acompanhar rapazes, na idade da adolescência e pré-juventude, que desejassem questionar-se sobre uma possível vocação ao sacerdócio. Foi por isso que surgiu tantas vezes a expressão «Seminários Menores ou outras instituições similares» nos documentos do Magistério. Contudo, não ficou apenas aberta a possibilidade de uma nova instituição de acompanhamento

vocacional, mas em simultâneo abriu-se a hipótese de uma nova tipologia de Seminário Menor. Os documentos estudados reforçam ainda que estas novas instituições são chamadas a aprofundar mais o contacto com as famílias dos vocacionados, a relação com o meio escolar, onde os rapazes passam muito do seu tempo de vida, e a favorecer a interação e presença nas comunidades eclesiais, onde brotam tantas vezes os primeiros sinais da vocação.

Em suma, os documentos do Magistério deixaram claro que era importante acompanhar os adolescentes, oferecendo-lhes as ferramentas necessárias para que possam crescer humana e cristãmente, através de um itinerário em grupo. Para isto acontecer, torna-se necessário oferecer a cada rapaz um caminho de discernimento vocacional, no qual se possa apresentar o sacerdócio como uma opção de vida, como uma resposta concreta ao chamamento do Senhor.

Concluimos também, ao chegar ao fim deste estudo, que, além da necessidade apontada pelo Magistério, o contexto em Lisboa favoreceu o surgimento do Pré-Seminário. O fim dos Seminários Menores na Diocese e a falta de acompanhamento dos rapazes que se sentiam vocacionalmente inquietos foram decisivos para o aparecimento desta instituição. Juntou-se ainda o facto de não haver na altura estruturas para acompanhar os jovens e os acólitos, duas instâncias que nos primeiros tempos trabalharão juntas com a pastoral das vocações.

Como tivemos oportunidade de ver, ainda antes de ser erigido canonicamente o Pré-Seminário, surgiram as primeiras atividades de acompanhamento de rapazes que punham a hipótese de virem a ser padres – encontros estes que nalgumas vezes tiveram por nome: encontros de Pré-Seminário. Numa estreita colaboração com os Seminários diocesanos – que marca toda a existência desta instituição –, o Pré-Seminário compreendeu desde cedo que era importante ajudar os adolescentes a discernir uma possível entrada no Seminário. Associados às férias escolares, os campos vocacionais oferecidos pelo Pré-Seminário pretendiam ser um lugar de aprofundamento da fé, de diversão, de convívio, de autoconhecimento, de oração e de vida sacramental.

Dizíamos que o contexto em Lisboa favoreceu a criação do Pré-Seminário, sobretudo pela não existência de estruturas. Contudo, há também um outro aspeto que potenciou tal surgimento: o *Plano de Ação de Pastoral das Vocações do Patriarcado de Lisboa* (PAPV). Como refletimos, o documento que sintetizou a questão vocacional no Patriarcado de Lisboa foi determinante para avaliar as instâncias de discernimento vocacional existentes na Diocese, mas também para reconhecer as carências. Não tendo sido possível concluir uma relação direta entre os factos, pensamos ainda assim que este documento tenha sido a porta de abertura ao Pré-Seminário no Patriarcado de Lisboa.

Uma outra conclusão a que chegámos, com esta dissertação, foi a forma como se organizou o Pré-Seminário em Lisboa. Como pudemos ver, através da oferta dos campos

vocacionais nas férias escolares e de outros encontros ao longo dos meses, o Pré-Seminário foi conseguindo acompanhar os adolescentes. Todavia, percebeu que a forma de o fazer passaria por dois tipos de acompanhamento: um pessoal e outro em grupo. Do acompanhamento pessoal destacamos a direção espiritual, as conversas formativas, as propostas de oração e os desafios lançados a cada rapaz. Por outro lado, do acompanhamento em grupo realçamos os encontros de formação, as propostas de oração em grupo e os momentos lúdicos. A dimensão de um grupo vocacional esteve sempre também muito presente desde a origem, através da divisão dos rapazes em pequenos grupos de companheiros, de acordo com as idades e os anos escolares.

Além do acompanhamento aos pré-seminaristas, esta instituição procurou também ajudar os pais, no seu trabalho de educadores. Para isso, ofereceu encontros, meios e subsídios, pelos quais manteve relação com as famílias. Neste itinerário encontramos ainda a proximidade aos párocos dos pré-seminaristas, bem como de todos os outros padres da Diocese, com os quais com regularidade se procurou trocar correspondência.

Por fim, concluímos, ainda, como o Pré-Seminário em Lisboa foi uma resposta clara à problemática do discernimento vocacional ao sacerdócio, suprimindo uma lacuna existente na Diocese e permitindo um novo enquadramento à questão do Seminário Menor. Através do Pré-Seminário de Lisboa foi possível também fazer campanhas vocacionais pelas paróquias da Diocese, procurando salientar a importância de todos os agentes pastorais na questão vocacional.

Terminamos esta dissertação apontando duas linhas de reflexão que poderão ser aprofundadas posteriormente, pois ainda que não tenham sido objeto do nosso estudo, parecem-nos relevantes na temática abordada. A primeira prende-se com a questão pedagógica. Como pudemos perceber ao longo do trabalho, encontramos nesta instituição um conjunto de propostas pedagógicas diversificadas. Tal estudo poderá permitir escrutinar as opções formativas que conduziram à existência desta instituição e avaliar os modelos de acompanhamento; mas também apresentar os objetivos a desenvolver em cada etapa da oferta formativa, de acordo com os estudos atuais da pedagogia e da psicologia.

Além disso, um estudo aprofundado sobre a pedagogia poderá ainda ajudar a construir uma resposta mais sólida no acompanhamento vocacional de cada rapaz, na articulação com as famílias, o meio escolar, as comunidades eclesiais e as outras ocupações sociais. A tal abordagem urge ainda acrescentar a temática doutrinal e espiritual existente na pedagogia. A escolha dos temas das catequeses, das dinâmicas realizadas, dos imaginários utilizados nos campos seriam sem dúvida um bom objeto de estudo. Através de uma reflexão cuidada, poder-se-ia perceber quais destes aspetos têm sido os mais sublinhados na oferta formativa do Pré-

Seminário e quais poderiam passar a constar nas atividades oferecidas, de maneira a responder melhor aos desafios atuais do discernimento vocacional ao sacerdócio.

Uma outra linha de reflexão que poderia ser aprofundada é a sociológica. Por outras palavras, fazer-se um estudo aprofundado da questão quantitativa do Pré-Seminário, uma análise detalhada de alguns elementos estatísticos, o que poderá ajudar a responder a questões como: De onde vêm os pré-seminaristas? Qual o meio escolar que frequentam? Quais as paróquias que mais rapazes apresentaram ao Pré-Seminário? Quantos rapazes acompanhados pelo Pré-Seminário ingressaram nos Seminários do Patriarcado? Quantos deles hoje são padres? Assim, talvez se pudesse melhorar ainda mais a resposta que o Pré-Seminário tem sido no Patriarcado de Lisboa à problemática do acompanhamento vocacional.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

- Alves, Rodrigo. «Carta aos Prés», 13 de novembro de 2019. Pasta Pré 2019-20. Pasta 93: Secretaria-Documentação. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Prés», 13 de fevereiro de 2020. Pasta Pré 2019-20. Pasta 93: Secretaria-Documentação. Pré-Seminário de Lisboa.
- Duarte, Armando. A história do Pré-Seminário de Lisboa. Entrevistado por Pedro Sousa, 22 de setembro de 2021.
- Jesus, Rui de. «Carta aos Prés», 5 de julho de 2012. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Préstaís divididos pelos diretores espirituais», 2012. Pré-Seminário de Lisboa.
- Martins, Pedro. «Préstaí». *A Caminho*, n. 2 (2010): 4.
- Moutinho, Francisco. «Pré Notícias: Encontro dos Prés». *A Caminho*, n. 33 (2016): 3–4.
- Pedras, Mário Rui. «Carta ao General Almeida Bruno, Comandante da Academia Militar de Lisboa», 3 de agosto de 1993. Pasta Correspondência II. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Juvenis», 24 de fevereiro de 1995. Pasta Correspondência II. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Pré-Juvenis e Juvenis», 4 de janeiro de 1999. Pasta Correspondência II. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Prés», 19 de março de 1991. Pasta Correspondência II. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Prés», 30 de junho de 1993. Pasta Correspondência II. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Conhecer o Pré-Seminário», 2000. Pasta Arquivo. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Convite Estágio Vocacional», 14 de julho de 1994. Pasta Correspondência II. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Convite Estágio Vocacional», 28 de junho de 1997. Pasta Correspondência II. Pré-Seminário de Lisboa.
- Pereira, José Miguel Barata. «Carta ao Padre Daniel», 6 de janeiro de 2008. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Padres», 5 de março de 2002. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Padres», 1 de setembro de 2006. Pasta Arquivo. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Pais», novembro de 2002. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Pais», abril de 2003. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Pais», 2 de fevereiro de 2005. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Pais», 24 de novembro de 2006. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Pais», 20 de dezembro de 2010. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Pais», 10 de janeiro de 2011. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Pais no Início do Ano», 2001. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Pais no Início do Ano», 2003. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Prés», 24 de outubro de 2007. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.

- . «Carta aos Prés», 1 de outubro de 2008. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Prés», 23 de novembro de 2008. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Prés», 8 de março de 2009. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Prés», 15 de março de 2010. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Prés», 5 de setembro de 2010. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Prés», 28 de março de 2011. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Priores», setembro de 2003. Pasta Arquivo. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Carta aos Seminaristas Maiores», 6 de fevereiro de 2002. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Convite Campanário Início do Ano», 8 de setembro de 2008. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Convite Campanários de Natal», 23 de novembro de 2007. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Convite Campanários de Natal», 4 de dezembro de 2009. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Convite Campanários de Natal», 13 de dezembro de 2009. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- Policarpo, José, Manuel Clemente, Manuel Pires de Campos, Álvaro Bizarro, e Mário Rui Pedras. «Reunião dos Padres dos Seminários e Pré-Seminário». Lisboa, 30 de novembro de 1989. Pasta Correspondência II. Pré-Seminário de Lisboa.
- «Pré-Notícias: Préstai». *A Caminho*, n. 47 (2018): 5.
- Pré-Seminário de Lisboa. «1ª Reunião de Animadores do Pré-Seminário: S. Nicolau, 22 de outubro de 1992», 22 de outubro de 1992. Pasta Correspondência II. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Anuário 2019-2020», 2019. Pasta Pré 2019-20. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Apresentar o Pré-Seminário», 1998. Pasta Arquivo. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Base Geral - Principal», 2020. Pasta Arquivo. Dados. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Correspondência com Outras Entidades», sem data. Pasta Correspondência II. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Encontro de Animadores», 12 de setembro de 1994. Pasta Correspondência II. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Encontro de Padres e Animadores: 11 e 12 de setembro de 2010», 11 de setembro de 2010. Pasta 2010-2011: EPA e EP. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Encontro de Padres e Animadores, 22 e 23 de setembro de 2018», 22 de setembro de 2018. Pré 2018-19. Pasta 80: Documentação. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «EP Geral de Início de Ano», 2017. Pasta Arquivo. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Ficha de Inscrição», 2010. Inscrições. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Ficha de Inscrição», 2020. Pré 2020-21. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Histórico - Listas por Ano», 2022. Pasta Arquivo. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Pré-Seminário ao Serviço da Animação e Formação Vocacionais». Relatório de Atividades. Lisboa: Pré-Seminário de Lisboa, 30 de novembro de 1990.
- . «Reflexão e Preparação do Ano Pastoral de 1992/93», 1992. Pasta Correspondência II. Pré-Seminário de Lisboa.
- Roque, Tiago. «Préstai». *A Caminho*, n. 2 (2010): 5.
- Santos, Filipe. «Carta aos Padres», 24 de janeiro de 2008. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.

- . «Carta aos Prés», 17 de fevereiro de 2009. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.
- . «Convite Campanários de Natal», 10 de dezembro de 2007. Pasta Correspondência I. Pré-Seminário de Lisboa.

MAGISTÉRIO

- Cerejeira, Manuel. *Ainda o Problema do Clero*. Lisboa: União Gráfica, 1948.
- . *Carta Pastoral sobre O Problema do Clero*. Lisboa: União Gráfica, 1935.
- Comisión Episcopal de Seminarios y Universidades. «*Habla, Señor*»: *valor actual del Seminario Menor*. Madrid: Edice, 1998.
- Concílio Ecuménico Vaticano II. «Constituição Dogmática Lumen Gentium». Em *Documentos do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações e mensagens conciliares*, 3–108. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002.
- . «Decreto Optatum Totius». Em *Documentos do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações e mensagens conciliares*, 393–416. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002.
- Conferência Episcopal Portuguesa. *Bases para a Pastoral Vocacional*. Documentos 2004 2. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2004.
- . *Normas Fundamentais para a Formação Sacerdotal nas Dioceses Portuguesas*. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 1981.
- . *Normas Fundamentais para a Formação Sacerdotal nas Dioceses Portuguesas e Plano de Estudos para o Seminário Maior*. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1992.
- . *Normas Gerais para os Seminários Portugueses*. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1968.
- , ed. *Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos*. 3ª edição. Pontifical Romano. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007.
- , ed. *Rumo à JMJ Lisboa 2022: Documentos do Sínodo dos Bispos sobre os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2020.
- Congregação para o Clero. *Directório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*. Lisboa: Rei dos Livros, 1994.
- . *O Dom da Vocação Presbiteral: Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*. Prior Velho: Paulinas, 2017.
- . *O Presbítero: Mestre da Palavra, Ministro dos Sacramentos e Guia da Comunidade em Vista do Terceiro Milénio*. Cartas avulsas 21. Lisboa: Paulinas, 1999.
- . *O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial*. Cartas avulsas 36. Lisboa: Paulinas, 2002.
- Critérios duma Vocação de Criança: Notas Pastorais*. Lisboa: Obra das Vocações Sacerdotais, 1960.
- Francisco. *Cristo Vive: Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit*. Prior Velho: Paulinas, 2019.
- II Congresso Internacional de Bispos e Outros Responsáveis pelas Vocações Eclesiásticas. *Desenvolvimento da Pastoral das Vocações nas Igrejas Particulares - Experiência do Passado e Programas para o Futuro: Documento Conclusivo*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1983.
- João Paulo II. *A Igreja na Europa: Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in Europa*. 3ª edição. Prior Velho: Paulinas, 2003.
- . *Eu vos Darei Pastores: Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis*. Lisboa: Edições Paulistas, 1992.

- . *No Início do Novo Milénio: Carta Apostólica Novo Milenio Ineunte*. 3ª edição. Lisboa: Paulinas, 2001.
- Mendes, Joaquim, e António Augusto Azevedo. «Representantes da CEP no Sínodo dos Bispos». Em *Rumo à JMJ Lisboa 2022: documentos do Sínodo dos Bispos sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 399–402. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2020.
- Obra das Vocações e Seminários do Patriarcado de Lisboa. *Estatutos*. Lisboa: s. ed., 1954.
- Obra Pontifícia para as Vocações Eclesiásticas. *A Pastoral das Vocações nas Igrejas Particulares da Europa: Documento de Trabalho do Congresso Europeu para as Vocações*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1997.
- . *Novas Vocações para uma Nova Europa: In Verbo Tuo - Documento Final do Congresso sobre Vocações para o Sacerdócio e a Vida Consagrada*. Lisboa: Paulinas, 1998.
- Patriarcado de Lisboa. *Constituição Sinodal de Lisboa*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, 2016.
- . *Pensar a Pastoral das Vocações*. Lisboa: Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, 1979.
- Paulo VI. «Apostolica Sollicitudo». Em *Synodus Episcoporum*, 5–13. Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1971.
- Pio XII. *Exortação Apostólica Menti Nostrae*. Coimbra: s. ed., 1951.
- Pontifícia Obra das Vocações Eclesiásticas. *Desenvolvimento da Pastoral das Vocações nas Igrejas Particulares*. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1992.
- Ribeiro, António. «Apresentação». Em *Plano de Ação de Pastoral das Vocações do Patriarcado de Lisboa*, 3. Lisboa: Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, 1981.
- . «Decreto da Criação do Pré-Seminário», 15 de agosto de 1982. Pasta: Decretos de 1982. Arquivo Corrente da Chancelaria do Patriarcado de Lisboa.
- . *Linhas de Orientação Pastoral - Discurso ao Clero em 19 de junho de 1972*. Documentos Episcopais. Lisboa: União Gráfica, 1972.
- . *Sacerdócio Comum e Sacerdócio Ordenado: Homilia na Missa Crismal de Quinta-Feira Santa na Sé Patriarcal*. Lisboa: Rei dos Livros, 1995.
- Sagrada Congregação para a Educação Católica. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis: Directrizes Básicas para a Formação Sacerdotal*. Roma: Typis Polyglottis Vaticanis, 1970.
- Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações. *Plano de Ação de Pastoral das Vocações do Patriarcado de Lisboa*. Lisboa: Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, 1981.
- Silva, José Pedro da. «Vocações, Família e Seminário». Em *Ser e missão dos leigos na Igreja e no mundo*. Coleção Magistra 1. Lisboa: Rei dos Livros, 1987.
- Sínodo dos Bispos. *A Formação dos Sacerdotes no Mundo de Hoje: Lineamenta (para uso das Conferências Episcopais)*. Vaticano: s. ed., 1989.
- . *O Sacerdócio Ministerial: Esboço dos Temas a Discutir na Segunda Assembleia Sinodal*. Lisboa: União Gráfica, 1971.
- XV Assembleia-Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. «Documento da Reunião Pré-Sinodal com os Jovens». Em *Rumo à JMJ Lisboa 2022: documentos do Sínodo dos Bispos sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 65–86. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2020.

PERIÓDICOS

- «A Quarta Reunião do Conselho Presbiteral». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano III, n. 25–26 (1970): 5–8.
- «Agenda». *Sinal*, n. 30 (2013): 5.

- «Agenda Junho/Julho de 2009». *Sinal*, n. 6 (2009): 4.
- «As bodas de ouro do Seminário dos Olivais: um pouco de História». *Sinal*, n. 18 (1981): 2–3.
- «Assembleias de Jovens: espaços de diálogo entre Seminário e jovens da Diocese». *Sinal*, n. 39 (1986): 2–3.
- «Atenção: a peregrinação da OVS». *A Messe do Senhor*, Ano XX, n. 62 (1951): 10.
- «Avisos». *Sinal*, n. 105 (2003): 4.
- Belo, António Mendes. «Documento nº11: Obra das Vocações e dos Seminários». Em *Os Seminários da Diocese de Lisboa: Notas Históricas*, 38–41. Suplemento da Vida Católica, II Série. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, 1994.
- Brandão, Diogo Paiva. «Atentos aos “pequenos sinais”». *Voz da Verdade*. 15 de dezembro de 2019, 4375 edição.
- Cerejeira, Manuel. «Actos do Governo Diocesano: Comunicação ao Clero e Fiéis sobre as Vocações e Seminários». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano III, n. 27–28 (1970): 9–10.
- . «Aprovação e Bênção». *A Messe do Senhor*, Ano I, n. 1 (1932): 7–8.
- . «Decreto de Criação do Conselho Presbiteral do Patriarcado de Lisboa». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano I, n. 1 (1968): 6.
- . «Seminários: Talvez o mais grave Problema Pastoral da Diocese». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano I, n. 1 (1968): 9.
- Clemente, Manuel. «Da Igreja para o Mundo: O Seminário da Diocese de Lisboa». *Novellae Olivarum*, n. Especial (75º Aniversário) (2006): 25–38.
- . «Nomeações - Seminários Diocesanos». *Vida Católica*, IV Série, n. 12 (2017): 160–61.
- . «Os Seminários de Lisboa». *Novellae Olivarum*, 4ª Série, n. 19 (1994): 3–4.
- «Comunicação sobre a problemática pastoral no Patriarcado de Lisboa». *Boletim de Informação Pastoral*, Ano VIII, n. 48–49 (1966): 14–19.
- «Dia do Sacerdócio». *Sinal*, n. 57 (1964): 2.
- «Documentos: Plano de Ação Pastoral para o Patriarcado de Lisboa». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano IX, n. 89 (1976): 7–19.
- Duarte, Armando. «Oração Pastoral das Vocações». *Voz da Verdade*. 15 de abril de 1979, 2466 edição.
- . «Pastoral das Vocações». *Raiz*, n. 12 (1982): 3–4.
- . «Pensar a Pastoral das Vocações». *Voz da Verdade*. 25 de março de 1979, 2463 edição.
- . «Pensar a Pastoral das Vocações: Os Centros são Coisas do Passado?». *Voz da Verdade*. 8 de abril de 1979, 2465 edição.
- . «Pensar a Pastoral das Vocações: Os Seminários Menores». *Voz da Verdade*. 27 de maio de 1979, 2472 edição.
- . «Pensar a Pastoral das Vocações: Relações com os Religiosos». *Voz da Verdade*. 13 de maio de 1979, 2470 edição.
- . «Pré-Seminário e Catequese». *Voz da Catequese*, n. 285 (1983): 10–11.
- . «Todos vamos pensar a Pastoral das Vocações». *Voz da Verdade*. 1 de abril de 1979, 2464 edição.
- Duarte, Joaquim da Conceição. «Seminário Vocacional de Almada». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano VII, n. 62–63 (1974): 20–21.
- Inocêncio, Francisco. «O Tempo Propedêutico». *Sinal*, n. 101 (2002): 2–4.
- «Jóias oferecidas aos Seminários». *A Messe do Senhor*, Ano VI, n. 15 (1938): 11.
- Neves, Augusto. «Relatório da IV Semana das Vocações e dos Seminários». *A Messe do Senhor*, Ano XV, n. 51 (1947): 3–8.
- Neves, João. «A Obra dos Seminários». *Novidades*, 29 de novembro de 1968, 24354 edição.
- Nicolau, Miguel. «La “Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis”». *Salmanticensis* 17, n. 2 (1970): 363–72.
- «Nomeações». *Vida Católica*, III Série, n. 8 (2001): 251–56.

- «Nomeações». *Vida Católica*, III Série, n. 41 (2012): 215.
- «Novas Dioceses de Setúbal e Santarém». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano VII, n. 79–80 (1975): 6.
- «O Seminário de Almada atual». *Sinal*, n. 39 (1986): 3.
- Paes, Carlos. «Editorial». *Sinal*, n. 1 (1978): 1.
- . «O Seminário Patriarcal de Lisboa: 75 anos nos Olivais - reflexões sobre a década de 70». *Novellae Olivarum*, n. Especial (75º Aniversário) (2006): 39–46.
- «Pastoral Vocacional e Seminários no Patriarcado». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano V, n. 49 (1972): 6.
- Pereira, Isaías da Rosa. *Os Seminários da Diocese de Lisboa: Notas Históricas*. Suplemento da *Vida Católica*, II Série. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, 1994.
- Pereira, José Miguel Barata. «Lisboa: Pré-Seminário de Lisboa». *Lumen*, III, 62, n. 3/4 (2001).
- Pereira, José Miguel Barata, D. Augusto César Ferreira da Silva, e Jorge Manuel Madureira Soares. «Dossier: Pré-Seminários Diocesanos». *Lumen*, III, 62, n. 3/4 (2001).
- Policarpo, José. «Ereção Canónica do Seminário Diocesano “Redemptoris Mater - Nossa Senhora de Fátima”». *Vida Católica*, III Série, n. 8 (2001): 245–46.
- . «O Seminário na Igreja Particular». *Novellae Olivarum*, n. Especial (75º Aniversário) (2006): 11–23.
- . «Seminários do Patriarcado». *Vida Católica*, III Série, n. 2 (1999): 88–90.
- Pré-Seminário de Lisboa. «Pré-Seminário». *Sinal*, n. 27 (1983): 3–4.
- . «Pré-Seminário». *Sinal*, n. 42 (1986): 4.
- . «Pré-Seminário». *Sinal*, n. 47 (1987): 3–4.
- . «Pré-Seminário». *Sinal*, n. 58 (1989): 4.
- . «Pré-Seminário». *Sinal*, n. 71 (1992): 2.
- «Programa Diocesano de Pastoral para 1979/80». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano XII, n. 103–105 (1979): 14–21.
- Rebello, Maria José. «Noticiário: Assembleia em Alcobaça». *Raiz*, n. 81 (1988): 14.
- Ribeiro, António. «A Oração pelas Vocações: Exortação Pastoral». *Vida Católica*, II Série, n. 22 (1993): 55–58.
- . «Decreto». *Sinal*, n. 32 (1984): 1.
- . «Excelência e Necessidade do Ministério Sacerdotal». *Vida Católica*, II Série, n. 10 (1989): 141–48.
- Santos, Nuno. «Pré-Seminário: novas perspectivas para novos contextos». *Estudos Teológicos*, n. 10 (2006): 361–408.
- Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações. «Actividades de Férias do SDPV». *Raiz*, n. 18–19 (1982): 14.
- . «Notícia dos Seminários». *Sinal*, n. 18 (1981): 4.
- . «Pastoral das Vocações». *Voz da Verdade*. 29 de março de 1981, 2568 edição.
- . «Pastoral das Vocações». *Voz da Verdade*. 28 de junho de 1981, 2581 edição.
- . «Pastoral das Vocações». *Voz da Verdade*. 4 de abril de 1982, 2621 edição.
- . «Pastoral Vocacional no Patriarcado». *Voz da Verdade*. 25 de janeiro de 1981, 2559 edição.
- . «Pré-Seminário». *Sinal*, n. 23 (1982): 2.
- . «Programa de Pastoral das Vocações para 1978/79». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano XI, n. 100 (1978): 19–21.
- . «Programa de Pastoral das Vocações para 1979/80». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano XII, n. 103–105 (1979): 28–30.
- . «Programa de Pastoral Vocacional». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano X, n. 95 (1977): 28–30.
- . «Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações». *Noticiário*, n. 16 (1979): 6–7.
- . «Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações». *Noticiário*, n. 54–55 (1982): 7–9.

- Voz da Verdade. «Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil». 16 de março de 1980, 2514 edição.
- «Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil: Estatutos». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano XII, n. 106–108 (1979): 35–36.
- Secretariado Diocesano das Vocações. «Acampamento Vocacional para Adolescentes». *Voz da Verdade*. 9 de agosto de 1981, 2587 edição.
- «Seminário de Almada». *Sinal*, n. 23 (1982): 3.
- «Seminário de Almada». *Sinal*, n. 42 (1986): 2–3.
- «Seminário de Almada». *Sinal*, n. 58 (1989): 3.
- «Seminário de Almada». *Sinal*, n. 64 (1990): 4.
- «Seminário de Almada». *Sinal*, n. 71 (1992): 3.
- «Seminário de S. José». *Sinal*, n. 47 (1987): 3.
- «Seminário e Pastoral das Vocações». *Noticiário*, n. 3 (1978): 5.
- «Seminários». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano I, n. 7 (1968): 19.
- «Seminários». *Noticiário*, n. 40 (1981): 4.
- «Seminários». *Noticiário*, n. 39 (1981): 5.
- «Seminários Menores». *A Messe do Senhor*, Ano XXXII, n. 110 (1963): 4–5.
- Sousa, Pedro. «(Re)encontros com a história!» *Graça de Pena firme*, 8 de dezembro de 2013.
- Teixeira, José Amaro. «Até os vindouros declinarão os vossos nomes». *A Messe do Senhor*, n. 56 (1948): 4–6.
- Vargas, Vítor. «Experiências: Centro de Animação da Pastoral Juvenil». *Boletim Diocesano de Pastoral*, Ano IX, n. 87 (1976): 13–17.

ESTUDOS E ENSAIOS

- Almendres, Gregório. *Quando Deus chama*. 2ª edição. Coleção Marana-thá. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1965.
- Ataíde, Mendo Saraiva de Reffóios Paes de. «A questão da formação sacerdotal no contexto das transformações paradigmáticas do século XX em Portugal: o caso do Seminário dos Olivais». Tese de Dissertação de Mestrado, Faculdade de Teologia - Universidade Católica Portuguesa, 2019.
- . *O Caso do Seminário dos Olivais: da fundação à recepção conciliar*. Moscavide: Associação Monsenhor Pereira dos Reis, 2021.
- Azevedo, Carlos Moreira, ed. *História Religiosa de Portugal*. Vol. 2: Humanismos e Reformas. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- Cencini, Amedeo. *A história pessoal, morada do mistério: indicações para o discernimento vocacional*. Prior Velho: Paulinas, 2009.
- Centro Internazionale Vocazionale Rogate. *Dicionário de Orientação Vocacional*. Biblioteca de Cultura Religiosa. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- Citrini, Tullio. «Vocação (Teologia da)». Em *Dicionário de Orientação Vocacional*, 1446–57. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- Clemente, Manuel, Serafim Ferreira e Silva, Dário Pedroso, David Sampaio Barbosa, Duarte da Cunha, João António Pinheiro Teixeira, José Carlos Nunes, et al. *Sacerdotes em Cristo: 12 Testemunhos de um Chamamento*. Lisboa: Paulus, 2009.
- Comissão Episcopal para a Disciplina dos Seminários. *Os Seminários em Portugal: Estudo Comemorativo do Decreto Tridentino e da sua Execução em Portugal*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1964.
- Conferência Episcopal Portuguesa, ed. *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2019.
- Conti, Luigi. «Seminários». Em *Dicionário de Orientação Vocacional*, 1274–90. Prior Velho: Paulinas, 2008.

- Cordobés, J. Manuel. «Vocação». Em *Dicionário de Espiritualidade*, 1187–92. Dicionários. Prior Velho: Edições Paulinas, 1989.
- Escrivá, Josemaría. «Rumo à Santidade». Em *Amigos de Deus*, 4ª edição, 513–42. Lisboa: Diel, 2010.
- Fiores, Stefano de, e Salvatore Meo, eds. *Dicionário de Mariologia*. Dicionários. São Paulo: Paulus, 1995.
- Forte, Bruno. *Sobre o Sacerdócio Ministerial: Duas Meditações Teológicas*. Lisboa: Edições Paulistas, 1993.
- Guerra, Maria Luiza. *Grito da Noite: ...Rosário Vivo*. Lisboa: Obra das Vocações Sacerdotais, 1955.
- Laeng, Mauro. «Vocação». Em *Dicionário de Pedagogia*, 261–62. Informação e Cultura 3. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.
- Madureira, Jorge. «Pré-Seminário». Em *Dicionário de Orientação Vocacional*, 1152–55. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- Martini, Carlo Maria. *Bíblia e Vocação*. Lisboa: Edições Paulistas, 1991.
- Martins, José Saraiva. *A Igreja nos alvares do terceiro milénio: reflexões teológico-pastorais*. Ensaio 4. Lisboa: Paulinas, 2002.
- Masseroni, Enrico. «Vocação e Vocações». Em *Dicionário de Teologia Moral*, 1316–27. Dicionários. São Paulo: Paulus, 1997.
- Mendes, Rodrigo. *Nos 75 anos do Seminário de Almada: um roteiro histórico-artístico*. Almada: Seminário de São Paulo de Almada, 2011.
- Mendizábal, sj, Luis, e Pedro Huizing, sj. «Decreto del Concilio Vaticano II sobre la Formacion Sacerdotal». Em *Estudios sobre el Concilio Ecuménico Vaticano II*, 65–126. San Sebastián: Ediciones Dinor, 1967.
- Molho de Faria, António. *Os Pais e a Vocação*. Braga: Oficinas Gráficas Augusto Costa, 1952.
- Molin, G. «Vocação». Em *Dicionário de Teologia Bíblica*, II:1162–66. São Paulo: Edições Loyola, 1973.
- Morán, Luis Rubio. «Chamar/Chamamento». Em *Dicionário de Orientação Vocacional*, 271–88. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- Nabais, João A. *Contribuição da Psicologia Moderna e da Pedagogia para a Selecção e Orientação das Vocações Sacerdotais: Experiência Feita na Arquidiocese de Évora*. Lisboa: União Gráfica, 1951.
- Neves, Ricardo Alexandre de Oliveira. «Pastoral juvenil e consciência eclesial nos anos 70: o Centro de Animação da Pastoral Juvenil (CAPJ)». Tese de Dissertação de Mestrado, Faculdade de Teologia - Universidade Católica Portuguesa, 2000.
- O Decreto sobre a Formação Sacerdotal*. Magistero Conciliare 9. Torino: Elle Di Ci, 1967.
- Obra das Vocações do Patriarcado de Lisboa. *Curso de Orientação Vocacional para Adolescentes*. Lisboa: s. ed., 1967.
- Obra das Vocações Sacerdotais. *Movimento dos Centros em 1967*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, 1968.
- . *O Padre Homem dos Sacramentos*. Lisboa: Centro Diocesano, 1963.
- Obra das Vocações Sacerdotais do Patriarcado de Lisboa. *Temas de Estudos para as Reuniões: O Padre, Homem da Mensagem*. Lisboa: Obra das Vocações Sacerdotais, sem data.
- . *Temas de Estudos para as Reuniões: O Padre, Homem da Missa*. Lisboa: Obra das Vocações Sacerdotais, 1958.
- Oliveira, Miguel de. *História Eclesiástica de Portugal*. 3ª. Lisboa: União Gráfica, 1958.
- Oporto, Santiago Guijarro. «Discipulado». Em *Dicionário de Orientação Vocacional*, 539–48. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Amadora. «Párocos, Vigários Paroquiais (co-adjutores) e colaboradores». Acedido 1 de Outubro de 2021. <http://www.paroquia-amadora.pt/parocos-vigarios-paroquiais-co-adjutores-e-colaboradores/>.
- Pasini, Giuseppe. «Serviço». Em *Dicionário de Orientação Vocacional*, 1297–1304. Prior

- Velho: Paulinas, 2008.
- Patriarcado de Lisboa. *A Igreja Diocesana de Lisboa: Estudo Monográfico - II*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, 1986.
- . *Pensar a Pastoral das Vocações*. Lisboa: Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, 1979.
- Pré-Seminário da Diocese de Coimbra. *Pré-Seminário: Novas Perspectivas para Novos Contextos*. Coimbra: Diocese de Coimbra, 2006.
- Rogier, L.-J., Roger Aubert, e M. D. Knowles, eds. *Nova História da Igreja*. Vol. III: Reforma e Contra-Reforma. Petrópolis: Vozes, 1971.
- Seminário Patriarcal de São Paulo: 1935-1985*. Almada: s. ed., 1985.
- Silva, Carlos Aleixo. *O Seminário Liceal de Penafirme (1960-1977)*. Torres Vedras: s. ed., 2010.
- Trese, Leo J. *Vaso de Argila*. 2ª edição. São Paulo: Quadrante, 2018.

ANEXOS

A. ENTREVISTA AO CÓNEGO ARMANDO DUARTE³⁷⁶

Pedro – Padre Armando, a primeira pergunta que lhe gostava de fazer sobre o Pré-Seminário de Lisboa tem que ver com a fundação. Será que podemos dizer que o surgimento do Pré-Seminário é resultado do *Plano de Ação da Pastoral das Vocações*? O plano sai em oitenta e um e o Pré-Seminário é criado em oitenta e dois. Será que foi resultado desse plano?

Cónego Armando – Quer dizer, indiretamente sim. Mas, de facto, o Pré-Seminário antes de ser já o era. Eu vim trabalhar para o Secretariado da Pastoral das Vocações em mil novecentos e setenta e seis, salvo erro. E, pronto, naturalmente, nessa altura, a Pastoral Juvenil ainda estava bastante incipiente e ainda não tinha sido criado o secretariado, mesmo o Centro de Apoio à Pastoral Juvenil (CAPJ) é posterior. Portanto, a Pastoral Juvenil confundia-se um bocado com a Pastoral Vocacional. O padre Joaquim, no Oeste, tinha as chamadas Assembleias de Jovens e nós começámos a fazê-las aqui em Lisboa, mas a pouco e pouco fomos apercebendo que... nós íamos a uma paróquia e não fazíamos apenas um encontro com os jovens... falávamos na missa; em muitas paróquias tínhamos encontros com os catequistas; com os pré-adolescentes... havia experiências em muitas paróquias e começámos a dar conta que, quer entre os miúdos da catequese, quer entre esses pré-adolescentes, havia miúdos que diziam que queriam ser padres e para os quais não havia resposta, porque não havia Seminário Menor na Diocese.

Pedro – Essa é outra questão: não havia Seminário Menor, mas havia a problemática do Seminário Menor? Ou seja, havia um problema que era o Seminário Menor, que estava por resolver, porque havia uma comissão que, depois, mais tarde, estudará essa questão, não é?

Cónego Armando – Sim. De modo que começámos a fazer encontros, também, com os miúdos, com as crianças da catequese, e com os pré-adolescentes, e, depois, encontros específicos com aqueles que diziam que queriam ser padres. Ao mesmo tempo, também criei o Centro Inter-Vicarial de Ministrantes do Altar. Com o Concílio, em muitas paróquias, tinha deixado de haver acólitos, mas ainda havia nalgumas paróquias. Apoiado nessas paróquias onde havia acólitos, concretamente em Santa Engrácia, na Sé, em São João de Deus, nas paróquias onde os ventos da reforma litúrgica não varreram os acólitos...apoiados nessas paróquias, começámos a dinamizar o acolitado na Diocese. Que nessa altura era só para rapazes e a intenção era: entre aqueles que serviam mais de perto o altar suscitar, também, o bichinho da

³⁷⁶ A entrevista que aqui apresentamos resulta de uma conversa que tivemos com o cónego Armando Duarte, no dia 22 de setembro de 2021, na Basílica dos Mártires, que foi gravada e posteriormente transcrita, simplificando a linguagem coloquial.

vocação. E este trabalho foi-se desenvolvendo...e os campos de férias e os encontros nas paróquias, com essa especificidade, ajudavam, de algum modo, a dar resposta aos miúdos e aos adolescentes que punham a possibilidade de serem padres. Foi sendo um trabalho cada vez mais absorvente. E, às tantas, em mil novecentos e oitenta e dois, precisamente, deixei o Secretariado da Pastoral das Vocações, para me dedicar só ao Pré-Seminário e aos acólitos. Portanto, o Senhor Patriarca deu-me a Capela da Carreira, na Rua Gomes Freire, que estava completamente em ruínas. Foi o meu primeiro trabalho de reconstrução de uma igreja; e começámos lá a funcionar e a coisa foi-se estruturando cada vez mais. Houve depois um decreto de ereção do Pré-Seminário.

Pedro – Tocava num ponto que é importante, que é, nessa altura, os acólitos estavam dentro da Pastoral das Vocações, que é uma coisa que, hoje, não acontece. Hoje, os acólitos estão dentro do Departamento da Liturgia.

Cónego Armando – Quer dizer, não estava assim tão estruturado. Portanto, os acólitos apareceram ligados à Pastoral das Vocações e, depois, muito ligados ao Pré-Seminário.

Pedro – E esses encontros que falava de campos de férias, etc... que aconteceram antes de oitenta e dois, alguns deles já tinham o nome de Pré-Seminário?

Cónego Armando – Sim, isso mesmo.

Pedro – Por isso, quando o Senhor Patriarca quis criar a instituição, já havia esse nome a soar. Já não era uma novidade a existência do nome Pré-Seminário?

Cónego Armando – Aliás, quem primeiro usou essa expressão, a quem eu fui copiar, foram os dehonianos. Os dehonianos tinham o seu Pré-Seminário. Havia um padre muito dinâmico na pastoral das vocações dos dehonianos e que tinha o seu Pré-Seminário. E, depois, foi uma coisa que se foi generalizando. A segunda fase foi esta: quer dizer, o Pré-Seminário era uma resposta excelente para os miúdos, em primeiro lugar, que tinham acessibilidade para vir aos encontros, por essa Diocese além havia muitos...quer dizer, a rede de transportes não era como hoje e isso dificultava muito a ida dos miúdos. Depois, o Pré-Seminário supõe uma família cristã, onde as crianças pudessem ser educadas e, também, onde pudessem alimentar esse gérmen da vocação. Além disso, supõe também que estivessem em escolas decentes, não é? Mas havia muitos miúdos a quem não era acessível, não era fácil, ir aos encontros do Pré-Seminário. Havia muitos miúdos que estavam em famílias destroçadas e que se sentiam chamados ao sacerdócio. E havia miúdos com boa vontade, mas onde as escolas eram demolidoras de qualquer gérmen da vocação. De modo que se volta a pôr o problema. Para estes miúdos a resposta tem que ser um Seminário, propriamente dito. E foi assim que foi criado, de novo, o Seminário Menor.

Pedro – Padre Armando, qual foi a equipa que esteve consigo na origem? Porque o Senhor Patriarca, no decreto, põe-no como diretor e diz que, depois o diretor, arranjará pessoas para formar com ele a equipa.

Cónego Armando – Deixa-me cá ver... era o padre Joaquim Pedro...o padre João Seabra foi sempre officiosamente... não sei. Não sei se havia mais algum padre...

Pedro – Mais tarde aparecerá o padre Mário Rui, não é?

Cónego Armando – Sim, mas é mais tarde.

Pedro – Depois o padre Traquina também mais tarde; o padre Armindo...

Cónego Armando – O padre Traquina já não é do meu tempo. O padre Armindo Garcia foi quem me substituiu na Pastoral das Vocações. Já não me lembro bem quem esteve comigo na origem. O padre Joaquim Pedro sei que sim, deu sempre uma boa ajuda e foi sempre uma boa presença. Já me lembro: a doutora Adosinda Figueiredo, fazia parte também da equipa inicial. Não sei se haveria alguma religiosa...

Pedro – Depois da criação, o Pré-Seminário, pelo menos na organização que tem hoje, que já vem de trás certamente, começa a funcionar quase como o Escutismo: na arrumação dos grupos...o sistema de patrulhas. Ou seja, os rapazes estão divididos por grupos. Isso também é do seu tempo da criação? É mais tarde que surge? Quando estava a criar o Pré-Seminário como é que o pensou?

Cónego Armando – Quer dizer, é natural que algum elemento escutista estivesse presente na minha mente, porque eu também fui escuteiro. Eu devo dizer que, da minha parte, tinha mais presente a experiência dos campos de férias dos jesuítas. Portanto, eu fui colega em teologia do padre Hélder, que depois deixou de ser padre, que foi o fundador dos campos de férias dos jesuítas, e convidava-me muito... e, de modo, que essa dinâmica dos campos de férias dos jesuítas talvez tenha marcado o início. Pronto, e depois, foi preciso fazer a distinção de idades: dos mais pequenos para os mais velhos. Depois, com os mais velhos, sobretudo para os que viviam aqui em Lisboa, mas não só, todas as semanas tínhamos uma formação, começava com o jantar. Já não sei como era o resto, mas começava com o jantar. Tudo na Capela da Carreira. Os campos de férias eram mais feitos em Penafirme. Mas, de facto, a experiência dos campos de férias dos jesuítas talvez estivesse mais presente do que propriamente a dinâmica escutista.

Pedro – E como é que foi a receção dos padres da Diocese ao Pré-Seminário? Era uma coisa que era precisa, não é? O padre Armando reconhece isso, que havia falta de um organismo que ajudasse aqueles que têm esses gérmens de vocação?

Cónego Armando – É difícil generalizar, não é? Portanto, eles conheciam-me da altura em que eu ia batendo as paróquias com um grupo que ainda hoje existe. O Grupo de Apoio à

Pastoral Vocacional, o GAPV. Todos os Domingos, eu ia a uma paróquia... todos os fins de semana. Portanto, não ia muito ao Oeste, porque o Oeste era mais com o padre Joaquim. Mas aqui, Lisboa e Termo, bati bastante todas as paróquias. Havia padres, nessa altura, muito magoados com o Seminário dos Olivais e com tudo o que dissesse respeito aos Seminários, mas que, a pouco e pouco, me foram abrindo as portas. Lembro-me do monsenhor Mário Correia, que tinha sido o homem da OVS; lembro-me do padre, prior de Benfica; lembro-me do padre de São João de Deus, padre Teodoro. Portanto, havia assim padres, de quem eu inicialmente levei alguns «nãos», mas que depois foram abrindo as portas e recebendo com boa vontade as propostas que fazia... E, portanto, porque me conheciam, sobretudo aqui em Lisboa, o Pré-Seminário foi muito bem recebido.

Pedro – Falava há bocado que o grupo deste apoio à Pastoral Vocacional ainda está ativo?

Cónego Armando – Não está ativo, quer dizer, é um grupo, foi o meu primeiro grupo de jovens e, de vez em quando, ainda nos encontramos. Já são todos sexagenários.

Pedro – E como é que foi, depois, a relação do Pré-Seminário com os Seminários? Porque, na altura, quando o Pré-Seminário é criado só temos Olivais e Almada, não é? O Seminário pastoral e o vocacional. Como é que é a relação do Pré-Seminário com os Seminários?

Cónego Armando – Quando chegava a altura... portanto, onde se fazia um caminho de discernimento vocacional com algum e se consolidava nele este desejo de ser padre, apresentava-o ao Seminário. E, depois, a equipa do Seminário tratava do resto.

Pedro – Há uma coisa muito engraçada. O Pré-Seminário teve um jornal, chamado *A Caminho*, mas nos relatórios e, sobretudo nos boletins que eu fui lendo, contava que o *A Caminho* estava ligado ao Grupo de Apoio à Pastoral Vocacional. Este jornal Pré-Seminário, o jornal, o *A Caminho* vem desta história, não é?

Cónego Armando – Sim, o *A Caminho* era o jornal do Grupo de Apoio à Pastoral Vocacional. Depois, o padre Armindo nunca, quer dizer, certamente, do ponto de vista burocrático e assim, trabalhou bastante bem, mesmo que nunca mais. A Pastoral Vocacional teve uma dinâmica, não é? Tinha o que o Padre Joaquim lhe dava e aqui em Lisboa deixou de ter. E, portanto, era preciso fazer um jornalinho para o Pré-Seminário. Já havia esse o *A Caminho*.

Pedro – Foi pegá-lo e lançar. Na altura, quando estive nas vocações, escrevia, também, para o *Sinal*, não é?

Cónego Armando – Portanto, a Pastoral Vocacional, a OVS, tinha o *Sinal*. Depois do monsenhor Mário Correia, quem ficou com a OVS foi o padre Lerenó Sebastião Dias e, quando

eu fui nomeado para a Pastoral das Vocações, já não havia nada, não é? Porque acabou o *Sinal*; os centros estavam completamente desmantelados. Portanto, houve um trabalho a fazer nesse sentido. Ainda foram criados centros em muitas paróquias, centros da Pastoral das Vocações, nessa altura já se chamava assim, centros da Pastoral das Vocações em muitas paróquias foram criados; havia o *Sinal*; havia o... ainda fiz várias recolções. Recolção regular com as pessoas do centro. Porque era uma coisa importante a ter, do ponto de vista económico, não é?

Pedro – Sim, o Cardeal Cerejeira escreve muito à Diocese na altura com a OVS, que precisava de algum sustento para os Seminários e, por isso, a OVS, e tudo o resto, fosse também, potenciador desse sustento, não é?

Cónego Armando – Pois, quer dizer, a grande fonte de receita era os trintários gregorianos, não é? As pessoas que dessem mais de cinquenta contos de uma só vez, tinham direito a nove trintários gregorianos. O pior é que, quando eu assumi as coisas, ainda que os padres da Diocese começassem todos a celebrar missas por essa intenção, não havia qualquer possibilidade de cumprir aquilo que tinha sido prometido, não é? As pessoas, que tinham dado esses donativos e que tinham direito aos trintários, tinham morrido ou estavam a morrer, quer dizer, era um problema de consciência enormíssimo. Felizmente, o Padre João Seabra, que era um homem escrupuloso e entendido em Direito Canónico, mas foi preciso pedir à Santa Sé, as pessoas ficaram sem os trintários, mas pronto...

Pedro – Padre Armando, a certa altura, eu fui lendo várias coisas e, em mil novecentos e dezasseis, quando é criada, cá no Patriarcado a OVS, ela aparece como: Obra das Vocações e dos Seminários; depois, o Papa Pio XI cria uma Obra das Vocações para toda a Igreja; a certa altura, quando o Cardeal Cerejeira refaz a OVS em Lisboa aparece, sobretudo nos anos cinquenta, Obra das Vocações Sacerdotais. Ou seja, trocou-se o nome de Obra das Vocações e dos Seminários para Obra das Vocações Sacerdotais. Faz ideia dessa diferença? É a mesma coisa?

Cónego Armando – É o mesmo. Exatamente. No meu tempo, eu não usei a OVS. Embora, sobretudo os centros que ainda vinham de antigamente, continuassem a chamar-se centros da OVS e os padres também, lhe chamavam, centros da OVS. Porque, a nossa dinâmica era para todas as vocações. Portanto, não fazia sentido a Obra das Vocações Sacerdotais. E foi um trabalho muito giro com muitas religiosas. Da equipa do Pré-Seminário fazia também parte uma psicóloga, que era auxiliar do apostolado, já não me lembro como é que ela se chama, mas também fazia parte oficialmente. E fez um bom trabalho com os miúdos.

Pedro – Da criação, lembra-se assim de algum encontro, naqueles primeiros anos, algum momento importante do Pré-Seminário? Assim alguma coisa que tenha guardado como grande recordação?

Cónego Armando – Não me lembro. Não tenho assim nenhum presente na memória.

Pedro – Claro. E da relação do Pré-Seminário com o Seminário Menor, fundado em Caparide, lembra-se de alguma coisa? Caparide surge em oitenta e três, não é, um ano após ter surgido o Pré-Seminário e surge como Seminário pré-universitário? Sabe dizer a razão de não se chamar Seminário Menor, nos documentos?

Cónego Armando – Quer dizer, o Seminário de Caparide surge, porque já era intenção do Senhor Patriarca dar o Seminário de São Paulo à Diocese de Setúbal. Já havia essa ideia.

Pedro – Agradeço muito a sua partilha padre Armando Duarte.

B. TABELA COM A DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE PRÉ-SEMINARISTAS POR PARÓQUIAS, NO INÍCIO DO ANO LETIVO DE 1983/1984³⁷⁷

Paróquia	Número
A-dos-Cunhados	3
Alfeizerão	1
Algés	2
Ameixoeira	1
Arroios	4
Atouguia da Baleia	1
Bairro Padre Cruz	1
Belém	1
Benedita	6
Benfica	5
Cacém	1
Caneças	1
Falagueira	1
Famalicão da Nazaré	1
Lamas	1
Lourinhã	1
Lumiar	1
Marvila	1
Odivelas	1
Olivais-Sul	2
Paço de Arcos	1
Portela	1
Queluz	1
Sagrado Coração de Jesus	1
Santa Engrácia	1
São Domingos	1
São Francisco de Paula	1
São João de Brito	2
Tires	6
Turcifal	1
Total	52

³⁷⁷ Cf. Pré-Seminário de Lisboa, «Pré-Seminário», 1983, 3.

C. TABELA COM A DISTRIBUIÇÃO DOS PRÉ-SEMINARISTAS POR GRUPOS VOCACIONAIS, NOS ANOS LETIVOS DE 1986/1987 E 1987/1988³⁷⁸

Grupo Vocacional	1986/87	1987/88
Iniciados	15	16
Juvenis	24	26
Juniores	21	23
Mais Velhos	22	21
Total	82	86

D. TABELA COM A DISTRIBUIÇÃO DOS PRÉ-SEMINARISTAS POR ANO ESCOLAR NO ANO LETIVO DE 1992/1993³⁷⁹

Ano Escolar	1992/1993
7º Ano	10
8º Ano	15
9º Ano	12
10º Ano	23
11º Ano	9
12º Ano	3
Total	72

³⁷⁸ Cf. Pré-Seminário de Lisboa, «Pré-Seminário», *Sinal*, n. 42 (1986): 4; Cf. Pré-Seminário de Lisboa, «Pré-Seminário», *Sinal*, n. 47 (1987): 3-4.

³⁷⁹ Cf. Pré-Seminário de Lisboa, «Pré-Seminário», *Sinal*, n. 71 (1992): 2.

**E. TABELA PROVISÓRIA DE PRÉ-SEMINARISTAS PARA O ANO LETIVO DE
2003/2004³⁸⁰**

Paróquias	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	10º ano	11º ano	12º ano	Univ.	Totais
Charneca				1					1
Espírito Santo			1					(1)	1 ou 2
Marvila				1					1
N. Sra. Amparo – Benfica								1	1
S. Beatriz – Chelas					1				1
S. Catarina		(1)	1						1 ou 2
S. Eugénio – B.º Encarnação								1	1
CIDADE	0	0 ou 1	2	2	1	0	0	2 ou 3	7 a 9
Barcarena					1				1
Belas				1					1
Famões		1	1	1		1			4
Massamá			1		1				2
Odivelas			1		1				2
Ramada			1		1	1 ou 2			3 ou 4
Rio de Mouro				1					1
S. Domingos de Rana			1					(1)	1 ou 2
S. João da Talha			(1)	2					2 ou 3
Terrugem		1							1
TERMO	0	2	5 ou 6	5	4	2 ou 3	0	0 ou 1	18 a 21
A dos Cunhados						1		0 a 2	1 a 3
Atouguia da Baleia			1		1 ou 2				2 ou 3
Benedita		1	1						2
Bombarral			1						1
Carvalhal Benfeito		2							2
Carvoeira TVD			(1)						0 ou 1
Évora de Alcobaça	1		1		1				3
Lamas				1 ou 2					1 ou 2
Mafra		1							1
Óbidos		1							1
Olhalvo				1					1
Peniche						1			1
Roliça			1		1				2
S. Catarina		1 ou 2	1	1					3 ou 4
S. Mamede		1			1				2
Silveira					1	1			2
Turquel				1					1
Valado de Frades				2					2
Vimeiro ACB				(1)					0 ou 1
Vimeiro LNH			1						1
OESTE	1	7 ou 8	7 ou 8	6 a 8	5 ou 6	3	0	0 a 2	29 a 36
OUTROS	0	0	1	0	0	0	0	0 ou 1	1 a 2
TOTAIS por anos	1	9 a 11	15 a 17	13 a 15	10 a 11	5 a 6	0	2 a 7	55 a 68
TOTAIS por ciclos	1	37 a 43			15 a 17			2 a 7	55 a 68

³⁸⁰ A tabela que aqui apresentamos é reprodução integral de uma tabela constante numa carta dirigida aos priores em setembro de 2003. Cf. Pereira, «Carta aos Priores», setembro de 2003.

F. TABELA COM A DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE PRÉ-SEMINARISTAS POR PARÓQUIAS, NO ANO LETIVO DE 2011/2012³⁸¹

Paróquias	Companheiros de S. João	Companheiros de S. Tiago	Companheiros de S. Pedro	Companheiros de S. Paulo	Total
A-dos-Cunhados	1	3	1	1	6
Alcoentre	0	1	0	0	1
Aldeia Galega da Merceana	0	1	0	0	1
Alfeizarão	1	1	0	0	2
Algés	0	0	0	1	1
Almargem do Bispo	1	0	0	0	1
Ameixoeira	1	0	0	0	1
Arranhó	0	1	0	0	1
Azambuja	0	2	0	0	2
Azueira	0	1	1	0	2
Benedita	1	0	0	1	2
Cacém	1	0	0	0	1
Carregado	0	1	0	0	1
Carvalho Benfeito	0	1	0	0	1
Évora de Alcobaça	1	2	0	1	4
Famões	0	0	0	1	1
Loures	1	1	0	0	2
Massamá	0	1	0	2	3
Milharado	0	0	2	0	2
Moita dos Ferreiros	0	0	0	1	1
Óbidos	0	1	1	0	2
Oeiras	0	0	0	1	1
Paço D'Arcos	0	0	0	1	1
Portela	1	0	0	0	1
Queluz	3	2	0	1	6
Ramalhal	0	0	0	1	1
Santa Catarina	0	3	0	0	3
São Domingos de Rana	0	1	0	0	1
São João de Deus	1	0	0	0	1
São João do Estoril	1	0	0	1	2
São Sebastião da Pedreira	1	0	0	0	1
Silveira	1	1	0	1	3
Sobral Monte Agraço	0	0	1	1	2
Tires	0	2	0	0	2
Ventosa - SMV	0	0	0	1	1
Vermelha	0	0	0	1	1
Vila Franca do Rosário	0	1	0	0	1
Total	16	27	6	17	66

³⁸¹ Cf. Pré-Seminário de Lisboa, «Histórico - Listas por Ano», 2022, Pasta Arquivo, Pré-Seminário de Lisboa.

G. TABELA COM A DISTRIBUIÇÃO DOS PRÉ-SEMINARISTAS POR GRUPOS VOCACIONAIS, NOS ANOS LETIVOS DE 2015/2016 E 2016/2017³⁸²

Grupo Vocacional	2015/2016	2016/2017
Zaqueus	15	13
Companheiros de São Tiago	11	14
Companheiros de São Pedro	16	25
Companheiros de São Paulo	8	13
Total	50	65

³⁸² Cf. Pré-Seminário de Lisboa.